

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO BAIANO  
CENTRO DE ARTES, HUMANIDADES E LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS: CULTURA,  
DESIGUALDADES E DESENVOLVIMENTO  
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Roupa, deficiência e inclusão: A relação da pessoa com  
deficiência com a roupa e a influência em sua autoimagem e  
imagem social

Vanessa dos Santos da Conceição

Cachoeira

2023

VANESSA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

Roupa, deficiência e inclusão: A relação da pessoa com  
deficiência com a roupa e a influência em sua autoimagem  
e imagem social

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), como requisito para qualificação, parte do processo obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação da Professora Dra. Maria Salete de Souza Nery.

CACHOEIRA  
2023

---

C744r Conceição, Vanessa dos Santos da.

Roupa, deficiência e inclusão: a relação da pessoa com deficiência com a roupa e a influência em sua autoimagem e imagem social. / Vanessa dos Santos da Conceição. Cachoeira, BA, 2023.

119f.:il.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Salete de Souza Nery

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Cultura, Desigualdade e Desenvolvimento, 2023.

1. Pessoas com deficiência – vestuário. 2. Moda – Estilo - Brasil. 3. Imagem corporal. I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 646.401

---

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB.

Responsável pela Elaboração – Juliana Braga (Bibliotecária – CRB-5/ 1396)  
(os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

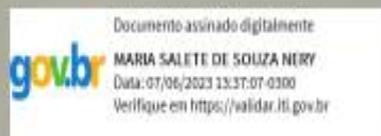
---

VANESSA DOS SANTOS DA CONCEIÇÃO

Roupa, deficiência e inclusão: A relação da pessoa com deficiência com a roupa e a influência em sua autoimagem e imagem social

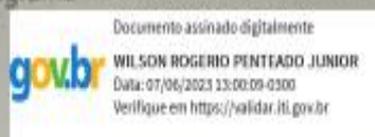
Dissertação submetida à avaliação para a obtenção de grau de Mestre em Ciências Sociais, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.  
Cachoeira, 01 de junho de 2023.

#### EXAMINADORES



Presidente - MARIA SALETE DE SOUZA NERY (UFRB)

*Renata Pitombo Cidreira*  
Externo ao Programa - RENATA PITOMBO CIDREIRA (UFRB)



Interno - WILSON ROGÉRIO PENTEADO JUNIOR (UFRB)

Cachoeira - BA  
2023

Dedico a todos nós, os invisíveis.

## AGRADECIMENTOS

O ato de agradecer envolve olhar para um outro lugar que não é solitário e vazio. Agradecer é reconhecer a coletividade, é ter um olhar atento para o outro e conseguir perceber a participação dele em nossas práticas. Agradecer é um rompimento com um lugar de engano, de segregação. Agradecer é sair da ilusão meritocrática de que construímos tudo sozinho, é acreditar que o outro é essencial para o nosso crescimento, é reconhecer que existem inúmeras possibilidades nas outras pessoas e que elas estão sendo compartilhadas com a gente. É pensar que os nossos medos não são nada, diante da nossa rede.

Esse é um momento feliz.

Agradeço a Deus por tudo que aconteceu nesses meses, até pelos momentos mais difíceis. Agradeço também por ter me concedido força para a realização desse sonho, que por diversas vezes pareceu distante, ou mesmo impossível.

Agradeço a minha mãe, Vera Lúcia dos Santos, por tanto amor e dedicação, por acreditar mais em mim do que eu mesma e por me ensinar a não desistir daquilo pelo que eu batalhei, mesmo diante das adversidades da vida. Agradeço à minha orientadora Salete Nery, que além de orientadora foi uma amiga, entendendo as minhas questões, me impulsionando, me apresentando oportunidades, me trazendo para a realidade, sendo sempre assertiva... Gratidão por seu afeto impulsionador.

Agradeço aos interlocutores pelo tempo e dados disponibilizados para construção dessa pesquisa.

Agradeço aos meus amigos, colegas por todas as trocas. Agradeço também aos meus ancestrais, aqueles que não tiveram as mesmas oportunidades, mas que cada passo dado por eles me trouxe até aqui. Agradeço por toda luta e resistência.

Agradeço a Capes e ao PPGCS.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

## **Resumo**

Nas últimas fases da cultura de consumo, alguns autores afirmam que o indivíduo passa a ter um maior poder de auto expressão a partir da relação que agora estabelece com a roupa e outros bens materiais. No entanto, ao ter acesso a relatos de pessoas com deficiência, direta ou indiretamente, sobre a roupa, notei que essa auto expressão, no caso dessa categoria, ocupa um lugar bem mais complexo do que é proposto pelos autores. A autonomia comprometida, a reprodução de estereótipos e a suposta limitação da indústria especializada são fatores que limitam a auto expressão dessa categoria. Dessa forma, a presente dissertação tem como premissa analisar a relação da pessoa com deficiência com a indumentária, e como essa relação pode influenciar na auto imagem, imagem social e na auto expressão dos indivíduos que compõem esse grupo. Para isso, nos valeremos da pesquisa bibliográfica, da análise de conteúdo de dados qualitativos, da análise semiótica de imagem em movimento e da entrevista semiestruturada para dar conta desse problema.

**Palavras-Chave:** Deficiência, autoimagem, imagem social, indumentária, estereótipos.

## **Abstract**

In the last stages of consumer culture, some authors claim that the individual starts to have a greater power of self-expression from the relationship he now establishes with clothes and other material goods. However, when I had access to reports of people with disabilities, directly or indirectly, about clothing, I noticed that this self-expression, in the case of this group, occupies a much more complex place than what is proposed by the authors. The compromised autonomy, the reproduction of stereotypes and the supposed limitation of the specialized industry are factors that limit the self-expression of this group. Thus, the present dissertation has as its premise to analyze the relationship of the person with disability with clothing, and how this relationship can influence the self-image, social image and self-expression of the individuals that make up this group. For this, we will make use of bibliographical research, content analysis of qualitative data, semiotic analysis of moving image and semi-structured interview to deal with this problem.

**Keywords:** Disability, self-image, social image, clothing, stereotypes.

# SUMÁRIO

## INTRODUÇÃO

Problema de pesquisa

Tabela de dados dos interlocutores

**1. UMA BREVE AUTOETNOGRAFIA: A roupa como um objeto construtor**

**2. MODELOS COM DEFICIÊNCIA, MODA INCLUSIVA E MERCADO**

**3. CORPO E ROUPA: Uma revisão**

3.1. Indumentária e pessoa com deficiência a partir do cinema

**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

**REFERÊNCIAS**

**ROTEIRO DE ENTREVISTA**

# INTRODUÇÃO

A pergunta que essa pesquisa se propõe a responder é: como pessoas com deficiência se relacionam com a roupa e qual a importância desse objeto para a autoexpressão<sup>1</sup>, autoimagem<sup>2</sup> e imagem social<sup>3</sup> dessa categoria?

A motivação para fazer esse recorte surgiu da minha própria experiência como pessoa com deficiência, já que com 12 anos de idade desenvolvi uma patologia rara chamada distonia cervical, a qual faz com que eu tenha movimentos involuntários e dessa forma a interação social aconteça de forma comprometida, já que a minha presença causa estranheza, obviamente porque meu corpo não é o que se espera encontrar nos cenários sociais. Na busca de uma resposta rápida para explicar o que sou, algumas pessoas me intitulam como uma pessoa com deficiência e me tratam de acordo com o repertório que possuem de experiências passadas com outras pessoas com deficiência, enquanto outras confundem os espasmos musculares com as contrações provocadas por um tique nervoso e acabam ignorando ou acolhendo a minha presença no ambiente. De toda forma, sendo vista como uma pessoa com deficiência ou mesmo tendo um tique, o fato de ter algo que não é esperado pelas outras pessoas, levando em conta os padrões que visam as regras de etiqueta corporais, fez com que eu evitasse a interação social o máximo possível. E esse processo não apenas se dava em evitar sair de casa para lugares que não fosse a escola e depois a faculdade, mas também o apagamento por meio do vestuário.

Por muitos anos evitei usar roupas que chamassem a atenção, evitava cosméticos que de alguma forma me deixassem em contato com a vaidade e com a feminilidade, porque, mesmo de forma não consciente, a noção de beleza, de corpo sexy e atraente

---

<sup>1</sup> O conceito de “autoexpressão engloba sinais para os outros de uma identidade externa e de preferências pessoais. É usada como um veículo para transmitir supremacia de singularidade pessoal e de grupos sociais por meio da compra de produtos de marca (Mann & Sahni, 2015)” (ASSIMOS, PINTO, LEITE e ANDRADE, 2019)

<sup>2</sup> O conceito de auto imagem “A autoimagem pode ser compreendida como a forma como o sujeito se vê, como acha que é ou se sente. Trata-se de “um fenômeno psíquico que possibilita ao sujeito representar e registrar os eventos vividos e/ou percebidos.” (OLIVEIRA e MACHADO, 2021)

<sup>3</sup> O conceito de imagem social “corresponde à produção, por alguns dos agentes dominantes, de símbolos homogeneizantes, de estereótipos que organizam a percepção dos territórios e dos grupos.” (LAFERTÉ, 2008)

não atravessava o meu corpo. Ou se atravessasse acontecia sempre pela negação. Eu nunca conheci alguém parecida comigo que exercitasse esse lado da vaidade no qual pudesse me espelhar. Outra informação que acho interessante pontuar é a minha relação com a fotografia: durante a adolescência até a chegada da vida adulta, foi de muito conflito. Na verdade, o conflito não era com a fotografia em si, mas com a não aceitação da minha aparência. Tirei poucas fotos e as que tirava não postava em redes sociais, diferentemente da relação que os meus amigos e colegas tinham com a própria aparência, embora alguns fossem também de categorias estigmatizadas. O meu medo era de ser ridicularizada ou mesmo rejeitada por minha condição, além de não enxergar beleza alguma no meu corpo. A questão é se eu tivesse uma referência, alguém que fosse pelo menos parecida comigo em um lugar de beleza, talvez essa fase não fosse de fato tão difícil e dolorosa. A existência de modelos com deficiência, por exemplo, poderia ser extremamente positivo, embora eu ache que dificilmente veria uma pessoa com uma distonia em tv aberta, porque tudo o que eu sabia sobre deficiência é tudo que eu reproduzi, e era tudo muito negativo.

Pesquisar sobre deficiência nunca foi a minha primeira escolha porque falar, pensar, discutir sobre isso dói, incomoda, mexe em feridas que não estão saradas, me coloca de frente comigo mesma. Mas mesmo podendo escolher entre centenas de outras questões, nada me emociona tanto quanto a questão das pessoas com deficiência, nada me parece mais interessante, embora o desconforto. Esse movimento de entrar em contato com os textos que explicam a minha interação e a interação de tantos outros que vivem uma experiência semelhante e de ir a campo ouvir atentamente as histórias que se cruzam com a minha, é de certa forma uma prática de autoconhecimento, é uma prática de liberdade. Isso porque, segundo Paulo Freire (1967), a prática da liberdade se dá quando o indivíduo percebe a situação real dos contextos que transita, percebe a sua realidade e age para transformá-la.

Além disso, essa pesquisa faz parte de um cenário crescente (mesmo que de forma lenta) no Brasil, que diz respeito ao debate acerca da questão da pessoa com deficiência nas ciências sociais. Segundo Piccolo (2022), a discussão acerca da deficiência, dentro do campo da antropologia no Brasil, ainda é pouco explorada dado ao pouco número de publicações acerca do tema. No entanto, de acordo com Rios, Pereira e Meinerz, é importante destacar que as iniciativas que se apresentam, em relação ao interesse de pesquisa pela questão, “articula um engajamento com o

desenvolvimento e a de políticas públicas e com a proposição de demandas e ações de acessibilidade no interior das associações profissionais e das suas instituições de ensino.” (2019, p.31). O impacto gerado por essas pesquisas, não contribuem apenas para o entendimento da questão da pessoa com deficiência, mas contribui de acordo com Piccolo (2022) para o entendimento da própria humanidade.

Tenho pensado insistentemente sobre a questão do vestuário. Ao tentar camuflar o meu corpo com a roupa, eu não só tentava fugir dos olhares, mas também o rejeitava. Não adornar esse corpo, não usar vestidos, saias, roupas coloridas era uma forma de torná-lo menos atraente ou mesmo feminino. O fato é que se eu tentava com tanta força escondê-lo, talvez uma parte de mim, aquela que não estava sofrendo por ser olhada com estranheza, estava por outro lado concordando com os olhares de repressão e reproduzindo os estereótipos. Assim como as pacientes da clínica de reabilitação para mulheres amputadas que Kafer cita em seu texto e que eu tomo como exemplo no tópico do capítulo 3 desta dissertação.

No dia 03 de março de 2021, Molly McCully Brown publicou no site *The Guardian* o artigo *'I am a woman who wants': on disability and desire*. Molly é uma mulher com paralisia cerebral e relatou em seu texto a relação da pessoa com deficiência, mais especificamente da mulher com deficiência com a sexualidade em meio aos estereótipos que permeiam esse grupo. O relato riquíssimo da autora é baseado na própria vivência e traz já de início uma informação importante sobre imagem corporal:

No outono em que eu tinha 19 anos, entrei no refeitório da faculdade na Califórnia bem a tempo de ouvir um garoto dizendo a uma mesa de conhecidos em comum que ele me achava muito legal, mas sentia muito por mim porque eu ia morrer virgem. Isso já era impossível, mas naquele momento tudo o que importava era a força contundente da certeza do menino. Ele não disse que nunca poderia... ou "Ela pode ser bonita, mas"... ou "Ela pode até fazer sexo?" ou mesmo "Eu nunca foderia um aleijado" – todas as frases que eu tinha ouvido até então. O que ele fez foi, com firmeza, com uma espécie estranha e errada de bondade em sua voz, traçar uma fronteira entre meu corpo e o país do desejo.

Não importava que, àquela altura, eu já tivesse feito minha parte de remexer em camas estreitas de dormitórios; que mais de uma pessoa já tinha olhado para mim e dito: "Estou apaixonado por você", e eu tinha respondido. Não importava que eu tivesse beijado ousadamente um menino na varanda dos fundos na sexta série, surpreendendo-o tanto que a arma de ar comprimido que ele estava segurando disparou, enviando um esquadrão de esquilos marrons subindo pelas árvores. A maioria de mim tinha certeza de que o garoto no refeitório estava certo em todos os aspectos que realmente importavam. Ele sabia que eu nunca seria o tipo de mulher que alguém poderia realmente querer, e eu sabia que até mesmo o desejo do meu

próprio corpo era suspeito e contaminado por falhas. Meu corpo era um país de erro e dor. Foi a melhor tentativa de um médico, uma coisa para administrar e compensar. Era um lugar para sair se eu estivesse caçando bondade, felicidade ou libertação. (BROWN, 2021, tradução livre)<sup>4</sup>

Mesmo tendo vivido experiências que mostravam o contrário sobre a sua identidade, Molly ainda era levada a reproduzir e a acreditar nas crenças que são disseminadas acerca de sua condição. Esteban diz que a “educação tende a moldar nosso organismo e adaptá-lo às exigências e regulamentações da sociedade em que vivemos, o corpo tendo uma função muito importante como mediador cultural” (ESTEBAN, 2013, p. 71). Le Breton afirma que as sociedades ocidentais “fazem da 'deficiência' um estigma, quer dizer, um motivo sutil de avaliação negativa da pessoa. Fala-se então de 'deficiente' como se em sua essência o homem fosse um ser 'deficiente' ao invés de ter uma 'deficiência'.” (2007, p. 74). Maia (2011), por sua vez, conta que na maioria das vezes a imagem corporal da pessoa com deficiência é percebida como desvantajosa, em comparação aos outros corpos não possuidores de uma lesão.

Por imagem corporal, a autora explica que se trata da imagem pessoal que cada indivíduo tem de si, a qual se forma “a partir de um referencial social e cultural, nem sempre é compatível com o real, mas relacionada ao imaginário ou àquilo que é desejável socialmente” (Maia, 2011, p. 55). Maia considera que o indivíduo que possui uma boa imagem corporal, que aceita a sua identidade, assim como aceita “aspectos afetivos e sociais inerentes a sua existência” (2011, p. 55), caracteriza-se como alguém que se estima, que possui autoestima. Essa seria desenvolvida se “os vínculos afetivos familiares e sociais fossem estabelecidos, prioritariamente, por meio de reforçadores, sentimentos de amor, afeto e aceitação” (MAIA, 2011, p. 55). No entanto, na maioria

---

<sup>4</sup> The autumn I was 19, I entered my college dining hall in California just in time to overhear a boy telling a table of mutual acquaintances that he thought I was very nice, but he felt terribly sorry for me because I was going to die a virgin. This was already impossible, but in that moment all that mattered was the blunt force of the boy's certainty. He hadn't said he could never ... or “She might be pretty, but” ... or “Can she even have sex?” or even “I'd never fuck a cripple” – all sentences I'd heard or overheard by then. What he had done was, firmly, with some weird, wrong breed of kindness in his voice, drawn a border between my body and the country of desire.

It didn't matter that, by then, I'd already done my share of heated fumbling in narrow dorm-room beds; that more than one person had already looked at me and said: “I'm in love with you,” and I had said it back. It didn't matter that I'd boldly kissed a boy on his back porch in sixth grade, surprising him so much that the BB gun he was holding went off, sending a squadron of brown squirrels skittering up into the trees. Most of me was certain that the boy in the dining hall was right in all the ways that really mattered. He knew I'd never be the kind of woman anyone could really want, and I knew that even my body's own wanting was suspect and tainted by flaw. My body was a country of error and pain. It was a doctor's best attempt, a thing to manage and make up for. It was a place to leave if I was hunting goodness, happiness or release. (BROWN, 2021)

das vezes, a reação da família diante da chegada de um ente que tem como característica uma lesão que o caracteriza como uma pessoa com deficiência é bem diferente do que seria preciso para o desenvolvimento de uma autoestima positiva. Maia diz que os sentimentos que acometem os familiares geralmente são a “negação e a revolta” (MAIA, 2011, p. 51), assim como a “tristeza e o luto” (MAIA, 2011, p. 53). A questão é que o ente ideal, o filho ideal seria um indivíduo sem deficiência. Goffman (1988) diz que ao nos depararmos com outro indivíduo procuramos nele características que se encaixem nas nossas expectativas normativas. Essa é a definição de identidade social que se divide em duas dimensões: identidade virtual e identidade social real. A primeira diz respeito à identidade que esperamos encontrar, aquela que está dentro da norma, a segunda é aquela que o indivíduo apresenta em consequência de algum atributo. A assimetria entre essas duas dimensões é o que chamamos de estigma. A questão aqui é que a identidade da pessoa com deficiência está atrelada a estereótipos que definem, na maioria das vezes, como eles próprios e outros os indivíduos os quais interagem socialmente entenderam a sua existência no âmbito social.

Para Svendsen, é difícil encontrar um fenômeno social que não sofra influência da moda, já que ela opera no plano econômico, político e artístico. Embora o autor parta da análise do vestuário, para ele a moda pode ser definida como “um mecanismo, uma lógica ou uma ideologia geral que, entre outras coisas, se aplica à área do vestuário” (SVENDSEN, 2010, p. 8) e que é importante para a formação das identidades. Em “Alta costura e alta cultura”, Bourdieu coloca a moda como um campo. E a definição de campo em Bourdieu diz respeito a “um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto” (BOURDIEU, 1983, p. 02)”. Segundo Stallybrass, “pensar sobre a roupa, sobre roupas, significa pensar sobre memória, mas também sobre poder e posse.” (2008, p. 12).

A roupa, como podemos notar, não se trata de um simples objeto que tem como função cobrir o corpo, ela ganha inúmeros significados durante a história, mas hoje na contemporaneidade, além de possuir significados coletivos, ele passa por um processo de significação subjetiva. Para Giddens, o “eu” na modernidade

não é uma entidade passiva, determinada por influências externas; ao forjar suas auto identidades, independente de quão locais sejam contextos específicos da ação, os indivíduos contribuem para (e promovem diretamente) as influências sociais que são globais em suas consequências e implicações. (Giddens, 2002. p.9)

Segundo Giddens (2002), a modernidade garante aos indivíduos, que antes estavam limitados a práticas e preceitos da sociedade tradicional, o cultivo de potencialidades individuais. Esse processo de reflexividade do eu oferece ao indivíduo uma gama de possibilidades, diversidades e principalmente a responsabilidade sobre si próprio e a elaboração de um plano estratégico da vida. Podemos ampliar essa discussão aos grupos socialmente minoritários que, articulados, começam a lutar por seus direitos e pelo reconhecimento de sua existência e dignidade nas especificidades que os constituem.

Segundo Lipovetsky, a fase 2 do capitalismo de consumo, ou melhor a sociedade da abundância, foi marcada pelo “crescimento econômico, pela elevação do nível de produtividade do trabalho e pela extensão da regulação fordista da economia” (1944, p. 32). Nessa fase, a democratização de bens, que havia começado na fase 1, foi aperfeiçoada alcançando as massas, que haviam conquistado o poder de compra a partir da multiplicação dos salários. De acordo com Mesquita (2010), também nessa fase o cruzamento entre a atitude e a roupa, um fenômeno antigo, se intensificou (1950) quando as roupas (assim como muitos objetos na segunda fase do capitalismo de consumo) passou por um processo de democratização, como já havíamos dito, e a sua produção aumentou. Dessa forma, com esse acesso maior às peças de roupa variadas juntamente com outros acessórios se tornou possível expressar a “nossa história e nossa realidade” (MESQUITA, 2010, p. 15). Isso significa que a expressão do desejo de imagem de cada indivíduo, da subjetividade se torna possível a partir desse momento. Mas esse processo só se intensifica mesmo na terceira fase do capitalismo de consumo. O que caracteriza a fase 3 da cultura de consumo “é o menor poder diretivo dos modelos de classe, a liberdade de ação dos atores em relação às normas coletivas e aos hábitos, a individualização das escolhas consumidoras” (LIPOVETSKY, 1944, p.117).

Segundo Featherstone (1995), para entender a sociedade contemporânea é importante compreender o universo da mercadoria juntamente com princípios de estruturação. Para isso é preciso entender,

em primeiro lugar, na dimensão da economia, a simbolização e o uso de bens materiais como 'comunicadores', não apenas como utilidades; em segundo lugar, na economia dos bens culturais, os princípios de mercado - que operam 'dentro' da esfera dos estilos de vida, bens culturais e mercadorias. (FEATHERSTONE, 1995, p. 121)

De acordo com o autor (1995), “o consumo não deve ser visto apenas como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como o consumo de signos.” (FEATHERSTONE, 1995, p. 122). Para ele, o indivíduo moderno na cultura de consumo é consciente de que tanto sua roupa quanto outros bens de consumo comunicam a falta de gosto ou a presença dele. A publicidade dessa cultura sugere que todos os indivíduos independentes de sua condição no mundo têm a chance de se expressar, e expressar a sua subjetividade. De acordo com Mesquita (2010),

A subjetividade contemporânea é composta por fluxos tão intensos que mais desestabilizam do que indicam territórios fixos. A capacidade de mudar na era Moderna – e, principalmente após a década de 1960 -, não como desequilíbrio, mas como um estado ideal. O que se modifica é tratado como “melhor” do que aquilo que permanece.” (MESQUITA, 2010, p. 19).

O que entendemos por subjetividade diz respeito ao “perfil de um modo de ser-de pensar, de agir, de sonhar, de amar, etc., em determinada época” (ROLNIK, 1989 apud MESQUITA, 2010, p. 14). Para Mesquita, existem outros elementos que constituem a subjetividade que atuam no tempo e no espaço, sendo eles “outros tantos verbos, tais como se comunicar, aprender, trabalhar, adoecer, curar, aprisionar, libertar, etc.” (MESQUITA, 2010, p.14).

## **Problema de pesquisa**

No artigo “*Indumentária, um objeto anunciador: A roupa como um construtor de uma nova identidade para pessoas com deficiência*”, que também é parte dessa dissertação, analisei 4 obras audiovisuais, sendo eles os filmes *Margarita de canudinho*, *37 seconds*, *Mucize* e a série *Special*, e notei que a roupa assume um lugar de anunciador de transformação interna de pessoas com deficiência. Isso porque nos conteúdos cinematográficos analisados os personagens eram caracterizados de forma que remetia ao infantil ou negando a performance do sexy, do atraente isso devido à superproteção do núcleo familiar. No entanto, quando os personagens se afastam desse núcleo, começam a desenvolver uma maior autonomia assim como um olhar mais vaidoso sobre seu próprio corpo, e isso fica nítido em um objeto importante para a composição da aparência, a roupa. Desta forma, cheguei à conclusão de que os estereótipos de infantilidade, assexuados, não sensuais ligados ao corpo da pessoa com deficiência também estão registrados na indumentária, o que não significa que esses estereótipos foram construídos ou desapareceram a partir da roupa mas que é necessário

debater a relação de corpo e roupa na correlação com a imagem social e autoimagem das pessoas. Esse fenômeno retratado nos conteúdos cinematográficos extrapolam as representações audiovisuais e aparecem também nos discursos das pessoas com deficiência como uma problemática.

No dia 04 de julho de 2020, a jornalista Virginia López Enano publicou no site do jornal *El País* a matéria “Nós, pessoas com deficiência, temos mais dificuldade para sair do armário. Somos tratados de maneira pior” e deixou uma questão importante sobre a identidade da pessoa com deficiência e a sua relação com a roupa. O primeiro relato de uma mulher com deficiência física e intelectual e lésbica chama a atenção por trazer uma relação complexa e até mesmo violenta que cerca a sua condição (plural) no mundo. A primeira frase do texto diz “Alejandra (nome fictício) gosta de roupas masculinas, mas precisa de ajuda para ir a uma loja.” (2020) e continua: “Se a família não gostar da peça de roupa que ela escolheu, não a compra. Tem cerca de 40 anos e quer tingir o cabelo. Tampouco pode. Seu corpo não lhe responde e seus desejos se extinguem se, ao verbalizá-los, seus pais se recusam a cumpri-los.” (2020).



Fonte da imagem: twitter - @amorlecendo, 2021.

O texto da imagem acima trata-se de um relato de uma mulher com deficiência que mesmo podendo consumir e escolher não encontra roupas que expressem o seu desejo de imagem, porque até mesmo as roupas que são produzidas para comportar corpos com deficiência reproduzem estereótipos. Na verdade, o “escolher” funciona nesse caso dentro das possibilidades dadas pela indústria. Perceba que mesmo a roupa que é feita para comportar corpos que estão fora da régua do corpo dito normal, ela se limita a um estilo e se uma pessoa com deficiência pretende se vestir de forma sexy não poderá, a decisão do que irá vestir não depende dela, já que não existe essa opção. Isso porque as roupas produzidas com a intenção de inclusão já são, muitas vezes,

produzidas por uma ótica estereotipada, e além disso, fatores como preço alto, falta de acessibilidade, entre outros também podem afastar pessoas com deficiência dos seus desejos estéticos.

Se é verdade, como afirmam alguns autores, que a partir das últimas fases da cultura de consumo o indivíduo ganhou uma maior liberdade para se expressar livremente através dos objetos, o que dizer quando o indivíduo não possui opções de peças que dão conta do seu estilo? Essa lógica ainda funciona? Aqueles que se comprometem a produzir roupas inclusivas para pessoas com deficiência realmente estão atentos para necessidades que vão além de cobrir o corpo, como por exemplo o desejo de imagem, ou só estão produzindo mecanicamente? As roupas inclusivas estão sendo produzidas com base nos estereótipos? Qual é a importância da representatividade de modelos com deficiência para a construção da autoimagem das pessoas com deficiência?

O tipo de participação que desempenho nessa pesquisa pode ser considerada uma participação observante. Aqui atuo como observadora, mas também sou sujeito e objeto da minha própria pesquisa. Me identifico como pessoa com deficiência, o que faz com que a minha subjetividade seja um dado e deva ser analisado sistematicamente como qualquer outro. Direcionei as minhas interações sobretudo as virtuais para estar em contato direto e indireto com pessoas com deficiência ou múltiplas deficiências, sejam elas modelos ou não. Tenho tido muitas trocas, algumas até informais, o que só contribui no treinamento das minhas funções cognitivas (olhar, ouvir e escrever). Dessa forma, eu estou no campo o tempo todo. A partir disso afirmo que essa pesquisa seja de fato uma etnografia, estou no campo, convivendo com meus informantes, ouvindo, olhando e escrevendo. Escrevendo é claro em primeira pessoa, dando voz às múltiplas vozes que compõem a pesquisa, assim como propôs Oliveira (2000), usando e pensando técnicas de análise.

Embora a minha formação em ciências sociais, e a oportunidade de ter tido acesso a diversas discussões que problematizavam a questão da neutralidade na investigação social, o fantasma dessa ideia positivista ainda rondava a minha escrita. No entanto, ao entrar em contato com os textos de Ruth Cardoso, como as *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método*, de 1986, e de Roberto Cardoso de Oliveira, a exemplo de *Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever* (2000), textos que se fizeram essenciais para o processo de “desconstrução” da minha escrita, que se encontrava medrosa e receosa pelos motivos já explicados.

Roberto Cardoso de Oliveira (2000), em *Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir e escrever*, diz que o nosso olhar está disciplinado, mais sofisticado e pré-estruturado pelos saberes da nossa disciplina, por isso ao analisar o objeto o nosso olhar seguirá as teorias sociais que fizeram parte da nossa formação profissional. No entanto, não basta só olhar para o objeto, tem que ouvir os membros dos grupos estudados para compreender as estruturas dessas relações sociais, dessa forma deve utilizar uma outra forma para obter dados.

O olhar e o ouvir devem ser recursos que se complementam na atuação do pesquisador. Ruth Cardoso diz que observar é “descrever e situar os fatos unidos e os cotidianos construindo cadeias de significação” (1986, p. 103). Para ela, a participação deve ser tão valorizada quanto a observação porque ambas são condições necessárias para a realização da pesquisa. Segundo a autora, a participação “é condição necessária para um contato onde afeto e razão se completam, a primeira fornece a medida das coisas” (1986, p. 103).

O ouvir, assim como o olhar, é "treinado" dentro da sua disciplina para selecionar as informações que devem ser levadas em conta para a sua análise. A disciplina condiciona ambos os atos cognitivos. Por meio do ato de ouvir é possível compreender não só o sistema de crença que rege os atores do objeto estudado, mas também o significado de cada ideia. Mas para isso é preciso saber ouvir. Isso quer dizer que é preciso não apenas dominar o idioma local, mas também o idioma cultural, ou seja, o conjunto de signos e significações que dá sentido à interação da comunidade, ao ritual... ao objeto que está sendo estudado.

Para Ruth Cardoso (1986), um pesquisador capaz de "boa" interação com as minorias ou grupos populares será sempre um porta-voz de seus anseios e carências, logo da sua "verdade". A função do pesquisador é trazer à tona as situações que estão invisibilizadas e denunciá-las. Oliveira (2000), por sua vez, afirma que a relação observadora informante é uma relação de poder não explícita. Nesse caso quem está exercendo maior grau de poder é o pesquisador. Essa realização se dá durante o ato de ouvir, isso porque o pesquisador não estabelece um diálogo com o seu informante; ele não está tendo uma interação real com o mesmo. Para que essa relação ganhe uma nova roupagem é preciso transformar o informante em interlocutor, maneira pela qual, segundo Oliveira (2000), o diálogo aconteceria. Obviamente que não se trata só da mudança na nomenclatura, o antropólogo precisa promover juntamente com seu entrevistado um "encontro etnográfico", em que se

Cria um espaço semântico partilhado por ambos interlocutores, graças ao qual pode ocorrer aquela "fusão de horizontes" como os hermeneutas chamariam esse espaço -, desde que o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre "iguais", sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso. (OLIVEIRA, 2000, p. 21)

Oliveira (2000) acredita que é preciso que haja uma troca de informações e ideias entre etnólogo e informante. Segundo Ruth Cardoso (1986), a entrevista no momento em que se realiza é uma forma de comunicação entre o pesquisador e o informante, e ambos estão procurando entendimento. Eles estão ali presentes, vivos, interagindo um com o outro. Os valores do observador não precisam ser olhados como obstáculos porque são condições para “compreender as diferenças e de superar o etnocentrismo”. (CARDOSO, 1986, p. 102)

O ato de escrever, diferente das anotações que fizemos em campo, é quando textualizamos o que recolhemos no campo, é quando interpretamos a cultura do grupo que estamos a estudar de acordo com o aparato teórico disponibilizado pela nossa disciplina de formação. O momento de escrever está sobretudo direcionado pelas nossas vivências no ambiente acadêmico. Para Oliveira (2000), no ato da escrita o “autor não precisa se esconder sistematicamente sob a capa de um observador impessoal, coletivo, onipresente e onisciente, valendo-se da primeira pessoa do plural: nós”. Obviamente que o autor pode em certas situações fazer uso dessa retórica, mas ela não precisa atuar como um padrão. Para Oliveira, é importante deixar visível a quantidade de vozes presentes no texto, pois elas precisam ser distinguidas e jamais silenciadas. Para Ruth Cardoso (1986), a interpretação não se encontra isolada das realidades do pesquisador e de seu informante, a coleta de dados é a combinação entre a descobertas de novas pistas elaboradas por meio de relatos das entrevistas e reformulação de hipóteses. O pesquisador dessa forma é responsável por mediar a análise e a produção da informação se colocando como um elo entre elas.

Para ambos os autores, a subjetividade deve ser visibilizada e garantida na escrita, sobretudo na perspectiva de tornar a pesquisa mais humanizada quando se discute, por exemplo, a relação de poder entre os autores (pesquisador e interlocutor) ou mesmo o engajamento político do pesquisador quando vêm à tona questões que são invisíveis para ele e também para aqueles que fazem parte do grupo estudado. Embora a ideia de trazer a subjetividade para a pesquisa seja de fato uma quebra com esse padrão etnocêntrico, que consiste em ver o outro como objeto, Cardoso (1986) salienta que é

preciso tomar cuidado e encontrar um caminho intermediário para o uso da subjetividade na investigação científica para não a transformar em um instrumento do negacionismo.

A importância da realização da pesquisa justifica-se pela fundamental relevância que assume a desconstrução de estereótipos ligados à estética da pessoa com deficiência. Isso porque os últimos anos de lutas por representatividade de várias categorias excluídas geraram algumas mudanças sociais, uma delas é a inclusão de corpos que não fazem parte do padrão estético vigente, no campo da moda. Apesar dessas lutas, existe ainda uma lacuna nas pesquisas que abordam a questão estética das pessoas com deficiência diante das transformações sociais atuais.

Temos como principal objetivo dessa pesquisa compreender como pessoas com deficiência se relacionam com a roupa e qual a importância desse objeto para a auto expressão, autoimagem e imagem social dessa categoria. Temos como objetivos específicos: Discutir a relação corpo e roupa a partir da revisão bibliográfica; Analisar a relação de pessoas com deficiência que possuem pouca autonomia com a roupa e o que esse grupo pensa a respeito dessa relação; Analisar a presença das pessoas com deficiência física no campo da moda atuando como modelos e na publicidade; Identificar se a roupa inclusiva reflete estereótipos ligados ao corpo da pessoa com deficiência.

Para dar conta de explicar essas questões as quais me propus a analisar, utilizei juntamente com a pesquisa bibliográfica, a análise de conteúdo de dados qualitativos, a análise semiótica de imagem parada, a análise semiótica de imagem em movimento e a entrevista semiestruturada. A unidade de registro dessa pesquisa são conteúdos cinematográficos, posts em sites e conteúdos obtidos por meio de entrevistas.

Para analisar os conteúdos cinematográficos, utilizaremos como técnica a análise semiótica de imagens em movimento. O procedimento, segundo Rose, foi pensado para investigar as representações da loucura na televisão, no entanto “tem aplicação mais geral pois abrange um conjunto de conceitos e técnicas que podem servir de orientação na análise de muitas representações sociais no mundo do audiovisual” (2004, p. 343). Para a realização, a análise se divide em três etapas: a primeira é a seleção do conteúdo a ser analisado; a transcrição; e a codificação. A autora afirma que não existe uma técnica de análise que capte uma verdade única do texto original.

Outra importante técnica de coleta de dados, além da constituição de um corpus imagético, será a realização de entrevistas semiestruturadas. Esse recurso servirá para entender a percepção das pessoas com deficiência sobre a própria imagem, a sua relação com a roupa e a importância de ocupar espaço para modelos com deficiência física e a importância para as pessoas com deficiência de ter representatividade no campo da moda.

A entrevista foi realizada através de ferramentas remotas como chamada de vídeo, levando em consideração também o deslocamento e a situação pandêmica, que tinha previsão de fim incerta no começo da pesquisa, e a distância geográfica em relação a interlocutores.

A entrevista, enquanto técnica para obtenção de informações, para Colognese e Mélo, “trata-se de uma conversa interessada, orientada pelo entrevistador para fins de pesquisa, pela qual objetiva-se apreender informações sobre o comportamento e a consciência dos sujeitos investigados tanto quanto possível, em seu estado dado, objetivo” (COLOGNESE E MÉLO, 1998, p. 143). Para os autores, a entrevista é um processo de interação social no qual acredita-se que os entrevistados detêm informações que podem elucidar questões.

A entrevista semiestruturada, segundo Colognese e Mélo (1998), é aquela em que o entrevistador tem uma participação bem mais ativa, embora ele se baseie em um roteiro de questões definidas anteriormente. No entanto, apesar das questões estarem previstas com antecedência, não há problema algum em adicionar outras que ajudarão a “elucidar questões ou ajudar a recompor o contexto.” (COLOGNESE, MÉLO, 1998, p. 144)

A entrevista contou com 7 interlocutores, são de homens e mulheres de 22 a 27 anos, que nasceram com uma lesão. Todos os interlocutores possuem um contato muito próximo com a internet e conseqüentemente com informações diversas, inclusive sobre a sua própria condição no mundo. Entramos em contato com outros interlocutores - o total de 8 pessoas ao certo - mas houve uma recusa em relação a entrevista; o motivo não foi dito. Os nomes utilizados são fictícios, afim de proteger a identidade dos interlocutores.

### **Tabela de dados dos interlocutores**

Nome	Idade	Lesão ou patologia	Gênero
------	-------	--------------------	--------

Mauricio	26 anos	Xxxx	masculino - homem cis
Marcela	22 anos	paralisia cerebral	feminino - mulher cis
Ana	23 anos	ortogênese imperfeita	feminino - mulher cis
Ruan	27 anos	Xxx	masculino - homem cis
Maria	26 anos	artrogripose múltipla congênita	feminino - mulher cis
Ricardo	24 anos	paralisia cerebral	masculino - homem cis
Carlos	22 anos	mielomeningocele	masculino - homem cis

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados obtidos na entrevista.

A pesquisa também contou com a extração de dados de vídeos da plataforma *Youtube*, isso serviu para obtenção de dados sobre a inclusão da pessoa com deficiência no mundo da moda em relação a roupa e também as modelos. A entrevista semiestruturada, além de elucidar a importância da atuação no campo da moda para as pessoas com deficiência, tem a intenção de validar a relevância do presente objeto de pesquisa. Isso porque, uma vez que a inclusão apresente relevância para esse grupo, indicará que a pesquisa pode trazer benefícios ao investigar e explicar esse presente fenômeno.

Não encontramos estudos sobre essa recente inclusão de pessoas com deficiência no campo da moda. O que conseguimos são diversas matérias em *blogs*<sup>5</sup> de notícias os quais trazem informações sobre o tema. Por esse motivo, dialogamos apenas com autores que discutem os temas deficiência, estigma, agência e representação para dar conta dessa pesquisa. Inicialmente contaremos com GIDDENS (2002), GOFFMAN (1988), LE BRETON (2007), SVENDSEN (2010), DINIZ (2007), HALL (2016), SILVA (1986), BOURDIEU (1983).

---

<sup>5</sup> Os blogs também são uma fonte válida de dados para essa pesquisa.

Diniz (2007), em seu livro *O que é deficiência?* oportuniza a compreensão da evolução do conceito de deficiência e evidencia a complexidade que ele apresenta. Além do mais, a autora entra em oposição com o conceito de deficiência como anormalidade. Ela defende que a lesão não é uma variante do que se entende como normal da espécie humana e sim um valor moral baseado na estética.

O avanço dos conhecimentos científicos, principalmente na área da biologia e da medicina, no mundo moderno, levou à elaboração e consolidação de um modelo biomédico para entender e explicar o que acontecia com as pessoas com deficiência. Esse modelo reduz a deficiência apenas a seu aspecto biológico: “a deficiência seria a consequência lógica e natural do corpo com lesão, adquirida inicialmente por meio de uma doença (...). A deficiência seria em si a incapacidade física, e tal condição levaria os indivíduos a uma série de desvantagens sociais.” (FRANÇA, 2013, p. 60)

De acordo com Bisol, Pegorini e Valentini (2017), o discurso da incapacidade se formou no período iluminista, no qual a razão e a lógica passaram a explicar a vida e as concepções religiosas concederam lugar para as concepções científicas, tornando assim “o indivíduo como objeto de estudo a partir de um olhar concreto, objetivo, que busca transformar a realidade em algo previsível e manipulável” (BISOL, PEGORINI E VALENTINI, 2017, p. 90).

O momento histórico em que esse discurso se estruturava era o mesmo em que o capitalismo se firmava como modo de produção dominante. Esse momento é marcado por “transformações nas relações políticas, sociais e na subjetivação dos homens” (BISOL, PEGORINI E VALENTINI, 2017, p. 90). Nesse contexto se exigia que os indivíduos estivessem aptos para exercer o trabalho, que fossem produtivos, e por isso as pessoas com deficiência eram excluídas desse processo, tornando-os indivíduos improdutivos e, portanto, considerados inúteis.

Essa concepção de restringir a participação das pessoas com deficiência e de valorizar o corpo produtivo não é fruto da sociedade contemporânea. Como afirma Silva (1986), o mesmo fenômeno de exclusão de pessoas deficientes da vida social se encontra em outros contextos e culturas; os Astecas, por exemplo, entre 1466 e 1520, mantinham um jardim zoológico no qual exibiam, além dos animais, mulheres e homens com diversos tipos de deficiência para entretenimento. As pessoas com deficiência se “submetiam” ou eram submetidas a essa situação, porque na cultura da época, restavam-nas duas alternativas, a morte ou conformação com a condição de “incapacidade”. Os astecas, para garantir a sobrevivência, utilizavam-se da atividade de

caça, da agricultura e essas atividades exigiam do agricultor e principalmente do caçador certas habilidades as quais garantissem a própria proteção. Como essas atividades não eram ou poderiam ser realizadas por pessoas com deficiência, elas eram colocadas como objetos do ridículo.

Ao lado do modelo biomédico, encontramos o modelo social, que enfatiza os aspectos socioculturais e que surge com os movimentos de luta pelos direitos humanos, das minorias e da contracultura nas décadas de 70 e 80. Nesta perspectiva lesão e deficiência<sup>6</sup> são questões distintas, sendo que:

Lesão é o fato\ dado orgânico-biológico corporal (não andar, não enxergar, não ouvir, não compreender) enquanto deficiência é o resultado cultural e identitário excludente\opressivo (o paralítico, o cego, o surdo, o retardado) da organização social insensível à diversidade do corpo lesionado\lesado. Dessa forma a deficiência é tida como uma 'construção sociocultural' que fixa determinados corpos como significantes universais de incapacidades físicas e sensoriais que se transmutam em incapacidades sociais. (GAVÉRIO, 2017, p. 29.)

No entanto, ainda hoje o modelo social de deficiência é pouco publicizado, visto que continuamos enxergando as pessoas com deficiência ou deficiências como incapazes, dignos de compaixão, seres infantis. Silva afirma que “o preconceito às pessoas com deficiência configura-se como um mecanismo de negação social, uma vez que suas diferenças são ressaltadas como uma falta, carência ou impossibilidade. A deficiência inscreve no próprio corpo do indivíduo seu caráter particular”. (SILVA, 2006, p. 426)

Isso acontece porque a identidade da pessoa com deficiência se encontra estigmatizada, reificada, pois “tende a sofrer, em virtude do estigma, processos de controle social nos quais são negadas importantes oportunidades de metamorfose” (CARDOSO, MAGALHÃES, 2010, p.45). Para os autores, mesmo na interação das pessoas com deficiência com a sociedade os estigmas a eles empregados não se dissolvem totalmente, pois ainda assim estamos sempre os categorizando nos padrões previstos socialmente.

---

<sup>6</sup> Entende-se por lesão no modelo social da deficiência:

“lesão seria uma característica corporal, como o sexo, a cor da pele, ao passo que deficiência seria o resultado da opressão e da discriminação sofrida pelas pessoas em função de uma sociedade que se organiza de maneira que não permite incluí-las na vida cotidiana” (BAMPI, GUILHEM, ALVES, 2010, p. 7).

Goffman (1891), no seu livro *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, diz que o termo estigma surgiu na Grécia, e era utilizado para se referir a marcas corporais, que poderia ser algo de:

extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Essas marcas poderiam ser feitas com cortes ou fogo para indicar que os indivíduos eram escravos, criminosos ou traidores e assim quando em meio ao ambiente público poderiam ser evitados. (GOFFMAN, 1891, p. 5)

O conceito de estigma na contemporaneidade, segundo o autor, pode ser definido como um atributo profundamente depreciativo e que se manifesta na interação social. O estigma é utilizado para contrastar e reafirmar um atributo que foi definido como “normal” em determinada cultura. Manifesta-se como um tipo especial de relação que envolve atributo e estereótipo, já que há atributos que em algumas sociedades direcionam ao descrédito. Segundo o autor, nesse contato o “indivíduo estigmatizado - pelo menos o ‘visivelmente’ estigmatizado - terá motivos especiais, para sentir que as situações sociais mistas provam uma interação angustiada” (GOFFMAN, 1891, p. 5). No cenário do contato social, que envolve um indivíduo dito “normal” e um indivíduo estigmatizado, o possuidor do estigma sempre se encontrará em uma situação mais sensível e delicada.

A identidade estigmatizada das pessoas com deficiência é resistente porque tem nos meios midiáticos um grande aliado. De acordo com Faria e Casotti, a concepção social hegemônica da pessoa com deficiência é de que são dignos de piedade e inúteis e “são representadas em textos culturais a partir dos estereótipos correspondentes, caracterizando a estruturação de mecanismo de opressão” (2014, p. 388, *apud* DARKE, 1998; NELSON, 2003).

Em Hall, “a relação entre ‘coisas’, conceitos e signos se situa, assim, no cerne da produção do sentido na linguagem, fazendo do processo que liga esses três elementos o que chamamos de representação” (2016, p.39). A representação, segundo ele, tem como finalidade ligar o sentido e a linguagem, é também a parte importante para a produção e compartilhamentos de signos e significados entres os atores de cada cultura. Ou seja, é através do que sentimos, pensamos e falamos que damos significados ao que está ao nosso redor, isso com base nos significados compartilhados que carregamos. Os efeitos reais dos significados se realizam através das práticas sociais. A cultura da mídia dissemina várias representações estereotipadas da pessoa com deficiência, cria também sentidos que serão reproduzidos no contato social de indivíduos sem lesão e com lesão.

Já que, segundo Kellner, “as narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje” (KELLNER, 2001, p. 9).

Uma outra representação das pessoas com deficiência está ligada ao consumo. Faria e Casotti acreditam que as pessoas com deficiência nas novelas televisivas, quando relacionadas ao consumo, são invisibilizadas e “muitas vezes, não são consideradas como potenciais clientes e são excluídas de ações de políticas públicas” (2014 p. 387).

Segundo os autores:

O foco desses personagens, na maioria das vezes, está em suas relações afetivas e na superação das dificuldades que a deficiência traz, deixando de lado questões envolvendo consumo, que fica a cargo de outros personagens ‘perfeitos’, sem deficiências. As pessoas com deficiência são apresentadas como indivíduos socialmente excluídos que, ao longo da trama, adquirem força para mudar, tornando-se mais proativos e aceitos em diversos contextos sociais, ainda que permaneçam inaptos para exercer o papel de consumidores. Essas representações reforçam a visão de que a exclusão das pessoas com deficiência como consumidoras é somente uma das facetas que marcam a exclusão social vivenciada por essas pessoas. (FARIA E CASOTTI, 2014, p. 399).

É importante entender como está sendo construída a inclusão da pessoa com deficiência. Mas para isso é preciso compreender as representações que circundam a identidade da pessoa com deficiência, e como essa se relaciona com o campo da moda.

A dissertação conta com três capítulos nos quais se discute a relação da pessoa com deficiência com a roupa. O primeiro capítulo, uma breve autoetnografia, conto e problematizo a minha relação com a roupa nesses 17 anos após a distonia. A relação em questão tem início com a roupa como uma forma de me invisibilizar, mas após uma mudança de percepção passa a ser um instrumento de construção de um indivíduo mais consciente de sua identidade. Reflito sobre a minha auto imagem distorcida e uma imagem social baseada em constrangimento, ambas apoiadas em estereótipos.

No segundo capítulo, avanço no debate sobre a pessoa com deficiência na relação com a roupa. Neste capítulo investigamos a roupa inclusiva, essa que tem como definição se adequar a corpos que estão fora do padrão, do que é considerado normal. A questão a qual apresento aqui é que, segundo relatos de insatisfação das pessoas com deficiência, essas roupas parecem reproduzir estereótipos ligados a esse grupo. Dessa forma, nos dedicamos a debater o que são as roupas disponíveis nas lojas especializadas. O terceiro capítulo é uma breve revisão sobre a roupa e o corpo, a partir

disso discutimos alguns significados atribuídos a esses dois fatores no social, para isso usaremos autores como Veblen (2018), Svendsen (2010), Le Breton (2007), Stallybrass (2008), Miller (1954), Rodrigues (1975), Esteban (2013), Goellner (2013), Berger e Berger (1973). No primeiro e único tópico deste capítulo, investigamos a roupa nas obras cinematográficas, e como os personagens, pessoas com deficiência, se relacionam com esse objeto. A partir dessa investigação, será possível evidenciar como a roupa pode significar mais do que a sua função primária pressupõe.

# 1. UMA BREVE AUTOETNOGRAFIA: A roupa como um objeto construtor

A roupa sempre teve muito significado para a minha família. Meu avô era lenhador, mas na juventude andava impecável, mesmo tendo pouco dinheiro. Sempre usou paletó, calça social, todos feitos por um alfaiate de sua confiança. Minha mãe herdou isso dele, sempre me disse que valia mais ter uma roupa de boa qualidade, a qual duraria anos do que duas que valessem menos, mas que fossem de má qualidade. Cresci ouvindo isso e sabendo que mantínhamos uma relação bem particular com a roupa.

Na minha infância, antes de adquirir uma lesão, minha mãe sempre fazia questão de que eu fosse uma menina bem “feminina”<sup>7</sup>. O que quero dizer com isso, é que ela comprava vestidos com babados nas cores rosa, salmão, amarelo, sapatos de boa qualidade, tudo bem clichê. Não me recordo se eu gostava ou não daquilo, mas acho que nunca foi um incômodo. O que eu lembro com muita riqueza de detalhes, é de quando isso começou a me incomodar, depois adquirir uma lesão, depois da distonia.

Lembro que minha mãe havia comprado com o maior carinho, uma blusa rosa de mangas bufantes, era uma tendência naquele momento, mas nunca a usei porque achava que chamaria muita atenção. Por diversas vezes tive vontade de vesti-la, mas era tão “feminina” e pior, romântica, que eu não me achava digna de fazer uso. Sim, além de não querer ser vista, havia também o sentimento de não merecimento. Parece no mínimo estranho que alguém pense não merecer vestir algo mas a questão é que eu me sentia inferior a todos e inconscientemente, talvez pensasse que aquela bela blusa rosa devesse pertencer a uma pessoa que no mínimo combinasse com ela, naquele momento acreditava que essa pessoa não era eu. E isso foi se repetindo com vestidos, sapatos, outras blusas, saias... alguns deles foram para a doação, para pessoas que realmente pudessem usá-las. Essa memória é tão forte em minha mãe e em outros familiares que de vez em quando, quando compro uma roupa nova diferente do que eu costumava usar, ainda escuto “mas você vai usar essa roupa mesmo?” ou “comprou só para gastar dinheiro”. Há essa crença e ela é muito forte, inclusive em mim. Ainda me questiono se

---

<sup>7</sup> as aspas na palavra “feminina” são usadas para sinalizar o uso da conotação ligada ao que é usualmente entendido por feminino.

alguma roupa da qual eu goste, vale a pena mesmo ser comprada. Mas por ter consciência disso, acabo comprando.

Outra situação em que a vestimenta era uma questão foi nas idas à praia. As poucas vezes que fui à praia naquele momento, em que a minha mente estava condicionada a ter os estereótipos como base, sentia muita vergonha de usar biquíni. Os usava, mas a preferência é que fossem de certa forma grande ou faria uso de um maiô. Carregava a sensação de que a lesão, localizada na região pescoço, estava espalhada pelo corpo todo, e isso me fazia sentir uma vergonha muito grande. Mesmo que essa sensação não se justificasse de fato, ela não era uma criação psíquica, fruto das minhas inseguranças. Por exemplo, no dia 18 de julho de 2022, às 18:11 tive contato com a Marcele, uma mulher com deficiência física, de 22 anos, heterossexual; quando perguntada se sentia atraente, respondeu que mais ou menos, já que em alguns momentos se sente insegura com o corpo. O exemplo dado por ela, diz respeito ao uso de roupa de banho na qual a cicatriz aparece. A cicatriz em questão diz respeito a uma cirurgia de correção da lesão. No entanto, o incômodo está relacionado ao olhar das outras pessoas sobre o seu corpo e não na lesão ou na cicatriz. Marcele diz:

“A cicatriz não me incomoda tanto, mas eu tenho planos de fazer uma tatuagem e esconder tudo. Porque às vezes tem pessoas, que dependendo da situação, a pessoa evidencia a minha cicatriz, então quando isso acontece me incomoda. Mas no geral, eu lido bem com a exposição do meu corpo. [sobre os questionamentos que ouve sobre a sua aparência, ela completa:], O que aconteceu com a sua unha? O que, que aconteceu com sua cicatriz?” (Marcele, 2022)

A praia pode se tornar um ambiente completamente hostil e violento por conta das concepções sobre o corpo da pessoa com deficiência. Um outro exemplo disso é o conteúdo da matéria “*Pessoas com deficiência deixam a praia feia*” (VENTURA, 2019) publicada no site do Jornal *Estadão* no dia 22 de agosto de 2019 por Luiz Alexandre Souza Ventura. Ventura (2019) relata que cinco moradoras idosas de João Pessoa - Paraíba, reivindicaram à vereadora Helena Holanda que transferisse da praia do Cabo Branco o programa *Praia Acessível*, o qual dá acesso a pessoas com deficiência ao ambiente da praia e a praticarem esportes aquáticos. A desculpa para tal reivindicação era estética, os moradores acusaram as pessoas com deficiência de estarem deixando a praia feia e de não estarem contribuindo para a beleza do lugar. Além disso, pediram que fosse colocado um portão para separar a área em que acontecem as atividades das suas moradias.

No dia 19 de outubro de 2021, Maurício, um homem com deficiência, bixessual, de 26 anos, confidenciou que sua aparência, por conta da lesão, já o incomodou por diversas vezes, inclusive ainda hoje. Ele pontuou que muitas vezes se pega pensando que poderia ser diferente do que é, e que por ter os membros inferiores menos desenvolvidos (termo usado pelo interlocutor) é complicado encontrar roupas que se adequem ao seu corpo, precisando sempre adaptá-las. Durante a entrevista, ao ser questionado se por conta da lesão e conseqüentemente da sua aparência já deixara de fazer algo, respondeu

Não muito, eu já deixei assim um tempo de ir à praia, uma coisa assim, porque a logística toda, não era nem só a aparência, eu já estava até acostumado com o olhar, mas a logística, que vai dar trabalho chegar até lá, o tempo. Juntou as duas coisas (a falta de acessibilidade e a aparência) não foi só isso, mas juntou as duas coisas. (eu complemento: então a sua questão é a acessibilidade e a violência simbólica. Porque o olhar, de certa forma, é uma violência. porque geralmente a gente fala muito da questão da acessibilidade e esquece que o olhar também pode, e é uma grande violência, o olhar do outro<sup>8</sup>Ele responde: ) A gente percebe quando é uma coisa mais genuína, mais ingênua, às vezes é uma senhorinha. Mas tem senhorinha que é mais maldosa, tem senhorinha que é mais de boa, então depende da pessoa, do que está acontecendo. Criança, eu gosto de criança, porque criança é muito espontânea. Às vezes dá raiva, mas acho legal que criança fala na lata, o que tem que falar mesmo e acabou. (Mauricio, 2021)

Aparentemente, ainda hoje vivemos um processo de higienismo social, os corpos de pessoas com deficiência são retirados dos ambientes sociais, por conta da estrutura física do lugar, arquitetônica – que no caso da praia, é uma estrutura natural mas que pode ser adaptada para receber o público com deficiência - a qual nem sempre é pensada pelos governantes para torná-la acessível; e quando acontece, como no caso do ambiente desse programa que permite a circulação desse público na praia, ainda assim são convidados a se retirar por conta do posicionamentos culturais e políticos. Corpos com deficiência são entendidos como ameaça à ordem estética daquela praia, assim como ameaçariam a ordem social e política que designa quais corpos devem circular livremente. O que geralmente vemos nas propagandas nas quais a praia é o cenário, são corpos “em forma”, sarados, quase perfeitos, corpos na categoria do que é considerado belo e normal. Em contraste a esses corpos, estão os corpos com deficiência vistos como frágeis, incompletos, quase humanos, desviantes... entende que quando eu vou a

---

<sup>8</sup> O olhar discutido nesse trecho, diz respeito ao olhar de reprovação, nojo que por muitas vezes fazem com que a presença da pessoa com deficiência nos locais, pareça ser indesejada ou errada. No entanto, não é certo afirmar que todos os olhares lançados sobre o corpo da pessoa com deficiência têm o mesmo significado. Os olhares podem, por exemplo, serem de estranheza, curiosidade por se deparar com um corpo que é novo no seu repertório social, assim como podem ser olhares de desejo, admiração, entre outros.

uma praia e me sinto inadequada, com vergonha ou quando cinco idosas reclamam da presença de pessoas com deficiência ou quando Marcele tem vergonha de usar roupa de banho por conta dos comentários acerca da sua aparência ou mesmo a hesitação do Maurício por conta da acessibilidade mas também da sua aparência, não estamos falando fatos isolados mais de lugares e roteiros programados para receber certos tipos de corpos que não os nossos?

Uma vez posteí fotos com algumas amigas em um clube de campo, na foto estávamos em uma piscina, um lugar aberto e visivelmente não era uma clínica de fisioterapia; mas uns dos comentários que recebi na postagem perguntava se eu estava lá, na clínica na qual fazia tratamento. Eu não pertencia àquele lugar, entende? Uma pessoa com deficiência não deveria estar em um lugar de entretenimento, não fazia sentido. Os lugares estão demarcados. É o mesmo estranhamento<sup>9</sup> que uma pessoa de classe alta e média alta, sente ao ver uma pessoa de sandália havaiana circular no mesmo aeroporto e pegar o mesmo avião que ela ou do filho do porteiro do prédio cursar a mesma universidade que o filho de um ministro. É novo para essas senhoras, moradoras da orla daquela praia, ver corpos que antes eram escondidos dentro de casa como se fossem algo do qual as famílias devessem se envergonhar, mas também é crime achar que esses corpos não podem circular livremente em qualquer lugar. De acordo com o artigo 4º do Capítulo II da LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015,

#### DA IGUALDADE E DA NÃO DISCRIMINAÇÃO

Art. 4º Toda pessoa com deficiência tem direito à igualdade de oportunidades com as demais pessoas e não sofrerá nenhuma espécie de discriminação.

§ 1º Considera-se discriminação em razão da deficiência toda forma de distinção, restrição ou exclusão, por ação ou omissão, que tenha o propósito ou o efeito de prejudicar, impedir ou anular o reconhecimento ou o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais de pessoa com deficiência, incluindo a recusa de adaptações razoáveis e de fornecimento de tecnologias assistivas.

§ 2º A pessoa com deficiência não está obrigada à fruição de benefícios decorrentes de ação afirmativa. (BRASIL, 2015)

Para Eco (2007), referenciando o que foi dito por Darwin, aquilo que consideramos feio nos causa sentimento de aversão. Ou seja, queremos afastar aquilo

---

<sup>9</sup> Como foi o caso de Lilian Aragão, que reclamou que o aeroporto parecia uma rodoviária, por ter pessoas de bermuda e chinelo no mesmo voo que ela. E de Guedes que reclamou que o Fies estava promovendo até a entrada do porteiro na universidade.

que é feio, assim como desejamos aproximar o que consideramos belo. Para Wolf, “dizer a uma mulher que ela é feia pode fazer com que ela se sinta feia, aja como se fosse feia e, no que toca à sua vivência, seja realmente feia, enquanto a sensação de ser bonita a mantém inteira.” (1992, p.46, 47). Dessa forma, inconscientemente eu trazia percepções sobre a minha própria imagem que não fazia sentido algum.

Havia uma distorção de imagem. Eu me sentia mais gorda do que eu realmente era, o que não tem nada a ver com a lesão, mas como nessa sociedade o corpo gordo é visto como um corpo abjeto (assim como o corpo com deficiência, o corpo negro, o corpo da mulher), naquele período tudo que significasse de certa forma fora do “normal”, da ordem eu atribuiria facilmente ao meu corpo. Por exemplo, uma crença ligada à religiosidade a qual me guiava socialmente, é a de que: pessoas com deficiência tem essa condição porque são pecadoras, ou que a condição é um castigo para os seus pais. Sentia que realmente merecia a minha condição porque me enxergava como suja, culpada e ruim. O engraçado é que se realmente tivesse pecado contra algum ser superior, teria pecado antes dos 12 anos, aos 12 anos ou em uma outra vida. No entanto, ter essa concepção da minha própria existência foi o que deu sentido a ela, embora não haja nada de positivo em ser uma pecadora, isso é, na teoria, mas essa ainda era a única explicação que eu tinha encontrado na e ela guiava a minha existência. Agia como uma pecadora, acreditava que coisas ruins só aconteceriam com pessoas ruins, e a distonia era o meu fardo, o fruto originado pelo pecado. Por exemplo, se alguma amizade me tratasse mal por qualquer motivo, a minha explicação seria que de fato eu merecia aquilo, já que só uma pessoa com muita compaixão me aturaria, e se essa pessoa aceitou ser minha amiga (mesmo eu sendo impura, feia, suja) então com certeza ela estaria certa de ter aquele comportamento e eu obviamente teria que aceitar, já que a culpa era completamente minha. Entraria facilmente em uma relação abusiva por um mínimo de afeto. Acho que fui por muito tempo dependente emocional para não me sentir sozinha, porque queria muito fazer parte de alguma coisa para me sentir normal, mas não encontrava nenhum lugar no qual isso aconteceria verdadeiramente e nem iria acontecer porque o mal-estar era sobretudo comigo mesma.

Eu me sentia presa a um corpo que odiava e que infelizmente não dava para abandonar, ainda mais sabendo que ele era uma prisão e de acordo com as minhas crenças, eu merecia estar lá. Só o que nunca questionei de fato, foi o porquê de estar cumprindo essa sentença. *Que ser superior é esse que lançou sobre mim um castigo,*

*mas nem mesmo teve coragem de me dizer o que eu havia feito de tão errado?* Deveria ser esse o meu questionamento, mas eu estava focada demais em ser a garota boazinha, que fazia tudo certinho (ou achava que fazia) para que esse “ser” que me castigou, sem me dizer a razão, não lançasse novamente o seu poder sobre mim, ao invés de me libertar. Além disso, como afirma Mary Douglas o “medo paralisa a razão” (DOUGLAS, 1976, p.6), eu não teria naquele momento ferramentas para questionar a lógica que a havia se instalado. Eu vivia com um misto de dor, culpa, insegurança, medo... tudo isso me fez viver anos com um nó na garganta que eu não sabia explicar de onde tinha saído.

Além de carregar a sensação de ser uma pessoa suja, havia também a sensação de estar vestida com roupas sujas; o suor ou pequenas sujeiras do cotidiano (poeira ou qualquer coisa do tipo) me causavam uma grande aflição, era como se essas coisas me tornassem ainda mais suja. Achar que eu era uma pessoa impura, cooperou para a minha falta de vaidade, aliás como havia dito antes, se eu rejeitava tanto esse corpo ele não merecia ser adornado, celebrado ou mesmo visto. A verdade é que tudo estava ampliado e distorcido. Os sentimentos, as sensações, a percepção do real, tudo estava revestido pelo medo do que as pessoas achavam da minha existência e claro pela minha autopiedade. Porque veja, não há nada de sagrado nas roupas, no entanto, por alguma razão acreditei que o meu corpo era sujo, impuro e isso criava uma barreira a qual impossibilitava o contato com o belo, o desejável, o sagrado. Mary Douglas diz que “para nós os objetos e os lugares sagrados devem ser protegidos das impurezas. O sagrado e o impuro são polos opostos.” (DOUGLAS, 1976, p.10) Para a autora,

a impureza é essencialmente desordem. A impureza absoluta só existe aos olhos do observador. Se nos esquivamos dela, não é por causa de um medo covarde nem de um receio ou de um terror sagrado que sintamos. As ideias que temos da doença também não dão conta da variedade das nossas reações de purificação ou de evitamento da impureza. A impureza é uma ofensa contra a ordem. Eliminando-a, não fazemos um gesto negativo; pelo contrário, esforçamo-nos positivamente por organizar o nosso meio. (DOUGLAS, 1976 p. 06, 07)

Ver, o meu gesto de limpar a impureza do meu corpo era tentar escondê-lo com a roupa, evitando que a sujeira aumentasse, tomando cuidado com a sujeira dos ambientes ou mesmo relutando sair de casa para não encarar os olhares e assim evitar o sofrimento psíquico. Os sinônimos das palavras feio e belo aparecem listadas em Eco (2007), o feio por exemplo diz respeito a tudo que é

repelente, horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (para não falar das formas como o horror pode se manifestar em territórios designados tradicionalmente para o belo, como o legendário, o fantástico, o mágico, o sublime). (ECO, 2007, p. 16 e 19)

Enquanto os sinônimos de belo,

bonito, gracioso, prazenteiro, atraente, agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, esplêndido, sublime e soberbo. (ECO, 2007, p. 16)

Eu não me achava atraente e nem gostava de elogios, acreditava que receber algum elogio relacionado a minha aparência seria a forma, a qual a pessoa tinha encontrado de expressar a sua pena. Um fato que me marcou recentemente, diz respeito ao interesse que as pessoas nutriam sobre mim e eu não sabia. Mas esse “não saber”, não quer dizer que as pessoas não mostrassem, a questão toda é que eu não sabia ler, ou melhor, eu até lia, mas entendia os olhares como um estranhamento por conta da minha lesão. Não estou aqui dizendo que pessoas com deficiência não são colocadas na caixinha do desamor, do desinteresse o que estou pontuando é que, eu estava tão condicionada com a imagem a qual tinha construído de mim mesma com base em estereótipos, que se alguém me olhasse com interesse ou porque havia me achado bonita, atraente eu iria achar que era pena, curiosidade... se o flerte não fosse feito de forma explícita, nada aconteceria. E quando acontecia, ficava sempre a dúvida se o interesse era real, afinal de contas se eu acreditava tão firmemente que era desinteressante, quem em sã consciência se atrairia por mim? Eu me questionava.

Na matéria “Mulheres Deficientes sem Limites para o Amor” publicada originalmente na revista *Claudia*, da Editora Abril, em junho de 1989, e repostada em 2001 pelo site Bengala Legal, traz relatos e em seguida uma discussão sobre a vida afetiva e a sexualidade de mulheres com deficiência. O texto foi escrito pela jornalista Ana Maria Morales Crespo, mulher com deficiência física e presidente do Centro de Vida Independente Araci Nallin. Entre os muitos relatos contidos na matéria o da professora Rosa Maria de 45 anos, uma mulher tetraplégica, chama atenção quando diz

Fizemos amor. Ele foi gentil, carinhoso e até ardente. Disse mais de uma vez que me quer do jeito que sou. Fico pensando: não sou rica, logo ele não deve

estar comigo pelo dinheiro. Não tenho poder, então também não deve ser pelo status. Certamente ele não está comigo por causa do meu corpo escultural. Só posso concluir que gosta mesmo de mim. Às vezes, até finjo que acredito, mas, no fundo, duvido (CRESPO, 2001)

Não sei nem quantas vezes achei que seria humilhada, rejeitada, traída por algum parceiro por conta da lesão, era como se ter essa característica anulasse todas as outras. Era como se tudo se resumisse a distonia e nada mais. Mas isso só reflete o quanto eu estava imersa na visão estereotipada que associamos diariamente a pessoa com deficiência, já que eu me colocava em um lugar passivo, de vítima do outro, de anjo, de santa que não seria capaz de rejeitar, trair, humilhar, ferir, abandonar, mas que, no entanto, estaria vulnerável a passar por tudo isso. Como se eu não fosse humana e que não pudesse também errar com esse parceiro.

Para quem já teve a infelicidade de assistir uma reportagem em que o criminoso é uma pessoa com deficiência, sabe que antes de qualquer coisa o que é enfatizado é justamente o fato do indivíduo ser uma pessoa com deficiência. O Crime aparece em um lugar secundário, menos importante, o que está em questão é a capacidade do indivíduo com deficiência cometê-lo, afinal poderia ser qualquer um, mas era uma pessoa com deficiência e pessoas com deficiência são boas, incapazes, anjos, crianças, tristes, infelizes, coitados, ingênuos, dignos de piedade e compaixão... e não alguém que teria capacidade e nem condição de pensar em cometer um crime. Entende o lugar de passividade que pessoas com deficiência ocupam socialmente?

Demorei um tempo até perceber que qualquer pessoa, independente da sua condição no mundo, está sujeito a passar por essas situações e que poderia ser eu a causadora. Ser uma pessoa com deficiência não me poupava de cometer um erro, mas em compensação me daria um tipo de aval para sair como uma vítima da situação. Isso nos olhares das outras pessoas e no meu também. São inúmeras as situações que intitulei como “livramento” divino (caindo na crença de que Deus protege os pobres, necessitados, os desvalidos, os puros, as vítimas, os fracos e oprimidos) para não ter que entrar em contato com a minha própria responsabilidade nas relações que não deram certo, por um não investimento da minha parte. Obviamente, era muito cômodo, embora tenha sofrido, aceitei o lugar que fui colocada e fiquei, mas também reconheço que não tinha naquele momento um nível de consciência que me permitisse visualizar outra perspectiva, eu não conhecia um outro lugar que não aquele. Não estou com isso querendo dizer que não há pessoas que mesmo com todo o repertório, o qual está

disponível a respeito da pessoa com deficiência, transcendem a lógica e conseguem ter outras percepções da própria existência; o que estou sinalizando, é que dentro da minha vivência, não consigo identificar um ponto em que essa percepção poderia mudar, porque veja, não havia uma base na qual eu pudesse me apoiar para que isso fosse possível.

Na minha família havia apenas uma pessoa com deficiência, uma tia distante. Ela era uma mulher surda, que teve uma vida sexual ativa, mas a história que eu conheço é que os homens se aproveitavam da condição dela e a iludia para manter relações sexuais. Não estou negando que isso de fato tenha acontecido, mas toda vez que eu escuto essa história penso no quanto a capacidade de querer e os desejos desta mulher foram negados, por acreditarem que ela não tinha condições de escolher, de que não era uma escolha dela também se deitar com aqueles homens e ter o direito de experienciar a própria sexualidade. No entanto, não há como provar nem a minha versão da história e nem a que é contada de geração para geração.

O que quero explicar com esses exemplos é que se a sexualidade é uma característica básica dos seres humanos e errar e acertar (dentro da noção de erro e acerto, bem e mal nos moldes sociais) são inerentes a todos, negar que pessoas com deficiência podem viver experiências sexuais e ter atitudes tidas como ruins, também é negar que somos de fato humanos.

Karfe (2012), quando analisou comunidades virtuais de interação entre *Devotees*<sup>10</sup> e pessoas com deficiência, se deparou com inúmeros julgamentos sobre essas conexões. Um deles se referia às comunidades que eram acusadas de estarem se aproveitando das mulheres com deficiência, já que elas postavam fotos sensuais.

A maioria da literatura sobre a comunidade de amputados e devotees perpetua estes estereótipos. A maior parte dos estudos focaliza, principalmente, os devotees e retratam as mulheres com deficiência como silenciosos e passivos objetos do desejo dos homens. Além disso, esta literatura, ao tentar analisar as causas e as repercussões do devotismo, coloca essa atração como uma patologia que deve ser tratada ou deve ser eliminada. Eu não quero debater o mérito médico desse diagnóstico. Ao contrário, eu quero realçar as ideias preconcebidas que a cultura dominante tem a respeito da sexualidade das mulheres com deficiência e que são a base desses estereótipos. Se identificamos os devotees como "doentes", o que estamos dizendo a respeito dos sentimentos que as mulheres deficientes inspiram?

---

<sup>10</sup> pessoas que sentem atração sexual por pessoas com deficiência, mais particularmente pelo corpo lesionado.

Considerar atraente uma mulher com deficiência é sempre o sintoma de uma doença? Mulheres amputadas não aparecem discutindo estas questões e, quando aparecem, somente o fazem como vítimas porque foram molestadas ou enganadas por devotees. Algumas feministas reafirmam esta tendência quando vêem os devotees como praticantes de uma forma perigosa de pornografia. R. Amy Elman, por exemplo, afirma que as publicações de devotees contribuem "para que as mulheres e meninas, particularmente aquelas com deficiência, continuem a ser consideradas e tratadas como cidadãs de segunda categoria". Ela examina vários artigos de *The Amputee Times*, uma revista voltada aos devotees, que focaliza "o fetichismo pela vulnerabilidade das mulheres", e os comentários dos devotees a respeito da formação de um catálogo com mulheres deficientes atraentes. Embora eu concorde com Elman de que o comportamento de alguns devotees é preocupante, particularmente o ímpeto para criar um banco de dados de mulheres com deficiência "disponíveis", alguns dos comentários dela também me preocupam. Elman só vê as mulheres com deficiência como vítimas que, por terem se convertido em objetos, necessitam de proteção, e não as vê como agentes ou sujeitos. Além disso, ela ignora as mulheres que se vê nos sites destinados aos devotees e só discute os fotógrafos e os que publicam essas imagens. Fazendo assim, ela insinua que as mulheres deficientes só posariam para fotos "sensuais" quando enganadas ou coagidas a isto. (KAFFER, 2012)

A questão toda aqui é que, sobretudo as mulheres com deficiência, como bem pontua a autora são colocadas em um papel de submissão, passividade, como se não fossem realmente capazes de responder por suas vontades e desejos. Para Amaral e Coelho (2003), o termo deficiente, que é muitas vezes usado, embora tenha sido substituído por pessoa com deficiência, acaba reafirmando essas noções que reproduzimos diariamente

parece opor-se ao adjetivo "eficiente". E, portanto, o termo deficiente significa, antes de tudo, "não ser capaz", "não ser eficiente". A "ineficiência", numa sociedade capitalista, de classes, de consumo, de exploração do trabalho, sociedade que ainda se pensa como um "corpo" faz, com a deficiência, um contraponto significativo, elaborado há muito tempo por instituições como a Igreja, o Estado e a família. O deficiente foi associado à anormalidade e os não deficientes à normalidade. (AMARAL, COELHO, 2003)

Outro estereótipo que esse comportamento espelha, é o fato de que pessoas com deficiência sejam vistas como indivíduos incapazes de ter, iniciar e manter um relacionamento. Além de acreditar que em qualquer momento uma coisa muito ruim iria acontecer se eu me relacionasse com alguém, ainda precisava lidar com a ideia fixa de que eu atrapalharia a vida da outra pessoa, porque seria um peso. Embora a minha condição não interfira na minha autonomia, o peso ao qual eu me refiro diz respeito às relações familiares, de amizade desse parceiro em potencial. Acreditava fielmente que ao me ver, as pessoas me considerariam uma vergonha, um erro que esse parceiro estaria cometendo. Em muitos casos mulheres com deficiência são questionadas de como manteria uma relação, por exemplo o casamento, se dariam conta de realizar afazeres domésticos. Isso é obviamente uma visão sexista das relações heterossexuais,

nas quais as mulheres precisam limpar, lavar, cozinhar, cuidar (e nunca ser cuidada) e reproduzir enquanto os homens são os provedores do lar. No Dorama/Série *Uma advogada extraordinária* da Netflix uma cena traça muito especificamente essa relação.

A protagonista Woo Young-woo do dorama/série é uma mulher com autismo, advogada contratada por um escritório renomado, que mora com o pai - o qual acreditava que ela nunca iria encontrar um parceiro afetivo - e que começa um relacionamento com um colega de trabalho. No entanto, embora as demonstrações de afeto do seu parceiro, a protagonista acredita que a construção de uma relação seria “complicado” e "difícil" por ela ser uma pessoa com deficiência. Situações que ocorrem na série com amigos e com a família do seu parceiro reforçam ainda mais suas crenças sobre relacionamento. Uma das cenas mais marcantes, é o momento em que ela ouve a irmã do seu parceiro reproduzir a crença de que o namorado seria seu “cuidador” e não seu companheiro. A seguir, apresentarei o diálogo da conversa que envolve a nora (Seung-hui), o marido (da nora) e o namorado (Lee jun-ho) de Woo Young-woo, para que essa crença fique exemplificada

Namorado da Woo Young-woo: Por que será que ela está demorando tanto? Será que ela não achou o banheiro?

Nora: Aí, virou babá agora? Nossa casa não é um labirinto, por que ela não acharia o banheiro?

Marido da nora: É verdade, cara. Você disse que ela é inteligente.

Nora: E por que você chama ela de senhorita? Por que tem tanto respeito na forma de falar com ela? Vocês não estão namorando?

Namorado: É o costume de chamar ela assim no trabalho, mas aos poucos eu vou me adaptando.

Nora: Você não vai contar para os nossos pais, não é mesmo?

Namorado: hã, o que?

Nora: Que está saindo com a Woo Young-woo.

Namorado: por quê?

Nora: Você está querendo que eles fiquem em choque? Você nem vai se casar com ela mesmo, não fica falando besteira.

Namorado: Do que, que você está falando? Por que que eles ficariam em choque?

Marido da nora: Amor, vamos conversar depois, a Woo Young-woo pode ouvir.

Nora: Você está em um relacionamento difícil e eu que sou sua irmã já estou chateada, imagina nossos pais.

Namorado: Chega!

Nora: Lee Jun-ho! Você sabe muito bem que eu e nossos pais só queremos te ver feliz. Você deveria trazer para casa uma menina que te fizesse feliz e não alguém que você tivesse que cuidar.

Namorado: Como você tem coragem de falar dela desse jeito? Você acabou de conhecer ela e já acha que conhece tudo sobre ela?

Nora: De qualquer forma, não conte aos nossos pais.

Namorado: Está falando isso porque não conhece ela direito. Não fica pensando assim dela...

O som das vozes dos atores fica abafado e a cena termina com a imagem de Woo Young-woo ouvindo a discussão atrás da porta. (NETFLIX, 2022)

Woo Young-woo termina o relacionamento por achar que é um peso, ou seja, as suas crenças sobre relacionamentos foram reforçadas com o desfecho da conversa. Mas o processo de começar uma relação ou mesmo o flerte não é difícil apenas para pessoas com deficiência, a outra parte também pode passar por inseguranças. Meses atrás puxei assunto com um conhecido, durante a conversa ele declarou que em outro momento havia tido interesse amoroso por mim, mas o engraçado de tudo isso é que eu sempre achei que os olhares que ele lançava significava justamente o contrário, e por diversas vezes rejeitei aquilo. Meu Deus, quantas pessoas eu deixei de beijar por ter essa interpretação da realidade? acho que muitas (risos). No entanto, agora com uma percepção mais diversa e ampla de quem eu sou, o mundo parece outro. Mas o que eu quero dizer, é que hoje consigo identificar um olhar de interesse, de um olhar de estranhamento e isso não veio com o tempo, veio com a mudança de percepção. A mesma percepção que me faz achar que posso usar roupas que estão dentro do campo do que é considerado sexy, por exemplo. Obviamente ainda trago questionamentos e inseguranças a respeito do meu corpo, mas me encorajo a fazer diferente. O processo de conquista, como havia dito, nem sempre é fácil para quem se interessa por uma pessoa com deficiência. Por exemplo, um dos relatos presente no texto de Crespo (2001), é da arquiteta Márcia Regina, uma mulher com deficiência física, ela diz

"Meu namorado contou que há muito tempo estava interessado em mim, mas temia abrir o jogo. Tinha medo de me magoar, caso estivesse enganado sobre seus sentimentos. Tinha medo de me machucar durante o ato sexual ou de eu não poder fazer amor, por causa da minha deficiência. E, por último, tinha medo de falhar na hora H, justamente por causa de tantos medos". (...) Aos poucos, ele foi percebendo que não sou mais frágil do que a maioria das mulheres, tanto física como emocionalmente. Com carinho e diálogo, descobrimos a melhor maneira de fazer amor. Estamos juntos há três anos e pretendemos nos casar logo. (CRESPO, 2001)

Sinto que essa sensação também se reflete no campo profissional. Por muito tempo me autossabotei (e ainda me autossaboto, em menor frequência), essa área não se difere muito da questão dos relacionamentos. Quando conquisto algo ainda me pergunto

se conseguir por sorte ou por providência divina, ainda que eu realize todos os movimentos necessários para alcançar. É difícil enxergar o merecimento quando ainda me sinto incapaz de realizar algo suficientemente bom.

Durante esses dias que voltei a falar da minha lesão, e que estou literalmente dissertando sobre ela, eu voltei a comprar roupas pretas. Parece que de alguma forma voltei a construir aquele “personagem”, inconscientemente. Mas demorou até que me desse conta, a ficha só caiu quando me reuni com uma colega de turma para sair e ela me perguntou se eu iria de preto. Óbvio que posso usar roupas pretas, gosto de roupas pretas, mas a questão é: será que inconscientemente eu estou outra vez tentando me esconder? e se sim, por quê? Para essas questões ainda não tenho resposta, talvez consiga responder com mais algumas sessões de terapia ou alguns anos. O que sei é que a distonia tem um grande impacto na minha autoestima. Na verdade, não é bem a distonia, é o que ela representou por muito tempo para mim e o que ela representa para as pessoas. Porque veja bem, se eu nascesse em uma ilha na qual ter distonia cervical fosse a regra e não ter fosse a anormalidade, talvez eu tivesse uma estima por mim altíssima ou pelo menos o fator da minha falta de estima não fosse a lesão, mas outras.

Escrever esse capítulo me fez entender os sentimentos dos interlocutores e o porquê de muitos deles terem recusado o convite para entrevista, ou porque alguns resolveram não responder algumas das perguntas. Por mais cuidado que eu tenha tomado na elaboração da pesquisa, há perguntas que despertam memórias dolorosas e alguns questionamentos que talvez não estejamos dispostos a entrar em contato ou mesmo prontos para compartilhar. A elaboração deste capítulo durou muito mais tempo que o desejado, mesmo que tenha sido minha a decisão de expor todas essas experiências, no processo de escrita travei, me questionei e até achei que tinha perdido a habilidade de escrever. Entrar em contato com a dor é de fato uma experiência difícil.

Lembrei da primeira vez que vesti um vestido para sair em público, nesse dia fui para a universidade, o CAHL onde me formei em ciências sociais. Nesse momento, já estava frequentando o centro espírita há alguns meses e esse acesso foi uns dos fatores determinantes para a minha mudança na relação com a roupa. O vestido em questão estava no guarda-roupa a um tempo, havia ganhado de uma prima, ele era branco com estampa de rosas, tinha detalhes na cor rosa. Uma peça muito simples para quem não queria chamar atenção, né? (risos). Acredite ou não, essa foi para mim a atitude mais

ousada que fui capaz de ter naquele momento. Foi um grande passo. Mas não foi fácil, a sensação de não merecer usar aquele vestido era extremamente incômoda, a mesma de sentir está em um lugar no qual não se é bem-vindo. Lembro da sensação de querer chegar logo em casa para me livrar do vestido, misturada com a de estar indo contra o sentimento de não merecimento e de inadequação. O incômodo era tão grande que eu sentia minhas pernas enrijecerem, a ponto de sentir dificuldades de me movimentar. Eu estava constrangida. No entanto, embora o constrangimento e a insegurança, ainda assim havia um sentimento de ir contra aquilo que me era imposto e autoimposto.

Passar por esse processo de voltar a entrar em contato com a feminilidade, nesse caso a partir das roupas, foi como se eu estivesse reaprendendo a andar, fui de passinho em passinho, passos inseguros na maioria das vezes. Acredite ou não, o meu maior feito foi usar um cropped, na verdade comecei há um ano, mas o processo de autodescoberta (depois da lesão) já tem sete. Comecei com os vestidos, depois com os shorts curtos, depois as saias... também deixei (finalmente) o cabelo crescer, coisa que por algum motivo, embora quisesse, eu não deixava acontecer. Ouvir muitas vezes que cabelo grande é um símbolo de feminilidade, enquanto o cabelo curto não; talvez por isso eu o cortava assim que achava que ele estava grande demais. Não defendo, nem acredito que todas as mulheres com deficiência, que passaram pelo processo de se enxergarem “femininas” percorreram o mesmo caminho que o meu, pelo contrário, cada processo é muito subjetivo, tão subjetivo que nem todas as mulheres iram querer caminhar pelo caminho do “feminino”, como o exemplo usado na introdução desta dissertação.

Eu justificava essa relutância com base nas minhas ideologias, quando na verdade era expressão do medo e das inseguranças que eu sentia, reprimia o desejo de me sentir atraente, com a justificativa de que não deveríamos nos vestir para o outro, para agradar ninguém, como se isso realmente fosse possível. Mas veja, não estou de forma alguma dizendo que ter esse tipo de pensamento é errado, mas que esse discurso era a munição para continuar alimentando o meu estado de auto repressão. Apesar de usar as minhas ideologias para fomentar as crenças limitantes sobre a minha própria existência e para justificar o meu medo da interação social, elas também foram essenciais para as minhas descobertas sobre os significados atribuídos ao meu corpo, juntamente com o meu conhecimento científico.

Ao começar a entender o que meu corpo significava na sociedade e através da religião que simpatizo (ou simpatizava), o espiritismo Kardecista, comecei a entrar em contato com a “beleza”. A ciência com seu papel fundamental de explicação da estrutura social e dos processos que dão origem à estigmatização do meu corpo e de tantos outros e a religiosidade como um lugar de acolhimento e de construção de uma noção de grupo. Nessa experiência religiosa há uma questão discursiva importante. Lembro-me que, em uma das minhas experiências em um centro espírita, um dos médiuns da casa, notando o meu desconforto por estar no meio de outras pessoas, me disse: “Aqui ninguém é melhor que ninguém, nem pior. Mantenha a cabeça erguida”. Obviamente essa não foi a única frase que eu ouvi nesse sentido; esse é apenas um exemplo de que lembro com clareza. Mas o que quero dizer quando trago essa memória é que, mesmo não sendo um membro efetivo daquele Centro, a forma afetuosa como eu era tratada, a noção de que lá dentro eu era “igual” a todo mundo e não mais a inferior, trouxe a sensação de coletivo. E isso fez com que eu quisesse parecer com as pessoas que frequentavam aquele ambiente, e de forma não reflexiva a primeira mudança foi no meu vestuário, algo que antes acreditava ser o meu escudo para evitar os olhares de estranheza. Embora eu não quisesse chamar atenção, os olhares continuavam voltados para mim, independente do que eu vestisse.

Não nego que o espiritismo, assim como muitas religiões, traz crenças capacitistas, mas sinceramente, saber que era a responsável pela minha condição naquele momento era o menor dos problemas. Isso não quer dizer que eu apoie as falas ou que eu acredite que são de fato verdadeiras, mas parecia mais fácil aceitar que a distonia era um reflexo da minha antiga vida, da qual eu não lembrava e que a partir dessa experiência talvez eu evoluísse, do que achar que essa experiência não tinha razão alguma – no final, eu só tinha substituído a minha crença antiga por uma mais “otimista”. O problema é que essa crença me trouxe muitos outros medos e fortaleceu outros. O medo de errar, por exemplo, aumentou. Se por um lado eu achava que as pessoas poderiam me tratar de qualquer maneira porque era uma pessoa ruim e por outro achava que não trairia, humilharia, erraria com um parceiro mas ele poderia fazer isso comigo, com o espiritismo eu aprendi que “ser humano” traria danos não apenas nesta vida, como também em outras.

Era tanto medo, que eu acho até hoje que as pessoas conseguem ver, deve até estar registrado até no meu DNA. É muito diferente viver hoje e lembrar de mim a anos

atrás, lembro da minha vontade de sair, mas quando me arriscava e recebia os olhares, eu só queria me esconder e hoje, eu, ainda que tímida, quero ser vista, admirada e até mesmo desejada, não parece mais ser errado.

Naquele momento eu já sabia que nenhuma roupa apagaria o desconforto social que o meu corpo causa. Mas, sem notar, estava me adequando à aparência estética que observava naquele lugar. O fluxo de pessoas que frequentam o centro era diverso, mas algo nas mulheres as quais eu via com frequência me despertou um novo comportamento em relação à minha aparência. Ter contato com a moda, com o vestuário, algo que eu acreditava que não era para mim - afinal eu não me enxergava nas outras pessoas, não tinha nenhuma representatividade nos textos culturais, já que nunca tinha tido acesso à imagem de uma pessoa com deficiência como símbolo de beleza, exemplo de feminilidade -, trouxe uma nova perspectiva sobre a minha aparência. Eu que me achava feia por manifestar os sintomas da distonia cervical, passei a ver beleza, mesmo que minimamente, ao começar a seguir as "tendências" que meu novo grupo social seguia. Porém, o que para as meninas da minha idade poderia ser uma forma de se adequar ao social, para mim era também uma forma de me sentir mais humana.

Eu que tinha ido àquele Centro com a intenção de buscar a cura, consegui. Não a cura do corpo (que é o que eu acreditava ter ido buscar), mas a cura por meio do acolhimento. A questão não era se os movimentos involuntários iam ou não cessar, eu queria me sentir parte de algo, me aproximar o máximo da noção de humano, eu queria que as pessoas me olhassem como os médiuns do Centro, como só mais uma pessoa. Os movimentos e até mesmo as dores não me incomodavam tanto quanto o olhar de estranheza das pessoas na rua. Os sintomas do corpo eu resolveria com a ciência médica, por meio das medicações que aliviam as dores e relaxam os músculos. Quanto à interação social, não tinha muito o que fazer.

Nesse momento, estava na terceira fase do luto. Estava barganhando, tentando me enquadrar nos moldes religiosos e, mais do que isso, tentava parecer com as mulheres daquele grupo para me sentir melhor. Segundo Mattos (2005), o processo de luto, de acordo com a teoria do psiquiatra Kübler-Ross, se subdivide em cinco etapas: negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. A terceira etapa, a barganha,

consiste na tentativa de firmar um pacto com ela mesma, com as pessoas em seu entorno ou com alguma entidade religiosa na qual acredite, oferecendo, por exemplo, um bom comportamento ou uma mudança de conduta em troca de uma recompensa que irá amenizar a angústia gerada pela perda, com a finalidade de adiar ou evitar a situação aflitiva. (MATTOS, 2015, p. 1).

A experiência no centro espírita, foi riquíssima e social, embora tenha passado por experiências espirituais diversas, as quais não consigo provar cientificamente, exceto pela minha própria vivência. A partir da aproximação com a religiosidade, me entendi como ser humano e depois como mulher. A construção do eu feminino, se deu a partir das roupas, a partir da observação do vestuário de outras mulheres, no entanto, essa negação da feminilidade e das vestimentas ligadas a ela, não é uma experiência única. A partir de alguns relatos obtidos, um em uma rede social e outro em uma entrevista, é possível identificar isso como um padrão de comportamento ligados ao nosso entendimento do significado social do conceito de mulher.



**uma canceriana sem paciência** ---  
@cleici\_cruz

Eu passei anos da minha vida sem usar saias e vestidos pq aprendi que ter deficiências anula a possibilidade de qq performace de gênero, sobretudo as que se aproximam de padrões de feminilidade.

17:17 · 08/03/2022 · Twitter for iPhone

fonte: Twitter - @cleice\_cruz, 2022.

Ana uma pessoa com deficiência, branca, mulher cis, lesbica, agnóstica, de 23 anos relatou na entrevista que teve início às 17:30 e foi realizada pela plataforma de videoconferência o *Google meet*, que apesar de nunca ter tido grande questões com a própria aparência, quando perguntada sobre a importância crescer com uma pessoa com deficiência como referência de beleza, ela respondeu:

Sim, com certeza! porque durante muito tempo, eu sempre soube que eu era uma mulher com deficiência, porque eu nasci com uma deficiência... (momento em que a internet trava). Mas a falta de representatividade fez com que eu demorasse 18 anos para entender o que é ser uma mulher com deficiência na sociedade. então se eu tivesse tido mais representatividade se eu conhecesse outras pessoas com deficiência

esse processo teria sido mais leve, mais tranquilo mais possível porque chegou um momento da minha vida que eu duvidei, sabe aquele livro da Bell Hooks? O título se não me engano é “será que sou uma mulher?”, alguma coisa assim. (eu respondo: “e eu, não sou uma mulher?” acho que um questionamento, não é. ela diz: isso, sim!) Então, eu comecei a questionar isso, por ser uma mulher com deficiência, e eu ter sido durante muito tempo desumanizada pela deficiência e por ser uma mulher, quem sou eu? eu sou ser humano? Eu sou uma mulher? (Ana, 2021)

Segundo Wolf (1992) as mulheres mais do que os homens estão mais propensas a seguir modelos culturais, isso acontece por conta da falta de modelos para “imitar no mundo real, as mulheres as procuram nas telas e nas revistas femininas.” (WOLF, p.76) Enquanto os homens, mesmo tendo modelos de moda masculina não agem da mesma forma que as mulheres. Isso não quer dizer que as mulheres possuem identidades mais fracas (por natureza) que os homens, diz a autora, o que acontece, na verdade é que

A imagem "ideal" adquiriu uma importância obsessiva para as mulheres porque era esse seu objetivo. As mulheres não passam de "beldades" na cultura masculina para que essa cultura possa continuar sendo masculina. Quando as mulheres na cultura demonstram personalidade, elas não são desejáveis, em contraste com a imagem desejável da ingênua sem malícia. Uma linda heroína é uma espécie de contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e dinâmico, enquanto a "beleza" é genérica, monótona e inerte. Enquanto a cultura resolve dilemas de natureza moral, a "beleza" é amoral. Se uma mulher nasce parecendo ser um objeto de arte, trata-se de um acidente da natureza, um fugaz consenso da percepção da massa, uma coincidência especial, mas não se trata de um ato moral. A partir das "beldades" na cultura masculina, as mulheres aprendem uma amarga lição amoral — que as lições morais da sua cultura as excluem. (WOLF, 1992, p.77)

Embora as mulheres estejam sob a influência de modelos, ainda que as tomem como uma imagem de corpo ideal, é importante pontuar que não é mais verdade que faltam outras influências para as mulheres; já que as mulheres ocupam lugares estratégicos da economia, política, administração, ciências, artes e isso tem crescido e se tornado mais visível. Esteban diz que o corpo do homem é disciplinado a usar seu “na exibição e instrumentalização de seu corpo para força e trabalho, prevalecendo nos cânones da beleza masculina” (2013), diferentemente do corpo da mulher. No entanto, segundo Esteban a presença de modelos masculinos tem crescido assim como a vaidade dos homens em relação à beleza.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> La presencia de modelos masculinos tanto en pasarela como en publicidad ha crecido, lo que probablemente va a introducir modificaciones significativas en relación con el cuerpo dentro del sistema de género que servirán para una reconceptualización de la construcción de la desigualdad de género. En la

A presença de modelos masculinos tanto na passarela quanto em a publicidade cresceu, o que provavelmente introduzirá modificações significativo em relação ao corpo dentro do sistema gênero que servirá para uma reconceituação da construção de desigualdade de gênero. Atualmente, de forma ampla, observa-se uma diferença no tratamento da imagem dos homens e mulheres a quem já me referi: as mulheres são mais propensas a expressar fragilidade e submissão (Bordo, 1990), embora isso dependa também as idades dos modelos. Além disso, os formulários e requisitos em termos de treino e a forma de exibir o corpo são muito mais rigoroso, mais específico e orientado para as mulheres do que elas querem ser modelos do que para os homens. No caso dos machos, uma boa presença e um corpo "bem definido" são considerados suficientes, que trabalham basicamente através do exercício físico. No entanto, as técnicas utilizadas pelas mulheres no trabalho são muito mais sofisticadas e implicam um maior domínio da apresentação e movimento corporal. De qualquer forma, a demanda profissional é bem menor para os homens, que também recebem salários mais baixo. Por outro lado, os homens também estão sujeitos a estereótipos e estigmatizações sociais negativas, mais no caso dele com a vinculação ao cuidado da imagem com a homossexualidade. Embora seja cada vez mais palpável que, pelo menos num poder aquisitivo médio/alto, homens (homossexuais e heterossexuais) estão se interessando cada vez mais por moda e cuidados com a pele própria imagem. (Campbell, 1995, p. 207). (ESTEBAN, 2013, p.113,114 tradução livre)

A feminilidade então está atribuída a beleza e a reprodução, enquanto a pessoa com deficiência, como já discutimos antes, é por muitas vezes atribuída a feiura e a esterilidade. Segundo Maia, em alguns casos a deficiência realmente pode prejudicar a “vida reprodutiva, havendo redução da fertilidade ou problemas relacionados” (2011, p.93) no entanto a infertilidade não é algo que é exclusivo da pessoa com deficiência, pessoas sem deficiência também podem apresentar problemas de reprodução. Além disso, também se acredita que pessoas com deficiência geram filhos que herdariam a mesma condição dos pais. Maia diz que “há casos de filhos(as) de pessoas com deficiência que nascem sem a deficiência e outros em que há a probabilidade de descendentes deficientes.” (2011, p.93). É preciso salientar que quando a deficiência é física, a autora diz que na maioria dos casos “são oriundas de acidentes e traumatismos e isso não gera possibilidades de descendentes deficientes.” (2011, p.93). No entanto,

---

actualidad, a grandes trazos, se observa una diferencia en el tratamiento de la imagen de hombres y mujeres a la que ya me he referido: las mujeres tienden más a expresar fragilidad y sumisión (Bordo, 1990), aunque esto depende también de las edades de los/as modelos. Además, las formas y exigencia en cuanto al adiestramiento y la forma de exhibir el cuerpo son mucho más estrictas, concretas y orientadas para las mujeres que quieren ser modelos que para los hombres. En el caso de los varones, se considera suficiente una buena presencia y un cuerpo «bien definido», que ellos trabajan básicamente mediante el ejercicio físico. Sin embargo, las técnicas utilizadas por las mujeres en el trabajo son mucho más sofisticadas e implican un mayor dominio de la presentación y movimiento del cuerpo. De cualquier modo, la demanda profesional es mucho menor para los hombres, quienes además reciben salarios más bajos. Por otra parte, los hombres también están sometidos a estereotipos y estigmatizaciones sociales negativas, más relacionados en su caso con la vinculación al cuidado de la imagen con la homosexualidad. Aunque es cada vez más palpable que, por lo menos en un nivel adquisitivo medio/alto, los hombres (homosexuales y heterossexuales) se van interesando más y más por la moda y el cuidado de la propia imagen (Campbell, 1995, p. 207). (ESTEBAN, 2013, p.113,114)

para descobrir se há ou não essa probabilidade o casal pode recorrer ao aconselhamento genético, o que, de acordo com Maia (2011), ajudaria na decisão de ter ou não filhos. A possibilidade de que pessoas com deficiência tenham filhos e que eles herdem a mesma condição dos pais, dá origem a uma outra crença: a de que pessoas com deficiência não dariam conta de exercer a paternidade ou a maternidade, ou seja, não dariam conta de cuidar dos filhos com deficiência. Mas para Maia “supor que elas não deveriam ter direito a reprodução biológica seria um princípio eugenista inaceitável.” (2011, p.93) Essa concepção de que a junção de que a relação com a maternidade e a beleza não é algo que costumamos associar, aparece na matéria jornalística de Crespo

“As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental” disse um dia Vinícius de Moraes, resumindo e definindo as aspirações da maioria dos homens em relação às mulheres. Felizmente, para as não tão bonitas nem tão perfeitas a beleza é um conceito relativo. Tudo depende de comparado com o que. Mas o que acontece quando a distância entre o padrão de beleza adotado e a mulher a ser comparada é muito maior do que determinam alguns quilos a mais, o tamanho dos seios, a perfeição do corpo ou os traços do rosto?” Muitas pessoas pensam que o preconceito é coisa da nossa cabeça”, diz Célia, 26 anos, estudante de biblioteconomia, portadora de sequelas de poliomielite e que por isso usa aparelho ortopédico e bengalas. “Mas eu garanto que não é. Por exemplo, se estou sentada, não dá para perceber que sou deficiente. Perdi a conta de vezes em que rapazes me paqueraram em barzinhos. Só que, na hora em que eu me levantava, o interesse deles ia para o espaço. Só uma vez foi diferente. Quando peguei minhas bengalas o rapaz disse: ‘Continua linda!’ A gente ficou juntos por dois anos”. As experiências negativas de Célia são compartilhadas por outras mulheres deficientes. “É difícil a visão de um corpo que mostra a possibilidade de nossa integridade corporal ser afetada”, explica a psicóloga Lília Pinto Martins, ela própria portadora de uma deficiência. “Ainda mais um corpo de mulher, tão cheio de significados ligados à idéia da maternidade. Como é que ela, feita para gerar, pode ter marcas que, à primeira vista, se opõem a essa concepção?” (CRESPO, 2001)

Logo, se a feminilidade é definida por características que socialmente não estão associadas a mulheres com deficiência, mais difícil será uma identificação com o que é visto e dito como feminino. Acredito que diante do meu relato e o dos relatos das outras mulheres, é no processo de luto que uma parte nossa aparentemente morreu ou “nasceu” morta, que a identificação com o feminino começa a não fazer sentido. A perda da identidade antiga (como no caso das pessoas que adquirem uma ou múltiplas deficiências) ou o reconhecimento dessa identidade - no caso daqueles que nasceram com uma deficiência e se dão conta do que significam na sociedade quando atingem um determinado nível de consciência, quando descobrem por que são tratados de forma diferente dos outros - talvez seja o momento crucial da perda do feminino.

Mas e em relação ao homem? Se a imagem do homem, não possui o mesmo peso que a da mulher apresenta, como funciona essa percepção da sua masculinidade?

Maurício, traz um relato interessante sobre a vestimenta e o gênero dentro da questão da pessoa com deficiência, quando perguntado sobre sua relação com a moda ele diz

Essa relação do meu corpo com a moda, é bem nesse sentido de... o incômodo de às vezes não achar peças que se encaixem em mim porque às vezes o meu número é menor e tamanho adulto vai até o 39, até o 38 sei lá. Então é difícil achar peças às vezes, a que eu quero, a que eu gostaria, a que me sentiria bem. Um calçado também é mais difícil de achar, porque precisa se adaptar a minha ostési, então é difícil de lidar com isso na moda. Eu sempre tive que me adaptar à moda e não ela a mim, sempre foi assim. Está mudando agora, mas acho que vai demorar ainda para se adaptar porque acho que as deficiências são muitas, né? São muitos tipos e a indústria não está acostumada com isso, nunca se preocuparam com isso, daí agora está começando. Então a minha relação com a moda foi me adaptar, comprar roupa maior, costura, como minha avó é costureira, dá um jeito aqui, dá um ponto aqui de costura, folga, apertada. Então dessa forma, assim, quase que customizar uma roupa que eu comprei. Então, nesse sentido, me incomoda até hoje, é difícil às vezes achar uma roupa, principalmente a parte de baixo para mim, parte inferior, então calça, bermuda porque preciso de peças menores, e peças menores às vezes não tem tamanho adulto, só tem infantil. Ou eu tenho que comprar adulto e cortar, acho que todo mundo assim pode sofrer de adaptar uma roupa, mas no meu caso, acho que mais. E já me acostumei, até, de certa maneira, então acho que por isso que uso o básico, porque é mais fácil de adaptação, de conforto, se eu ficar inventando demais, eu fico “não vou vestir isso daqui porque dá trabalho de colocar e tirar” porque eu tenho que me virar, então eu tenho essa relação com a moda, eu gostaria de ter uma relação melhor com ela, acho que com o tempo vou aprendendo a lidar com ela, a me sentir parte né? A me adaptar, a me sentir envolvido, sei lá, tal coisa que está na moda e eu conseguir usar também, mas também hoje em dia eu sei que não preciso usar tudo, que não preciso consumir tudo que está em alta, sabe? Vou fazer o meu estilo, não tenho estilo nenhum, acho que básico, mas vai ter que adaptar da minha maneira, porque eu não vou ficar esperando a moda fazer por mim não, que eu sei que não vai ser tão rápido. (...) não quer dizer que eu não siga tendência, que eu não siga a moda, se não vou ficar atrasado porque a gente tem que se adequar, né? Senão vai ficar feio, então se tal coisa cair de moda e eu consigo me adaptar, tudo bem, eu não uso mais. Tipo, camisa gola V, não está mais na moda para homem (...) Mas no geral eu prefiro o básico, porque é o básico que vai me atender, não vou ficar com essa dor de cabeça de procurar, só quero chegar, vestir ela, acabou e sai. Hoje em dia eu penso mais na praticidade, mas não quero esquecer que eu posso brincar com ela também, não quero esquecer que eu posso brincar que eu também tenho esse direito de brincar (Maurício, 2022)

é de amor e ódio, eu gosto de moda também assim no geral,[...] enquanto para mim, para me vestir, eu gosto de seguir a moda, hoje em dia um pouquinho menos mas na adolescência que a gente quer se encaixar, e quer andar igual, já passei por essa coisa de comprar roupa descontroladamente. Mas eu sou mais desligadinho no estilo, eu gosto de uma coisa mais básica, confortável para o trabalho, se é fácil de combinar, então eu ando meio assim meio prático. (...) A relação do meu corpo com a moda, é nesse sentido, de ter o incômodo de às vezes não achar uma peça que se encaixe em mim, eu menor. A minha relação foi me adaptar (Maurício, 2022)

No texto *A reinvenção da masculinidade na paraplegia* no qual Silva e Albertini (2007) analisaram a sexualidade do homem com paraplegia e nessa análise perceberam que ao adquirir uma lesão o homem também parece perder as características associadas a sua masculinidade, além de ter sua autoimagem distorcida por conta da sua nova

identidade. Crespo (2001) pontua um aspecto de diferença da mulher e do homem ao falar de auto imagem em seu texto

A questão da auto-estima e auto-imagem passa, necessariamente, por uma via de mão dupla. Se a mulher deficiente não vê a si mesma como atraente e capaz de ser amada, provavelmente nenhum homem reconhecerá nela essas qualidades. Mas se, por outro lado, nenhum homem jamais a tiver olhado como mulher, é quase certo que ela não se acreditará com os mesmos direitos das outras. "Somente quando me vi refletida nos olhos do meu primeiro namorado foi que tive a confirmação de que de fato era uma mulher e poderia ser amada, apesar da minha deficiência", diz Luciana, 42 anos, jornalista, casada portadora de sequelas de pólio, que usa cadeira de rodas. Interessante observar que os homens deficientes, também submetidos ao mesmo bombardeio publicitário para procurar uma mulher de corpo escultural, nem sempre fazem o papel desse espelho. "Quando ele, paraplégico e impotente, se achou no direito de criticar o meu corpo, eu vi que aquele relacionamento não ia nem começar", relata Helena, 30 anos, que teve sua perna direita amputada depois de um acidente "Conheço vários homens deficientes e fico impressionada com a arrogância de alguns deles. Ninguém menos que a Luíza Brunet serve para eles". O que ocorre é que, aparentemente, para o homem portador de uma deficiência, é ainda mais importante que para um não deficiente ter uma mulher "tipo avião". Além de ascender socialmente, ele ameniza a carga de preconceitos que recai sobre si, como se quisesse provar: "Sou deficiente, mas sou potente." (CRESPO, 2001)

Embora haja diferenças no processo do homem com deficiência, a percepção distorcida da própria imagem é um fator que ambos os gêneros vivenciam. No dia 5 de junho de 2021, tive contato com meu primeiro interlocutor, o qual influenciador digital com atuação no Youtube e Instagram, e dessa forma tem a exposição de sua imagem como ferramenta de trabalho. Ele, uma pessoa com deficiência física, homem cis, que se declara negro, agnóstico, de 27 anos, relatou durante a entrevista que teve início aproximadamente às 18h10 da noite e foi realizada pela plataforma de videoconferência Google Meet, que durante a adolescência evitava sair de casa, se ver no espelho, tirar fotos de si mesmo, embora tenha trabalhado como fotógrafo por muito tempo. A intenção era evitar a sua própria aparência, pois acreditava que ela era assustadora. O influenciador também relatou que as únicas representações que ele tinha do seu próprio corpo eram de personagens de desenhos animados e ainda assim esses personagens não eram humanos. Ele ainda conta que no começo no começo da sua carreira como influenciador, não aparecia muito nos vídeos por conta dessa relação de auto rejeição a sua aparência. A justificativa encontrada por ele para esse comportamento é a falta de representação nos textos culturais. Ele repete algumas vezes durante a entrevista o fato de não estar representado em nenhum lugar, e de como isso foi um problema para a sua interação.

Ruan, por sua vez, relatou ter passado por muitas religiões à procura da cura de suas lesões. Quando perguntado se a escolha religiosa ajuda na aceitação do seu corpo, ele respondeu:

É, aí que tá! Por eu não ter religião, eu acho que a minha não religião ajuda na aceitação do meu corpo (risos). Porque eu já fui evangélico, eu já fui católico, eu já tive várias religiões e eu não me sentia bem em nenhuma delas, eu sempre sentia que eu tinha que tá esperando o milagre da cura em todas elas. E hoje em dia eu olho para trás e digo: não, véi, tem outras coisas pra fazer ao invés de ficar esperando o milagre da cura. Então eu acho que a minha não religião e o meu apego à ciência hoje em dia principalmente, essa coisa, essa fé talvez tenha me libertado dessas questões corpóreas. Eu sinto que eu não tenho mais que esperar por uma intervenção divina para me deixar certinho. Eu sou do jeito que eu sou e acabou. (Ruan, 2021)

Por algum motivo, o interlocutor criou uma consciência a qual foi capaz de fazer com que o conhecimento científico ocupasse um lugar maior que as suas crenças na cura e isso foi capaz de fazer com que aceitasse sua condição, apesar da interação comprometida. Acredito que a representatividade das modelos e dos modelos com deficiência pode ser benéfica para a vida das pessoas com deficiência, já que construiriam um outro mundo de possibilidades, diminuiria por exemplo esse sentimento de inadequação com o próprio corpo.

A falta de representatividade também foi um fator decisivo para mim. Me tornar uma pessoa com deficiência aos 12 anos, idade em que queremos fazer parte de grupos, e não ter referências de outras pessoas semelhantes que fossem referências de beleza me trouxe, além de inseguranças, uma sensação de não ser de fato humana e parte do social. A minha relação com a roupa que passou de constrangimento, até um tímido, mas relevante empoderamento, me fez questionar como pessoas com uma condição como a minha e semelhante a ela, lidam com essa questão. Dessa maneira, no próximo capítulo poderemos conferir como a representatividade ou a falta dela é um fator crucial para a autoimagem e imagem social das pessoas com deficiência.

## 2. MODELOS COM DEFICIÊNCIA, MODA INCLUSIVA E MERCADO

"permanecer no próprio quarto distante do lugar onde a festa se realiza, ou longe do local onde o profissional atende ao cliente, é permanecer longe do lugar onde a realidade está acontecendo. O mundo, na verdade, é uma reunião." (GOFFMAN, 1985, p. 41)

*“O quão importante você acha que poderia ter sido crescer com alguma referência de beleza que fosse uma pessoa com deficiência?”* Essa é uma das perguntas que faz parte do roteiro de entrevista desta pesquisa, e é também o questionamento na qual a resposta é sempre a mesma, mesmo quando as respostas anteriores são positivas ou negativas. Para os interlocutores, crescer com representatividade seria essencial para construção de uma imagem mais positiva sobre si. Carlos, por exemplo, é um paratleta de 22 anos que relatou nunca ter tido problemas na relação com o próprio corpo. Segundo ele, sua relação sempre foi muito tranquila, já que nasceu na condição de pessoa com deficiência. Dessa forma acabou sendo um processo, para ele, natural embora nem sempre seja uma relação “100%”. Ele diz pensar que é algo que não pode mudar, então não teria o que fazer. Ao responder sobre o quão seria importante crescer com uma referência positiva, responde que

Seria muito importante. É a questão da representatividade, né? Torna isso muito mais fácil, torna a questão da convivência muito mais fácil, porque você está vendo que outra pessoa, vamos dizer assim, representando você da forma que você é, e não por outros meios, então acho que seria bastante importante. (Carlos, 2022)

Maurício também acha que se tivesse uma representatividade mais positiva sobre sua condição no mundo conseguiria naturalizar o seu olhar sobre o seu corpo. Ele traz em sua fala uma referência importante, a dos paratletas, que, apesar de não aparecerem muito, causavam um impacto positivo. No entanto, os paratletas são referências de performance física e não necessariamente de beleza. O interlocutor também traz um ponto importante sobre as representações em novelas e filmes da sua infância. Segundo ele, esses textos traziam a ideia de uma possível cura para o corpo com deficiência ao apresentar personagens protagonizados por atores sem deficiência, que durante a história se recuperariam da sua condição e teriam assim o seu final feliz.

Aí, seria massa, né? Acho que daria uma ajuda em “se” ver nas novelas adolescentes, tipo malhação, que eu assisto. Eu consumia muito essas coisas quando

criança e adolescente. então seria legal se na época eu tivesse essa referência; minha referência na verdade, que eu tive nessa época de criança, era os atletas porque, só quem aparecia eram os atletas. Quem aparecia era atleta, não tinha outra pessoa, paratleta, sei lá, Daniel da natação, esse pessoal. Então, era outra coisa assim que onde dava para escapar essa referência vinha dos atletas. Também era uma coisa que aparecia muito pouco, mas quando aparecia a gente acompanhava. Acho que seria importante, sim. Talvez eu normalizasse algumas coisas que eu não conseguia normalizar, porque eu não via (em relação ao próprio corpo), e aceitaria esse olhar sobre mim, ou talvez não, depende sabe, de como seria esse personagem. Se fosse um personagem positivo, tanto no desenho animado, enfim... novelas ou numa série seria bem legal. Ou como está acontecendo agora, né? Mas é bem recente o que está acontecendo, não era comum... Agora assim, eu pelo menos cresci vendo esse personagem, a figura da pessoa com deficiência em novela ou filme, mas era sempre aquela coisa assim, um ator que não tinha deficiência que vivenciava aquela situação e no final ele iria ter uma grande mágica que iria acontecer, médica, a ciência que iria botar ele para andar, correr, enfim... era sempre assim. Eu quero ver pessoas com vilão, eu quero ver mocinho, eu quero ver o médico da novela, advogado, não sei... pessoas vivendo normal. (Mauricio, 2021)

Essa narrativa, a de que pessoas com deficiência por um milagre médico teriam o seu corpo concertado como um final feliz, só reafirma que ter um corpo com deficiência é ter um corpo errado, anormal, feio e que precisa de conserto, de uma cura. Agora imagine o quão violento é crescer com essa imagem do próprio corpo, precisaria de uma “cura”, mas que talvez essa cura nunca aconteça - e na maioria das vezes ela nunca acontece. A Maria, uma mulher bissexual, diz que se tivesse uma referência positiva, certamente não precisaria ter tantos medos, já que ao ver pessoas protagonizando comerciais, por exemplo, entenderia que também poderia se expor e se relacionar, sem tantos receios.

Teria mudado completamente a minha autoestima na minha adolescência, porque eu não teria precisado esconder mão, esconder pé em foto, não precisava ter medo de me relacionar com homens e mulheres, não precisava ter receio de falar da minha deficiência, então de certa forma se a gente olha para um comercial, se a gente olha para um lugar público e vê uma pessoa com deficiência semelhante a sua, você vai pensar assim: ela está se expondo, ela se considera normal, isso tá naturalizado na sociedade, então tudo bem para mim. Mas a ideia que eu tinha era que não, que não era algo naturalizado. De fato, não era e não é. (Maria, 2021)

Ricardo, embora relate nunca ter se apegado muito a referências, já que diz sempre ter buscado nele mesmo a própria motivação. Ao entrar em contato com as discussões sobre a representatividade, começou a se sentir melhor com a própria condição.

Essa é difícil, hein? Sei lá, é que eu nunca me apeguei a referências, não sei por que, eu sempre fui assim por mim mesmo. Então eu não sei como eu reagiria. Eu sei que comecei a ter uma aceitação melhor depois que eu comecei a entrar mais nessas discussões (a de representatividade), quando eu comecei a entrar na arte, eu comecei a ter contato com mais pessoas, comecei a entrar nas discussões e a compreender que... compreender esse mundo que eu estou incluído, entendeu? (Ricardo, 2022)

Diferente do Ricardo, Ruan diz que ter uma referência seria de fato muito importante, porém, diferente dos outros, a importância da representatividade para ele seria como possibilidade de criar uma perspectiva de futuro, além é claro de ter uma percepção mais real da própria condição.

Eu nem consigo imaginar o quanto importante seria, porque, com certeza, seria muito mais fácil. Porque a onda toda é que eu não conseguia nem me ver no futuro, não conseguia projetar minha vida assim, porque eu não via adultos como eu, porque eu não via pessoas felizes como eu, assim. Não existiam pessoas, então literalmente eu não sabia o que estava por vim. Eu, com certeza, acho que eu teria mais norte, assim. O que aconteceu comigo é que eu acabei criando na minha cabeça uma imagem de que eu não era tão deficiente assim, eu acho que por isso que, quando vi a minha própria imagem em foto ou no espelho, eu me assustava como nenhuma outra pessoa no mundo tinha deficiência, assim que eu admirasse ou que eu gostasse, e tal. Eu achava que eu era *ok* também. Então ver a minha imagem, como eu via na realidade era um susto, eu não sou aquela pessoa e essa dissociação, assim essas paradas são muito doidas. E eu acho que com certeza ter alguém lá ia pelo menos apontar assim para algum lugar, pelo menos falar tipo, “olha, existe alguém fazendo alguma coisa”. Eu não consigo nem mensurar o quanto importante seria isso (Ruan, 2021)

Marcele, que tem paralisia cerebral, diz que seria muito importante, já que passou por um processo de auto culpabilização e, além disso, precisou lidar com o capacitismo e com a ideia de que seu corpo seria feio por conta da deficiência.

Muito importante, porque, a partir do momento em que a gente começa a sair de casa e ir para a escola, tem que lidar com certos preconceitos. Talvez eu não teria acreditado em algumas coisas, tipo que meu corpo é feio. Eu tive que me desconstruir a partir do momento que conheci o que era capacitismo, mas eu acreditava que eu que era errada na situação com relação ao corpo, com relação a como minha voz é, com relação a tudo. Eu não tinha referência, [conexão travou] minha única referência era a Emília, a Emília do Sítio do pica pau amarelo era a única personagem com a qual eu me identificava. Hoje existe Barbies com deficiência, hoje existe muita coisa para crianças que vieram depois da gente, ainda bem. (Marcele, 2022)

De acordo com Hall (2016), somos nós que construímos o sentido a respeito do objeto, da pessoa, da palavra ou da coisa. O sentido, segundo o autor, "é construído pelo sistema de representação. Ele é construído e fixado pelo código, que estabelece a correlação entre nosso sistema conceitual e nossa linguagem." (2016, p.42). Assim, se, por exemplo, temos representações negativas acerca das pessoas com deficiência disseminadas em textos culturais, é assim que iremos lidar com elas de acordo com o roteiro que está disponível, assim como elas também podem assumir esse olhar sobre a própria existência, já que é esse o sentido que conhecemos.

Nos meados de 2019, descobri a existência da Agência de modelos Kika de Castro Fotografias, fundada em 2007, que tem como perfil de modelos pessoas com

deficiência. A fundadora é a fotógrafa e publicitária Kica de Castro, a qual conta em sua palestra intitulada de “Beleza e deficiência não são opostas” realizada no TEDx São Paulo Salon, que fundou a agência depois da sua experiência como fotógrafa de prontuário médico, em um centro de reabilitação para pessoas com deficiência física. Foi nesse contexto que começou a notar o desconforto daquelas pessoas e o próprio desconforto em realizar fotos. A partir disso resolveu inovar. Para que a experiência fosse menos constrangedora, levou alguns acessórios (espelhos, pentes, maquiagem, bijuterias) que pudessem descontraír e proporcionar pelo menos 5 min de contato com a vaidade aos pacientes. A partir dessas fotos alguns dos pacientes começaram a enxergar beleza em seus corpos e passaram a procurar a fotógrafa para seções de fotos artísticas com a intenção de fazer *books* pessoais. Kica, por sua vez, pensou na possibilidade de inserir essas pessoas no mercado da moda, atuando como modelos.

No entanto, nas agências de modelo tradicionais as respostas eram sempre negativas, mas Kica e os seus modelos não desistiram e foram em busca de mais informações sobre o projeto que estavam tentando implantar no Brasil. Para a surpresa deles em outros países, o mercado de modelos com deficiência já estava fervilhando há um bom tempo, já existia concurso de beleza para mulheres cadeirantes, reality show para pessoas com lesão. Um ótimo exemplo dessa inclusão é, segundo o Portal Geledés, a agência *IMG Models*, uma das maiores agências de modelos do mundo, a mesma que representa nomes como Gigi Hadid, Karlie Kloss, Miranda Kerr e Kate Moss, contratou Jillian Mercado<sup>12</sup>, uma modelo norte-americana, de 32 anos, que convive com uma distrofia muscular desde a infância.

No decorrer da palestra depois de citar alguns tipos de corpos que durante a história foram considerados padrões de beleza, Kica se vira para a plateia e pergunta:

---

<sup>12</sup> Por conta da doença a modelo faz uso da cadeira de roda para se locomover. A contratação da modelo é fruto de um movimento da agência de inserir corpos que apresentem características diferentes, a fim de atender seus clientes com uma maior diversidade de referências de beleza. Além de Jillian, um outro nome tem se destacado no mundo da moda, Aaron Philip. Na matéria “*Chella Man and Aaron Philip Better Representation for Disabled Communities*” que em tradução livre corresponde a: “Chella Man e Aaron Philip querem melhor representação para as comunidades de deficientes” publicada no site Vogue, Philip modelo com deficiência física, negro e transgênero junto a Chella que se declara surdo, trans, chinês e judeu falam das dificuldades de atuarem no universo da moda. Philip é representado pela agência Elite, e já modelou para a *Sephora*, *Marc Jacobs* e *Paper revista*. Philip conta que existem muitos modelos negros e queer mas que modelos com deficiência física são quase inexistentes no campo da moda.

“Vocês já pararam para pensar em que momento da história as pessoas com deficiência se tornaram referência de beleza?” E então o silêncio impera. Pelas informações obtidas, em nenhum contexto histórico a pessoa com deficiência foi um referencial de beleza e, segundo Diniz (2007), desde o século XVIII não se encaixa no que se entende por padrão de corpo humano “normal”:

A concepção de deficiência como uma variação do normal da espécie humana foi uma criação discursiva do século XVIII, e desde então ser deficiente é experimentar um corpo fora da norma. O corpo com deficiência somente se delineia quando contrastado com uma representação de o que seria o corpo sem deficiência. (Diniz, 2007, p. 4)

O que sabemos sobre a estética das pessoas com deficiência é que há uma associação com o feio. Para comprovar isso traremos dados de alguns períodos históricos nos quais as pessoas com deficiências foram representadas como feias e monstruosas.

No Egito antigo, segundo Silva (1937), os anões não eram olhados como inferiores aos demais, os que possuíssem bens poderiam exercer qualquer cargo que almejassem, já os de classes baixas eram comprados por ricos senhores ou faraós. Eles eram retratados em pinturas e estátuas com fidelidade. A valorização que acontecia devido à aparência não estava relacionada à existência de uma possível beleza. Na verdade, a procura por esses corpos estava relacionada a crenças sobre a “feiúra” que era relacionada a um Deus, o qual era representado na figura de um anão, capaz de espantar a má sorte.

Nesse caso, apesar de os anões serem associados ao feio, a intenção era de trazer boa sorte a quem os tinha por perto, mas em outros contextos as pessoas com deficiência foram associadas a monstros. Os monstros normalmente não são sinônimos de beleza. Pelo contrário, o que sabemos sobre os monstros é que são assustadores, provocam o horror e nos remete ao feio. Em Roma, por exemplo, era proibido por lei, a morte intencional de crianças menores de três anos, exceto se a criança em questão tivesse nascido com alguma mutilação ou alguma característica que a levasse a ser considerada monstruosa. Desta forma, a morte deveria se dar no momento do nascimento.

Um outro fator importante para se pensar a relação da pessoa com deficiência com o feio é pensando na definição do conceito em Nietzsche (1985). O filósofo,

quando se predispôs a definir o feio, o aponta como sintoma e sinal de degeneração e paralisia. Na contemporaneidade, segundo Kirchof e Bonini (2013), a feiura é frequentemente retratada na literatura infantil com características disformes, incompletas e desproporcional. Não só as bruxas, mas outros personagens dos desenhos e filmes que representam o mal, a vilania, apresentam lesões para caracterizar a feiúra. Em alguns momentos da história, nos deparamos com a exibição dos corpos tidos como anormais, esses que trazem como características lesões e deformidades em sua composição, como seres monstruosos. Courtine (2008) nos conta que, no final do século XIX, na Europa, mulheres e homens com características ditas “anormais” eram exibidos em feiras como criaturas monstruosas. As feiras arrebanhavam multidões e arrecadavam muito dinheiro: essas exposições representam as primeiras formas da indústria moderna da diversão de massa. Para o autor, a figura do monstro constitui o modelo de todos os pequenos desvios do corpo humano, por ser o princípio da compreensão de todas as formas de corpos possíveis apresentadas pela natureza, entendidas como anomalias.

Para Lorenzoni, Rocha e Zambom (2012) é impossível existir moda sem existir corpo, pois tudo que é pensado e produzido na moda é feito para atender as necessidades humanas. Talvez seja possível afirmar que o corpo ocupa um lugar muito maior no campo da moda que o próprio vestuário. De acordo com Lars Svendsen (2010), em 1950 a fotografia de moda ainda tinha como foco a roupa, mas 10 anos depois, a fotografia já mostrava uma valorização maior da pele. A partir disso “em vez de apresentar roupas, busca-se cada vez mais apresentar uma imagem em que o corpo do modelo é portador de valores simbólicos” (SVENDSEN, 2010, p. 54). Segundo Wolf, a beleza acompanha a moda, e a “beleza” se apresenta por meio dos corpos modelos.

De acordo com Conceição e Nery, “o/a modelo, podemos tratar mais genericamente, é basicamente um instrumento dos padrões de beleza para que a ideia do que é considerado um corpo bonito, um corpo normal, seja socializado e incorporado por mulheres e homens” (2022, p. 118). O modelo, de acordo com Svendsen (2010), são as pessoas que mais se aproximam da norma estética. E essa norma é utópica, já que, apesar de nos apresentarem o ideal de corpo, até mesmo os modelos têm a imagem de seus corpos manipulados digitalmente. Mas, mesmo sendo uma ficção, como afirma

Svendsen, ela não perde sua função normativa. Dessa forma, como se dá a existência de modelos com deficiência nesse cenário?

Segundo a matéria “A indústria da moda nos moldes da inclusão”, publicada na *Agência da Hora* – UFSM, em 27 de maio de 2022, ainda quando falamos em moda pensamos em modelos dentro do padrão, enquanto a existência de modelos com deficiência é pouco divulgada.

A moda movimenta uma grande parcela da economia, cerca de 2,3 trilhões de dólares no mundo. No Brasil, em 2016 circularam em torno de 43 bilhões de reais, e esse número não para de crescer, segundo dados da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção (Abit). Porém, quando se fala em moda, o único pensamento que vem à mente é de modelos padrão e visuais exagerados. “A moda está dando às pessoas uma visão distorcida de como é o mundo”, diz Christina Mallon, diretora de marca do Open Style Lab. Pouco se fala sobre modelos com deficiências e roupas que se adaptem a uma pessoa com deficiência física. (Marmilicz, Reis, Novaes e Vizioli, 2022)

A pesquisa divulgada pelo *Estadão* em julho de 2021, *Diversidade na comunicação de marcas em rede social*, realizada pela consultoria Elife e pela agência SA365 diz que

pessoas com deficiência continuam sendo bastante sub representadas na comunicação das marcas, presente em apenas 1%, contra 23% de presença na população do país. Somente 4 das 10 categorias analisadas tiveram pessoas com deficiência evidenciadas nas publicações. (ESTADÃO, 2021)

Perguntados sobre a participação de pessoas com deficiência em propagandas publicitárias, a maioria dos interlocutores teve dificuldades para responder.

Marcele (2022) já sabia da existência de modelos com deficiência, inclusive já tentou ingressar em uma agência de modelos, mas não teve êxito no processo de seleção. Diz que nunca consumiu um produto motivado pela presença de pessoas com deficiência na propaganda publicitária, mas já comprou um produto produzido por uma pessoa com deficiência. O produto em questão são blusas com estampas exclusivas. A estilista é autista. Diz também não se recordar de nenhuma campanha publicitária que tenha tido uma pessoa com deficiência como parte integrante. Citou a marca Reserva por ter uma linha específica para pessoa com deficiência, mas diz não ter visto nenhuma campanha publicitária da empresa que evidenciasse esse produto.

Para Maurício (2021), nos últimos tempos a inclusão de modelos com deficiência tem sido maior que nos anos anteriores. No entanto, não se recorda de

nenhuma campanha na qual houvesse a presença de pessoas com deficiência e nunca consumiu algo motivado por isso. Ruan (2021) relata que nunca consumiu nenhum produto motivado pela presença de uma pessoa com deficiência na propaganda. Até porque, segundo ele, não tem e quando tem é sempre uma pessoa com uma deficiência um pouco mais branda, não possui um corpo como o dele, que o mesmo intitula como “completamente disforme” e um “outro ser”. Então geralmente quando ver alguma propaganda na TV, o corpo da pessoa com deficiência está dentro de um padrão aceitável e sempre são pessoas brancas. No entanto, diz que acompanha as publicidades de influenciadores, como a Pequena Ló, Mariana Torquato e a blogueira PCD.

Ana (2021) diz que já sabia da existência de modelos com deficiência e que já presenciou a participação delas em propagandas. Citou uma marca de maquiagem internacional quando perguntada se já havia presenciado uma modelo com deficiência em campanhas publicitárias e diz não se recordar de outras. Ana (2021) já consumiu um produto motivada pela presença de uma pessoa com deficiência na propaganda. Ricardo (2022) diz que não sabia da existência de modelos com deficiência, no entanto lembra da atuação de uma pessoa com deficiência na propaganda de conscientização do Governo do Estado da Bahia. Quanto a consumir produtos motivado pela participação de pessoas com deficiência na propaganda, diz não consumir. Maria (2021) diz saber da existência de modelos com deficiência e consegue recordar da propaganda dos produtos Avon, na qual houve a participação de um modelo com deficiência. Ela consumiu e recomendou o produto, motivada pela participação desse modelo. Citou uma outra participação de modelos com deficiência na propaganda da empresa Estácio de Sá. Carlos (2022) diz que raríssimas vezes presenciou a participação de um modelo com deficiência em propagandas publicitárias, também não se recorda de ter consumido algum produto por conta dessas participações, acha que provavelmente não consumiu. Diz não lembrar das marcas que promovem a participação de pessoas com deficiência em suas campanhas.

Em entrevista para o podcast *Moda em Rodas*, do canal Bossa 9 Oficial, a consultora de diversidade e inclusão na comunicação e fundadora do projeto *Propaganda de resposta*, Anna Castanha, sinaliza alguns aspectos que dificultam a inclusão de modelos com deficiência em campanhas publicitárias. Indagada pela entrevistadora sobre o porquê do perfil de modelos, quando vemos em campanhas, normalmente serem pessoas jovens, brancas, magras e usuárias de cadeira de rodas, Anna afirma que essa procura não acontece apenas com PCDs, e dá exemplo de

mulheres negras, as quais, quando contratadas para campanhas, precisam seguir um padrão – não ter cabelo crespo, a pele não pode ser tão retinta e apresentar traços ocidentalizados. Dessa forma, cria-se um padrão até mesmo para pessoas com deficiência, que estão fora do padrão. Ela diz que não vemos outros tipos

de deficiência sendo retratada nas campanhas publicitárias que não seja uma pessoa que não utilize cadeira de rodas porque isso ainda é o padrão, é o tipo de deficiência com o qual as pessoas que trabalham na comunicação de forma geral sabem lidar. É o tipo de deficiência com a qual elas estão mais acostumadas. (...) com outras (deficiências), elas não estão ainda, porque elas não convivem com o diferente. Para elas, o lugar comum é uma pessoa em uma cadeira de rodas. Mas é uma pessoa cega, uma pessoa surda, uma pessoa com deficiência intelectual, elas não estão acostumadas, elas não sabem se comunicar com essas pessoas. Então fica muito difícil de inserir algo nessa campanha que nem elas mesmas entendem. Então, no mesmo caso, eu repito, o caso da mulher negra; se é para ser negra tem que ser do jeito “certo”, se é uma pessoa com deficiência, entre aspas, certo. (CASTANHA, 2021)

Outro aspecto abordado na entrevista é a remuneração dos modelos com deficiência. Segundo Anna, esses modelos, pelo pouco número de oportunidades, aceitam trabalhos com baixa remuneração e os contratantes com consciência acreditam que estão fazendo uma caridade, uma vez que contratam esses sujeitos.

Olha você pode contar nos dedos de uma mão quantas campanhas têm pessoas com deficiência. Então o que que o mercado pensa? Já que eu vou colocar essa pessoa, essa pessoa não tem tantas oportunidades do que pessoas sem deficiência, eu posso pagar o que eu quiser porque ela nem isso tem. Então existe essa grande desvalorização. Vou dar um paralelo, né. Mulheres negras ganham menos que mulheres brancas, só por serem negras, porque são negras. Então, muitas modelos e muitos modelos com deficiência, recebem menos simplesmente porque têm uma deficiência. Então essa ideia de que estou fazendo um favor, estou fazendo uma caridade, a pessoa pega se ela quiser. (...) eu entendo muito o fato de modelos, tanto homens quanto mulheres aceitarem esses trabalhos porque, de fato, são poucas as oportunidades, mesmo que a remuneração seja mais baixa. Então o acesso a essas oportunidades é muito menor. Então eu não culpabilizo esses modelos, de forma alguma, porque entendo que existe uma enorme dificuldade de conseguir trabalho. É o que tem, mas isso precisa mudar. (CASTANHA, 2021)

O episódio 18 do *Moda em Rodas – Por uma beleza isenta de rótulos!*, que teve como entrevistada a Kika de Castro, traz um panorama de como, segundo a sua experiência com o mercado da moda, está acontecendo a inclusão dos modelos com deficiência neste campo.

São poucas pessoas com deficiência que valorizam o lado profissional, já falei isso e vou sempre bater nessa tecla. Ser modelo não é apenas porque a mamãe falou que sou bonitinho, precisa estudar, precisa ter a capacitação necessária. É todo um processo para ser reconhecido como profissional, nada acontece da noite para o dia. Por outro lado, e aí a gente coloca realmente a culpa no mercado porque tudo existe os dois lados, né, e temos que avaliar isso como um todo. O mercado também não ajuda, acha que o profissional com deficiência tem que ganhar menos, que inclusão é um favor e que modelo com deficiência só serve para campanha de

assistencialismo. Não é bem assim, nós sabemos disso. A pessoa com deficiência é consumidora e precisa ser representada em tudo, com os mesmos direitos e deveres. As oportunidades precisam aparecer, acreditar na escolha do profissional, não ter medo de apostar nesse consumidor e usar a característica física como vitrine. E isso não é explorar a deficiência é mostrar para esses 46 milhões de pessoas que estão espalhadas pelo Brasil que a empresa, ela pensa em inclusão e que as portas estão abertas para todos. Um profissional com deficiência não é diferente de um profissional sem deficiência e a responsabilidade e cachê devem ser iguais, assim como as oportunidades de trabalho. Se cada um fizer a sua parte a gente vai viver uma inclusão plena sem precisar toda hora ficar falando “estou fazendo inclusão”. Vai ser uma coisa tão natural, tão orgânica que todo mundo vai se beneficiar. (MODA EM RODAS, 2020)

Quando os interlocutores foram perguntados sobre a importância da existência desses modelos, as respostas foram positivas. Para Maurício, a existência de modelos com deficiência pode ser uma representatividade positiva para todos, mas principalmente para aqueles que adquirem uma lesão ao longo da vida. Além disso, isso também ajudaria em relação à segurança na hora de consumir

Eu acho que pode ser tudo na verdade, porque, principalmente para quem está começando a formar essa ideia, quem vem antes e para quem acabou de passar por uma situação e acabou de se tornar uma pessoa com deficiência, por um acidente, sei lá, por alguma coisa, é um trauma. Então, faz toda diferença. Hoje dia tem a Barbie cadeirante, Barbie amputada... elas não são acessíveis, mas na minha época era inimaginável uma criança poder brincar com uma boneca numa cadeira de rodas. Não existia, nunca tive um boneco, um brinquedo que se assemelhasse a mim, nunca. Então, faria, faz total diferença. Eu acho que isso para mim é inclusão, na verdade. E não separar e dizer, olha esse brinquedinho é de tal criança, esse espaço é de tal criança e esse espaço é de vocês. Tem que ter essa naturalidade mesmo de ter os modelos de ter as roupas, chegar na loja e ter pessoas com deficiência também, usando aquela roupa, vestindo... Faria total diferença, eu me sentiria bem mais à vontade para comprar, por exemplo, até porque as pessoas agem como se a gente não tivesse poder econômico, mas a gente também consome. Mas eu quero consumir uma coisa que me sirva, que eu me sinta bem, que eu consiga usar e que eu consiga gostar e não é sempre que isso acontece. (Maurício, 2021)

Para Ruan, a existência de modelos é positiva, mas precisa haver uma não categorização dos corpos com deficiência, precisaria trazer a tona não apenas os corpos com os quais já temos familiaridade - como os cadeirante, por exemplo - mas deficiências que assustam, causam impacto, corpos que a gente não encontra no dia a dia.

Eu acho importante, agora eu acho importante que, como eu falei, né? não categorizam as deficiências, que eles só escolhem deficiências que são agradáveis de se olhar, pessoas com deficiências que não parecem, sabe aquele comentário “por, nem parece que você é deficiente”, então eu quero que ver modelos com deficiência, que parecem que são pessoas com deficiência. Que a gente olhe e eu quero ver todo mundo tomando susto, para chocar assim. [travou a conexão] Eu acho que seja importante que seja disruptivo, de verdade, que seja impactante. (Ruan, 2021)

Marcele, embora afirme trazer um otimismo sobre a própria condição, diz que a existência de modelos com deficiência ajudaria nas vezes em que ainda se questiona sobre o próprio corpo.

Muito importante porque a gente ainda se pega, apesar de todo meu otimismo e tudo, eu ainda me pego questionando o meu corpo, às vezes. Então essa falta de representatividade na moda auxilia para isso, né? (Marcele, 2022)

Carlos diz que modelos com deficiência ajudam a lembrar que tem pessoas como ele, vivendo experiências parecidas. Ainda que nem sempre essa representatividade seja positiva, “pelo menos” estão, segundo ele, desempenhando esse papel.

Bastante benéfico. Essa questão mesmo de se sentir representado, de sentir que você não está sozinho, você tá vendo alguém na mídia que tem a mesma deficiência que você, que tem a mesma dificuldade, que passa pelas mesmas coisas e aí, é muitas vezes na mídia não é representado da melhor forma mas pelo menos tá lá, e pode pelo menos fazer um certo papel disso. (Carlos, 2021)

Embora para as pessoas com deficiência a representatividade seja algo muito importante, até mesmo essencial para a construção de uma visão mais positiva, a sua existência surge de forma lenta. No entanto, apesar da lentidão, as próprias pessoas com deficiência, fazendo uso da sua agência, se movimentam socialmente para mudar esse cenário. De acordo com Conceição e Nery (2023), ao investigar a campanha #pcdnacapa, apesar da visão capacitista que é naturalizada acerca da condição de pessoa com deficiência, essas pessoas continuam buscando formas de resistência a fim de mudar as crenças acerca da sua condição. Embora não haja de fato uma representação positiva na qual elas possam se apoiar, se voltar contra as crenças se dá justamente pela falta. A campanha estudada pelas autoras tinha como proposta que pessoas com deficiência postassem uma foto na qual recriassem “uma capa de revista marcante e, claro, com uma montagem que indicasse a revista escolhida.” (Conceição e Nery, 2023, p. 118). A intenção era chamar atenção para a falta de representatividade positiva. A campanha, embora tenha tido um número de postagens pode ser considerado pequeno, teve um impacto significativo. A resposta a isso foram postagens de algumas revistas de entretenimento e de moda, entre elas a *Vogue Brasil*, que fez uma matéria sobre a campanha em seu site. Juntamente com as fotos, segundo as autoras, as postagens também contavam com textos os quais traziam uma busca por representatividade.

É possível observar nos textos uma busca por representatividade a qual começa já na infância. Essa busca também é associada em algumas falas à construção da

autoestima, quando, por exemplo, procuram em uma outra pessoa semelhante uma referência de beleza, relacionamento, moda e não encontram. Busca-se uma referência positiva para se espelhar. Procura-se também uma maior divulgação da moda inclusiva por meio dos grandes veículos, como a revista *Vogue*. Isso indica que a pessoa com deficiência busca ser pensada em suas necessidades e desejos. Ao ser reforçada a inquietação com as matérias sobre superação, reivindica-se o reconhecimento como pessoas, em primeiro lugar. (Conceição e Nery, 2023, p. 121)

O texto das autoras ainda traz uma outra reflexão ao trazer relatos de influenciadores digitais, esses que também são pessoas com deficiência. Na busca por representatividade, reivindicando outras questões que cercam a sua existência e atuando enquanto influenciadores, eles se tornam a própria representatividade positiva que procuram. Ainda de acordo com Conceição e Nery,

É notável a agência desses indivíduos que já não se identificam com a identidade a qual lhes foi atribuída. E agora acreditando que é possível viver, ou mesmo sobreviver fora dos moldes dessa identidade estigmatizada, desejam contribuir com mudanças por meio de mobilizações individuais - estando presentes nas redes sociais, mostrando seus corpos, indo contra a lógica de apagamento, vestindo roupas que não achavam possíveis para o seu corpo e divulgando isso, para que outros, com corpos semelhantes, criem novas perspectivas estéticas sobre si – ou mesmo coletivas, criando movimentos de inclusão em lugares que dificilmente ocupariam por conta exatamente do que é pregado socialmente sobre o seu corpo. Mesmo no caso das ações mais pontuais e individualizadas, o resultado é a constituição de uma rede de relacionamentos por afinidades que acaba por ampliar o espectro de possibilidades de ações e também de renovação das estimas sociais e auto-estimas. (Conceição e Nery, 2023, p. 128)

Durante as entrevistas, perguntei aos interlocutores se eles teriam alguma referência de beleza que era, obviamente, uma pessoa com deficiência, as respostas em sua maioria diziam respeito a influenciadores. Alguns influenciadores com deficiência citados foram: Mariana Torquato (foi citada algumas vezes), Lelé Martins (citada algumas vezes), Andreia Werner, Ana Clara Muniz (citada algumas vezes), Zanandra, Andreia Suatz, Maiara Bassa, Amanda - ArteAmare, Luisa Pitanga, Deives Picáz, Hawk e Paola Antonini .

Há também quem tenha as modelos de cadeiras de rodas como referência, como o Ricardo. Ele diz que “muitas vezes a gente vê as pessoas que fazem a campanha de cadeiras de rodas e de algumas campanhas assim relacionadas ao esporte mesmo e aí a gente acaba se, vamos dizer assim, inspirando nessas coisas.” (2022) O Ruan diz que não tem uma referência de beleza, porque não existem corpos como o dele na mídia.

A relação das pessoas com deficiência com a roupa também aparece nas falas dos influenciadores citados por Conceição e Nery (2023). O constrangimento social

sofrido pelas pessoas com deficiência fica evidente nos relatos dos/as influenciadores/as sobre o uso de determinadas peças de roupas.

A questão da representatividade também perpassa a questão da roupa. Como vimos anteriormente, há determinadas peças de roupas que causam o sentimento de vergonha, insegurança, mas também de liberdade e auto realização - obviamente que esses sentimentos não estão contidos na roupa, mas no significado que é dado a ela, de acordo com a noção que o indivíduo possui do próprio corpo. A roupa aparece aqui como um dos instrumentos de construção desse indivíduo - diria até da construção desse/a ator/atriz que se veste com o figurino de acordo com os sentimentos quanto a sua personagem, já que a forma com que esses indivíduos se sentem diz muito sobre o que será ou não vestido. (Conceição e Nery, 2023, p. 129)

No entanto, as pessoas com deficiência enfrentam outras questões. A roupa, por exemplo, pode ser algo bastante problemático para aqueles que possuem pouca ou nenhuma autonomia. Embora a roupa possa auxiliar para a construção do indivíduo com deficiência, como apontam as autoras, existem algumas barreiras que vão além do constrangimento social. E é isso que discutiremos a seguir.

Na matéria “How do you get dressed in the morning? Four very different approaches to putting on clothes”, publicado na *The Guardian* em 13 de junho de 2022, Lucianne Tonti traz o relato de 4 *designers* de moda sobre como eles se organizam em relação à roupa do dia a dia. Os *designers* trazem dicas de como facilitar a vida daqueles que não têm tempo de escolher com calma a roupa que irão usar. O texto ganha maiores dimensões quando acessamos os comentários. Um comentário<sup>13</sup>, em especial, chama a minha atenção:

Obrigado Lucianne Totin por um artigo realmente interessante sobre um assunto importante e pouco discutido. Pesquisei e escrevi sobre esse assunto no que se refere ao trabalho diário que os deficientes devem fazer para encontrar roupas que caibam em seus corpos e em seus grupos sociais, o que raramente é discutido. Eu chamei isso de “trabalho de vestir o corpo” em meu próximo capítulo para a imprensa de Bloomsbury “‘The American Look’: Memórias de não se encaixar” - para aqueles de nós com corpos lindamente 'diferentes', vestir-se pode ser estressante e muitas vezes é tão tanto sobre rejeitar roupas quanto selecioná-las. (Elizabeth Kealy-Morris, 2022, tradução livre)

Descubro em seguida que o comentário escrito pela Dra. Elizabeth Kealy-Morris virou uma matéria no mesmo site, o *The Guardian*, e foi intitulada de “The stress of

---

<sup>13</sup> Thank you Lucianne Totni for a really interesting article on an important subject not discussed often. I've researched and written about this topic as it relates to the daily work the disabled must engage in to find clothes that that fit their bodies and their social groups which is rarely discussed. I've termed this “body dressing work” in my forthcoming Bloomsbury press chapter “‘The American Look’: Memories of not fitting in” — for those of us with beautifully ‘different’ bodies, getting dressed can be stressful and often is as much about rejecting clothes as it is selecting them. (Elizabeth Kealy-Morris, 2022)

“dressing for disabled people”. O pequeno texto contém apenas o comentário reduzido e uma pequena introdução da autora, não há uma elaboração.

Obrigado pelo artigo de Lucianne Tonti. Pesquisei esse tópico no que se refere ao trabalho diário que as pessoas com deficiência devem realizar para encontrar roupas que caibam em seus corpos e grupos sociais. Para aqueles de nós com corpos lindamente “diferentes”, vestir-se pode ser estressante e muitas vezes significa tanto rejeitar roupas quanto selecioná-las. (The Guardian, 2022, tradução livre)<sup>14</sup>

No entanto, o comentário é o suficiente para exemplificar um problema que aflige muitas pessoas. Digo isso porque não é a primeira vez e nem será a última que escuto e leio relatos de pessoas com deficiência física a respeito da roupa. Essa insatisfação é antiga, não é à toa que já temos marcas de roupas inclusivas que prometem cumprir a demanda da falta de roupas para pessoas com deficiência.

Uma das perguntas da entrevista foi: *Como é a sua relação com a moda?* E a maioria das respostas apresentaram alguma questão com o vestuário, que passavam também pela falta de conforto, falta de peças, calçados que não se adaptam aos aparelhos, valores das peças, falta de publicidade, peças que provocam machucados e dor. Marcele relata que a falta de modelos com deficiência nas propagandas interfere nas compras, já que ela não sabe se as peças de fato servirão para o seu uso.

Eu acho que falta um pouco de identidade, na minha opinião, porque enquanto as marcas não colocarem a gente na publicidade, como é que a gente vai entender se aquilo serve ou não pra gente, tem que comprar e testar a gente não consegue ter essa certa referência antes de comprar. (Marcele, 2022)

Para Ruan, a sua relação com a moda parte de dois fatores; o primeiro é, assim como Marcele, a falta de representatividade, fator que causaria um afastamento. E o segundo a questão econômica:

Então, aí tem vários fatores. O primeiro é o de nunca ter sido representado na moda, então eu nunca me vi na moda e isso afasta né? com certeza porque eu acho que aquilo ali, assim, hoje em dia, não mas já achei que aquilo ali não era um ambiente para mim. Em segundo lugar, vem a questão da renda, a questão de onde eu vim, então para pessoas de baixa renda a moda é uma coisa complicada, porque as vezes você usa o que dá, você usa o que tem e não o que você queria usar, o que você acha bonito, sabe? então é meio complicado mas hoje em dia me vejo mais próximo, acho que até por conta do meu trabalho, de tudo que eu já fiz, hoje em dia eu já consigo entender a importância identitária, a importância de você se afirmar enquanto

---

<sup>14</sup>Thanks for Lucianne Tonti’s article. I’ve researched this topic as it relates to the daily work that disabled people must engage in to find clothes that fit their bodies and their social groupings. For those of us with beautifully “different” bodies, getting dressed can be stressful and often is as much about rejecting clothes as it is selecting them. Dr Elizabeth Kealy-Morris (The Guardian, 2022)

indivíduo que a moda traz e eu consigo me colocar ali de alguma forma. (Ruan, 2021)

A relação de Ana passa por 3 fases: a primeira, sua infância - na qual preferia roupas que a deixassem mais confortável e também porque era o que estava disponível; a segunda fase, a adolescência - usava roupas mesmo que a machucassem; terceira fase, a atual - mescla roupas confortáveis e as que são tendências, já que hoje, com as mudanças que é uma característica primária da moda, consegue ter acesso a peças mais diversas que estão na moda e não a machuca, nem causa dor. No entanto, não nega que ainda não tem acesso a algumas peças essenciais, como calça e shorts.

Eu passei muito tempo da minha vida aceitando o que estava disponível, sabe? na moda, então tipo “ah, mas essa blusa não combina com essa calça e nem com esse tênis, mas é o que me serve, é o que tem”. Então durante muitos anos eu só usava tênis de academia, tipo tênis de academia, né? porque eram os mais confortáveis, hoje né? a gente tem tênis *nike*, *adidas* por exemplo, *fila* que são super confortáveis e são mais estilosos, que a galera usa mais na rua, não usa só para fazer exercícios por exemplo, mas durante a minha infância e a minha adolescência, não. Os tênis que tinham disponíveis e confortáveis eram só o tênis de academia, então era aquilo que eu usava para qualquer canto que eu fosse. E aí, calça e blusa também era tipo uma estampa x uma estampa y e foda-se, é que estava disponível, era o que me serve, sabe? então durante muito tempo eu, na minha infância principalmente eu era muito chata e não gostava de coisas que me... chata, não né? eu era certa. Coisas que me machucava e me apertavam, então tipo, eu vivia discutindo com a minha mãe, ela é super, gosta de se vestir bem e tal e arrumada e tudo mais e eu, vivia falando que eu não queria usar aquela roupa porque elas eram desconfortáveis para mim. Então, eu vivia saindo com uma blusa nada haver com a calça, com um tênis nada haver também, porque era o que eu me sentia confortável. Aí, na adolescência eu comecei a usar coisas que eram, por exemplo, que eu não me sentia confortável mas que estavam na moda, então eu usava peças que eu não me sentia muito bem mas que eram o que minhas amigas usaram e tudo mais, então eu aceitava aquilo também. hoje a minha relação com a moda é um pouco diferente, eu ainda tenho algumas críticas e tudo mais, mas eu procuro usar roupas que eu me sinto confortável e que eu acho bonitas, tipo eu tento unir as duas coisas. Se eu tô desconfortável, eu não vou usar. Se eu acho que está feio, eu também não vou usar. Então eu procuro unir as duas coisas e acho que eu tenho conseguido fazer isso, na medida do possível, por mais que ainda tenha muitas peças que eu tenha dificuldade encontrar, principalmente calça, em si ou shorts as vezes também, principalmente jeans. Mas camisetas, até porque a moda foi mudando ao longo do tempo, então coisas mais largas, coisas que eu me sinto mais confortável foram deixando de ser, looks desleixados para se tornar looks que fazem parte da moda, que a galera usa e tudo mais. Então, eu tenho me sentido mais confortável com essas peças que não me apertam, que não me machucam ao longo do tempo também parei de usar sutiã, faz uns 3 anos, acho que eu quase não uso, nesses anos eu devo ter usado, se uso é um de renda, alguma coisa mais levinha que não vai me apertar, que não vai me machucar. Porque antes eu usava sutiã com bojo e aro, e aquelas coisas que super machucavam a minha costa e que eu ficava com dor depois de passar o dia inteiro. Eu nunca fui de dormir com sutiã mas eu trabalhava e estudava então eu saía de casa cedo, voltava para casa super tarde e ao longo também eu fui deixando o sutiã para trás e foi tipo muito bom porque as minhas dores nas costas do dia a dia diminuíram bastante, então acho que a minha relação com a moda foi mudando ao longo do tempo, como eu expliquei, foram fases, acho que eu tenho estado numa fase *ok*, mas que ainda não considero 100% aceitável porque ainda tem muitas peças que ainda tenho dificuldade de encontrar e tudo mais mas tenho visto como um processo. Como eu falei, quando eu era criança eu usava só o que era confortável, depois

passsei a usar só o que era bonito e hoje eu consigo unir essas duas coisas. E por mais que eu tenha dificuldade de encontrar, algumas peças, eu acho que tem sido *ok*. Tem muito para melhorar? sim. Mas tenho estado confortável na medida do possível. (Ana, 2021)

Carlos diz que sua relação com a roupa na maioria das vezes é tranquila, já que não enfrenta grandes questões para ter acesso a calças e camisas, sua questão são os tênis que por muitas vezes não encaixam nas órteses, um aparelho o qual ele faz uso.

Sobre essa questão, eu tenho bastante dificuldade em questão de tênis porque eu uso uma órtese, então é sempre bastante difícil achar um tênis que realmente encaixe na órtese. Primeiro porque o pé é pequeno, e acaba que tem essa dificuldade um pouco maior, a questão maior é essa o resto é tranquilo, a parte de calça, camiseta na maioria das vezes é tranquilo, algumas vezes não tanto, mas a maioria das vezes, sim. (Carlos, 2022)

Ricardo diz que sua relação com a moda é desconexa, porque não se preocupa muito com o que está vestindo. No entanto, ele produz camisetas com a temática da cultura pop, mas ainda assim não reconhece que tem uma relação direta com a moda.

Ah, eu sou bem desconexo com a moda, eu sou o cara que compra camisa de 10 reais, ou camisa de Anime, logo. Comecei a produzir estampa de camisa agora, personalizadas, mas com essa temática, mais voltada para o que eu curto que é jogos [áudio baixo] desenhos. [questiono: então você tem uma relação próxima com a moda? e ele responde] é uma relação de amor e ódio, né? Porque a moda não gosta muito disso. [ e aí, explico porque acho que ele possui uma relação mais próxima, ele explica porque não acha que é tão próximo assim]. Eu sou um pouco desconexo da moda porque ontem e semana passada eu fui dá uma palestra, todo mundo bem bonito, todo mundo bem vestido de calça, tênis, camisa social e tudo, eu fui a única pessoa que fui de bermuda, sandália, camisa, uma camisa rosa porque eu tava com vontade de vestir na hora [digo: o seu estilo]. Todo muito bem arrumado e eu literalmente como eu fico em casa, sendo que eu que fui dá a palestra. (Ricardo, 2022)

Maria relata que tem uma relação difícil com a moda, já que o mercado não atende totalmente às demandas da sua condição. Devido a isso, precisa optar por comprar e mandar ajustar ou mandar fazer.

A gente tem uma briga, a gente tem uma DR porque, como a artrogripose, você vai ter aí, a oportunidade de pesquisar sobre, a artrogripose múltipla congênita por atrofiar os membros encurta a pessoa, né? então por ser pequena as roupas não são adequadas para o meu tipo de corpo, ai eu sempre tenho que, quando compro uma blusa muito larga, eu tenho que mandar ajeitar, cortar alguma parte ou tenho que pedir para fazer a minha blusa principalmente blusa social, blusa social, não tem blusa social para mim nas lojas, eu tenho que pedir para fazer, calça mesma coisa, calça social, calça jeans não tem. A única peça que uso que eu não preciso fazer nenhum ajuste é short e roupas íntimas, calcinhas, sutiã. [pergunto: e a moda inclusiva?] pouco difundida e não sei onde estão essas lojas, onde estão essas lojas? não sei, e os preços pelo pouco que eu já vi ainda não estão acessíveis. (Maria, 2021)

No seminário “Mercado e Moda Plural: Escassez e Oportunidades”, promovido pelo Instituto de Estudos Avançados da USP, Francisca Dantas Mendes, professora da

EACH-USP, fala sobre demandas que não são atendidas, quando o assunto é vestuário que atenda a pessoa com deficiência:

que tipo de abertura? Que tipo de fechamento e aviamentos poderiam facilitar e poderiam ser substituídos para atender os PCDs [pessoas com deficiência]? Lançar uma coleção diferenciada que provavelmente atrairia não somente esse público específico. Há uma grande demanda represada. Presta atenção, pessoal, são mais de 45 milhões de pcds, segundo o IBGE, no censo de 2010, sendo que estão fora desse total o nanismo, o autismo e a síndrome de down, com certeza esse número é muito maior hoje. Se, em 2010, o Brasil tivesse somente 100 pessoas, preste atenção, 19 pessoas teriam deficiência visual, dessas 3 com deficiência total ou grande dificuldade. 7 dessas pessoas teriam deficiência motora, sendo 2 com deficiência total ou grande deficiência. 1 com deficiência mental ou intelectual, um total de 32 pessoas pcds, são mais de 30% da população brasileira, que estão sem acesso a produtos de moda. (Francisca Dantas Mendes - 2021 - USP)

A Kika de Castro, outra palestrante do evento e proprietária da primeira agência de modelos com deficiência do Brasil, como apresentamos anteriormente, ao ser perguntada sobre “o que poderia ser feito para que os consumidores valorizassem o investimento que farão para adquirir os seus produtos”, respondeu:

em 2002 que comecei a trabalhar com pessoas com deficiência e eu vejo assim; algumas iniciativas estão sendo feitas nesse mercado, existem modas que falam que fazem a inclusão, moda inclusiva, roupas adaptadas e eu vejo dois pontos: falta consumidor, porque essas marcas elas estão fazendo roupas mas eu não vejo as pessoas consumindo; então a gente está com uma carência de informação muito grande e as marcas que se dizem inclusivas elas esquecem de valorizar o consumidor, porque o consumidor ele quer ocasião. Ele não quer só vestir determinadas coisas, ele quer roupa para tudo ele quer roupa para um baile, ele quer roupa para sair à noite, para ser noiva, madrinha de casamento, enfim. Então acho que falta uma comunicação falta essa ponte. então acho que as marcas deveriam se conectar mais com os consumidores. E os consumidores deveriam estar indo a essas marcas informando, o que precisa. (...) tudo que é voltado para a pessoa com deficiência é excessivamente caro, as pessoas colocam o preço lá em cima, então também falta uma acessibilidade nesse sentido. A gente tem que pensar nos dois pontos para que exista um equilíbrio nesse mercado. O mercado de procura e oferta, acho que está precisando alinhar esses pontos entre todo mundo” (Kika de Castro, 2021 - USP)

A Kika traz alguns pontos importantes em sua fala. O primeiro é: pessoas com deficiência não estão consumindo as roupas inclusivas porque as roupas não atendem os desejos estéticos dessas pessoas, os desejos, por exemplo, de ter acesso a uma diversidade de peças que atendem a demanda de vesti-las em qualquer ocasião. Outro ponto é que as pessoas com deficiência, nesse caso os consumidores e o mercado de roupa inclusiva, não estão se comunicando. Dessa forma, fica impossível que os desejos sejam de fato saciados. E, por último, o preço alto que o mercado apresenta, o que impede que pessoas com deficiência consumam peças da moda inclusiva. Acho que, ao falarmos em comunicação, poderíamos também acrescentar um outro fator, o apelo

publicitário. Eu, por exemplo, nunca testemunhei uma propaganda de uma marca ou linha de moda inclusiva na tv ou mesmo na internet. Tudo que presenciei sobre roupa inclusiva, presenciei porque pesquisei. A Laura Madalosso que é designer, estrategista e pesquisadora de moda, fez parte do mesmo evento que a Kika e diz:

Primeiro de tudo eu fico pensando na palavra né, da pergunta “o que poderia ser feito para que os consumidores valorizassem o investimento que farão para adquirir os seus produtos?” Acho que essa palavra é fundamental, investimento, que, na raiz da palavra, é vestir. Investir é bem do latim, vestir. (...) E a gente viveu aqui isso das outras gerações, que as roupas passavam de uma pessoa para outra na família, então é esse tipo de relação com a roupa que a gente tem que ter de novo e não desse lugar descartável. (...) Pensei 3 pontos que a pessoa que vai consumir, valorize; primeiro ponto que nem a Kika falou, comunicação é fundamental. Não só. Olha para a comunicação como uma ferramenta de marketing, de vendas, mas como esse potencial educacional, a gente tá falando sobre uma mudança de cultura, então todo produto é mídia, mas a comunicação, falar, dar nome às coisas ainda é muito importante. Então vamos usar a comunicação como educação. (...) O segundo ponto, acho que é superimportante, transparência de custos, também porque a gente está falando aqui de um desafio também de educação financeira, de como é composto o custo de um produto. A gente quer saber de como ele é feito, mas também trazer, compartilhar de forma bem aberta para desmistificar a questão das margens absurdas, para as pessoas entenderem o passo a passo do fazer e quanto percentualmente aquele preço está sendo composto pelas etapas que fazem parte (...) do desenvolvimento do produto até que ele seja comercializado. (...) E um terceiro ponto que também acho super importante para os negócios é não tratar o seu produto como algo descartável né. (Laura Madalosso, 2021, USP)

Laura Madalosso, assim como Kika, também acredita que um dos passos importantes é a comunicação, além obviamente dos custos, porém acredita que os gastos da produção precisam ser transparentes. Por último acredita que as roupas não podem ser olhadas como algo descartável e sim como um investimento. Alguns pontos foram levantados a respeito do porquê de a moda inclusiva não estar sendo acessível a pessoas com deficiência, que é a categoria mais interessada. Tudo aqui nos interessa, mas há uma característica que aparece algumas vezes, tanto no discurso da pessoa com deficiência – como na imagem que apresentamos na introdução desta pesquisa, na qual uma mulher com deficiência relata o problema para encontrar uma roupa que diga algo sobre ela, já que as lojas de roupa inclusiva confeccionam roupas “fofas” e ela quer parecer sexy, e as lojas convencionais não atendem as suas medidas. E agora vejo a Kika apontar como um erro do mercado inclusivo a falta de diversidade nas peças ofertadas. No entanto, em outro momento, a Kika já havia falado sobre isso. Em 2015, no programa *Moda Inclusiva - Brasil das Gerais* parte 1, que teve como tema a moda inclusiva, trouxe uma reflexão importante sobre a “inspiração”:

A apresentadora questiona: Já existe gente produzindo, pouca gente produzindo roupa, mas muito no olhar do cuidador, para facilitar o cuidador, então velcro na

calça para tirar, quer dizer, e não na visão da pessoa que tem uma deficiência, e quer vestir uma roupa bacana, né?

Kika responde: O mercado, quando fala de roupa inclusiva, tem a visão realmente mais do cuidador, de facilitar a vida do cuidador. A pessoa, quando ela quer comprar uma roupa, ela tem a questão da referência, que ela quer realmente ter sua independência e ter o conforto assim como qualquer outra pessoa. Só que, na hora que ela vai comprar, ela não encontra, por exemplo, uma roupa *fashion*. “Eu quero ir numa balada”, então ela não tem. A Priscila Menucci, que eu costumo dizer que é a minha modelo mais baixa, ela tem 91 centímetros de altura, então, quando ela chega numa loja, a primeira coisa que todo mundo faz é levar ela para a sessão infantil; e ela é uma mulher, tem 36 anos de idade, dois filhos, casada, empresária, atriz. E ela fala: “Meu, vou chegar numa reunião de negócio vestida de Hello Kitty”. Já tem a questão do nanismo, que tipo assim, todo mundo já olha para o Nanismo, por ser atriz “ai vai sair debaixo da mesa”. Ai eu chego numa reunião de negócios vestida de Barbie, Minnie ninguém vai me levar a sério. Então ela tem essa grande dificuldade de estar encontrando roupa, então ela é do tipo de pessoa que ela já antecipa o que ela vai ter, então tipo, ela tem as peças coringa no guarda roupa dela, ela já tem uma estilista lá também de São Paulo, que ela já manda fazer, justamente quando ela tem um evento X, ela já ter aquela coisa para ela ir, então ela antecipa isso. Então ela faz as coisas conforme o gosto dela e assim por diante. Mas as modas que estão vindo, as pessoas que estão vindo para esse mercado e querem investir nesses 46 milhões de consumidores com alguma deficiência é sempre mais na visão do cuidador aquela coisa, do tipo de deixar, então não se preocupa com a questão mais *fashion*, é mais roupa voltada para o dia a dia. (Brasil Gerais, 2015)

A partir desse relato, gostaria de voltar ao primeiro capítulo desta dissertação, mas particularmente na parte em que faço uma reflexão sobre os ambientes de entretenimento, e de como corpos com deficiência não fazem parte do roteiro porque não são os corpos que esperamos encontrar nesses lugares. Quando a Kika faz essa afirmação, ou quando uma pessoa com deficiência não consegue comprar uma roupa, com a qual possa se sentir sexy, que ajude a fazer uso dessa característica inerente a todos seres humanos, é um sinal. De acordo com a Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência, a moda inclusiva se propõe a "incluir tipos de corpos que a indústria hoje não contempla" (2012, p. 10). Enquanto proposta é isso, mas de que forma estamos incluindo esses corpos? Ou melhor, quando falamos da produção de roupas inclusivas, qual o olhar que esses desenvolvedores, criadores, designers estão tendo sobre esses corpos?

Se corpos com deficiência não são vistos como aptos ao trabalho, por que criar peças de roupa que teoricamente não iria vender? Se corpos com deficiência não são o que esperamos encontrar em baladas, festas, festivais, por que criar peças de roupa que teoricamente não iria vender? Se corpos com deficiência não exercem a sua sexualidade, por que criar peças de roupa vista como sexy para atender uma demanda que teoricamente não existe?

Segundo Auler, além de "proporcionar as facilidades para as pessoas com deficiência, a moda inclusiva introduz no mercado da moda um novo conceito de conforto aliado à beleza e que também pode ser utilizado por pessoas sem deficiência" (2019, p.12) Para Valério (2019), o termo inclusão está sendo usado sem muito critério por estar "na moda", porque muitas vezes a palavra não está sendo usada da forma correta. Para ela, incluir pessoas com deficiência se refere a inseri-las como igual, sem distinção, mas não é isso que de fato acontece. Segundo Valério,

Há pessoas com deficiência que podem levar até duas horas e meia por dia para se vestir, e o que era pra ser uma tarefa simples, acaba se tornando um transtorno tão grande que pode acarretar até em depressão, pois a pessoa vai passar a não sair de casa pela dificuldade que tem em realizar a tarefa de se vestir, excluindo-se da sociedade, por ser a opção mais fácil. (VALÉRIO, 2019, p. 07)

Para a autora, existem 4 principais pilares da moda inclusiva. O primeiro é a moda "uso passageiro que rege, de acordo com o gosto do momento, a maneira de viver, de vestir etc." (VALÉRIO, 2019, p. 08). O segundo é o Design, "disciplina que visa à criação de objetos, ambientes, obras gráficas etc. que sejam ao mesmo tempo funcionais, estéticas e estejam em conformidade com as demandas da produção industrial" (VALÉRIO, 2019, p. 08). A saúde, que, para ela, é o "estado do organismo que está em equilíbrio com o ambiente, mantendo as condições necessárias para dar continuidade à vida" (VALÉRIO, 2019, p. 08). E, por fim, a inclusão - "integração absoluta de pessoas que possuem mobilidade reduzida numa sociedade" (VALÉRIO, 2019, p. 08).

A estilista Vitória Cuervo, em sua palestra no Tedx Talks, na qual traz a sua experiência com a moda inclusiva, diz que pesquisou mulheres cadeirantes e perguntou se elas se interessavam por moda, e as respostas de todas foram positivas. Depois perguntou se tinham alguma dificuldade para encontrar roupas e quase todas responderam que sim. A estilista diz que essas mulheres, por terem dificuldades de encontrarem roupas que atendessem às suas necessidades, compravam roupas até duas vezes maiores que seu tamanho e levavam na costureira para fazer ajustes, mas, na maioria das vezes, a roupa perdia o caimento. Além disso, essas mulheres perdiam tempo e dinheiro. A partir disso, a estilista percebeu que as roupas disponíveis não atendiam aquelas mulheres e passou a criar um vestuário mais inclusivo. A primeira roupa adaptada desenvolvida por Cuervo foi para a modelo Juliana, a qual participou de um desfile com outras mulheres com deficiência.

Eu fiz para ela uma calça com um cós bem alto, elástico na cintura para dar maior conforto, fiz um zíper discreto pra ela poder fazer a troca da sonda, que é muito usada por quem usa cadeira de rodas. Eu fiz uma camisa que em vez de botões, eu coloquei velcro, para facilitar o vestir e o despir da peça. E nas costas, não tinha nenhuma costura e nenhum recorte, para não formar escaras, que são feridas causadas pelo atrito da pele com alguma superfície. E obviamente não coloquei bolso nas costas porque não fazia sentido. (CUERVO, 2018)

Vitória Cuervo (2018) diz que continuou criando peças adaptadas para pessoas com deficiência. Criou para a modelo Carlena que é tetraplégica, uma blusa com abertura nos ombros e com o fechamento de botão de pressão, para facilitar na hora de passar a cabeça. Ela diz que para pessoas que são tetraplégicas, o ideal é pensar num vestuário que atenda às necessidades dos cuidadores, para que facilite o manuseio no momento da troca de roupa da pessoa com deficiência. No caso dos paraplégicos, é preciso pensar em roupas que deem autonomia para a pessoa se vestir sozinha.

A Marcele, uma das nossas interlocutoras, por exemplo, relata que não consegue usar calça jeans com botões ou zíperes porque não são adequados para a sua condição. E ainda por cima enfrenta uma dificuldade de encontrar calças jeans com elástico em lojas de departamento, as quais seriam essenciais para a sua autonomia e bem-estar, já que não tem habilidade no manuseio de botões e zíperes. Ela também diz que leva as calças para a costureira para transformar. Embora isso, para ela as marcas precisam prestar atenção para o fato de não ter como tirar zíperes e botões, também acha que deveria haver calças com elásticos específicos para quem não tem como manusear esses aviamentos. Ela acha que as marcas de roupa inclusivas deveriam disponibilizar, além de peças diversificadas, mais opções de estampas e que isso poderia ser resolvido com uma consultoria - a pessoa que realizaria esse serviço seria uma pessoa com deficiência, de preferência um influenciador.

O mercado de moda inclusiva enfrenta algumas questões, como por exemplo a falta de aviamentos específicos para a produção do vestuário. Segundo Brilhante, Filho e Rosa (2021), os aviamentos que são partes importantes na construção da roupa, podendo ser decorativos ou componentes funcionais, não possuem um material específico para atender a demanda das pessoas com deficiência, os materiais disponíveis são adaptados;

Embora a maior parte dos processos de desenvolvimento de um vestuário de Moda Inclusiva sejam baseados em adaptações e escolhas de materiais já existentes, no caso dos aviamentos há uma lacuna, pois os que estão disponíveis no mercado brasileiro não são eficazes para esse tipo de vestuário e, quando empregados junto

aos materiais adaptados, deixam em aberto questões importantes, como o vestir e despir da peça, a durabilidade dos materiais e, principalmente, o conforto físico do usuário. (BRILHANTE, FILHO E ROSA, 2021, p. 307)

De acordo com as autoras, pessoas com deficiência e principalmente as que não possuem a motricidade fina estão mais dispostas a serem invisibilizadas quando o assunto é aviamentos.

Além disso, algumas pessoas têm mais dificuldade de encontrar produtos com aviamentos adequados e não prejudiciais: pessoas que utilizam-se de cadeiras de rodas — pois qualquer coisa que fique nas costas, nádegas ou na parte de trás das coxas pode machucar, além da possibilidade de enrolar nas rodas, como no caso de cordas ou franjas; pessoas que utilizam órteses e próteses — pois aviamentos como fitas, cordas e franjas podem dificultar o movimento, por exemplo; e pessoas com deficiências que atingem o tecido cutâneo — como a epidermólise bolhosa, por exemplo, onde a pele do indivíduo desenvolve bolhas, de leves à graves, e transforma o tecido cutâneo em frágil. (BRILHANTE, FILHO E ROSA, 2021, p. 308)

De acordo com Martins, Teixeira e Filgueiras (2019), a pessoa com deficiência é vista como não consumidora, e essa situação fica expressa na falta de “acessibilidade em lojas, tipos de modelagens, formas de abotoamentos e acabamentos, ou de uma abordagem racional e justa a deficientes” (2019, p.83). Essa falta de acessibilidade nas lojas também aparece na fala de Maria, uma das nossas entrevistadas. Ela diz:

Eu acho que as marcas elas invisibilizam muito as deficiências ainda, ainda que a gente, indo pro campo externo da coisa, a gente vai numa loja quer comprar uma roupa numa loja, primeiro não tem a roupa adequada para mim mesmo a loja sendo muito bem falada, mesmo sendo uma loja famosíssima, uma marca famosíssima não tem a roupa e o ambiente também para eu experimentar a roupa não é acessível, né? A gente tem raras exceções no Brasil, de lojas que tem ali o espaço adequado para uma pessoa com deficiência, para qualquer tipo de deficiência. (...) Seria essa a minha opinião sobre as marcas de roupa, elas invisibilizam bastante as deficiências, para vender essa ideia mesmo de corpo perfeito, corpo sem deficiência sem nenhum tipo de limitação. (Maria, 2022)

Para Martins, Teixeira e Filgueiras (2019), esse comportamento, o de não pensar a pessoa com deficiência consumidor, é reflexo da imagem que é veiculada pela mídia.

Tudo confrontado com o que é veiculado pelas mídias, podendo assim, evidenciar a existente visão de irrelevância desse grupo como clientela capaz de despertar interesse comercial. Pode-se inferir, então, que a moda inclusiva emerge no intuito de pesquisar e encontrar meios capacitados à inserção de corpos com deficiência no mercado, sob uma óptica generalizada, condição que a indústria hoje, não contempla ou atende de modo deficitário. Também é importante ressaltar que moda inclusiva tenciona ainda, criar roupas com design, conforto e estilo, eliminando o aspecto puramente funcional. (MARTINS, TEIXEIRA E FILGUEIRAS, 2019, p. 83)

No Brasil, segundo a matéria “Moda Inclusiva: marcas brasileiras de roupas adaptadas para PCD”, publicada no dia 03 de dezembro de 2021, no site *Steal the look* e escrita por Bárbara Shimada, o mercado<sup>15</sup> de roupas inclusivas, apesar de existir, não parece ser de interesse dos investidores. No entanto, a jornalista apresenta algumas marcas que se propõem a pensar roupas feitas com intuito de caber em corpos que possuem alguma lesão. A primeira marca apresentada pela autora não é exclusiva para pessoas com deficiência, mas se trata de uma linha, a qual se chama *Adapt&*, da marca Reserva.

No dia 05 de julho de 2022, acessei o site da marca Reserva a qual não possui uma variedade de modelos, sua dedicação é com o básico. De acordo com a matéria “Inclusão fashion: Brasil avança na moda para pessoas com deficiências”, escrita por Simone Blanes e publicado no Site da revista *Veja*,

No Brasil, a população de PCDs é estimada em 45 milhões de pessoas. Desde 2019, quando a Riachuelo lançou uma linha voltada para esse público, assinada pelo estilista Alexandre Herchcovitch, o movimento cresceu. A Reserva, por exemplo, criou sua linha, a *Adapt&*, em setembro do ano passado. “Nos unimos com a Equal, marca pioneira no desenvolvimento de roupas inclusivas”, diz Rony Meisler, CEO da AR&Co grupo que controla a grife. São catorze modelos com aparência, modelagem e qualidade idênticas às dos produtos mais vendidos, porém com ajustes ergonômicos. (Blanes, 2022)

No entanto, quando se trata de variedades de cores, uma característica chama atenção; na linha masculina e feminina de roupas adultas da marca temos as seguintes cores disponíveis: amarelo, bege, azul, branco, cinza, laranja, marrom, off white, preto, rosa, roxo, verde, vermelho. Enquanto as roupas da linha inclusiva têm como variação de cor: azul, bege, branco, preto. Além disso, a coleção só oferta roupas masculinas, mesmo apresentando modelos femininas na propaganda. Os preços variam de 239 a 899 reais e os modelos de roupas disponíveis são calças (8 modelos), polos (6 modelos), camisas (6 modelos), bermudas (5 modelos), camisetas (3 modelos), casacos (1 modelo). Diferente das outras linhas, as roupas não apresentam estampas.

No dia 11 de abril de 2023, acessei novamente o site da marca Reserva e a coleção *Adapt&* diferentemente da primeira observação, possuía apenas 5 modelos de roupa adaptada: camisa pólos para amputados (2 modelos), camisa para polo para

---

<sup>15</sup> Outras marcas brasileiras de roupa inclusiva: Aria, Lado B, Costuras do Imaginário, Via Voice For Fashion, Coleção SB, Freeda Moda Inclusiva, Preguistê.

cadeirante (1 modelo), calça para amputado (1 modelo) jaqueta para cadeirantes (1 modelo). As cores disponíveis eram preta, azul marinho e branco. Os preços variavam de 239 a 899 reais. Apenas peças consideradas masculinas.

Um aspecto importante dessa linha é que ela foi desenvolvida juntamente com a Equal, marca de moda inclusiva. A Equal também foi citada na matéria e também apresenta um outro padrão de roupa - a primeira consulta ao site foi realizada no dia 05 de julho de 2022: Os 5 modelos de vestidos disponíveis no site da marca, por exemplo, apresentam estampas, cores mais vivas pelo menos em 3 dos modelos, os outros dois aparecem no preto e no branco. A marca disponibiliza 3 modelos de camisas com estampa e 3 lisas nas cores marrom e branca; 2 modelos de saia em preto e branco; 3 modelos de blazer 1 azul marinho, 1 branco, 1 preto; 3 modelos de calça 1 azul marinho e 2 pretas; 3 t-shirt brancas e 1 blusa azul e 1 blusa rosa; além disso a marca oferece capa de chuva para cadeirantes, pochete adaptada, saída de praia e faixa de joelho para cadeirantes. O preço dos produtos variava de 99 a 320 reais. As modelos são tanto modelos com deficiência quanto modelos sem deficiência. Apenas peças consideradas femininas.

No dia 11 de março de 2023, realizamos uma nova observação na aba do site intitulada Silvana Louro, e os resultados foram os seguintes: Na sessão camisaria foram observados 4 modelos de camisas com estampas; 1 modelo listrado, 1 modelo de onça, 1 modelo com a estampa intitulada “da mata”, 1 modelo de estampa lateral, todas as modelos dessa sessão não eram pessoas com deficiência, ou pelo menos não pareciam ser. Na sessão calças e pantacours só constava um modelo de bermuda adaptada para cadeirantes, a modelo era uma pessoa com deficiência. Na sessão blusas e bodies apresentava 5 blusas; 3 com estampas de listras, 1 azul e 1 preta - 2 modelos sem deficiência e 3 com deficiência. Sessão Vestidos e chemises apresenta 4 modelos de vestidos: 1 vermelho, 1 com estampa marrom, 2 com estampas de listras - uma modelo com deficiência e 3 sem deficiência. A sessão Saída de praia apresenta 2 modelos disponíveis: 1 com estampa de cachorro, 1 com estampa de gato, ambos com capuz. 2 modelos sem deficiência. Preços: 125 a 249 reais.

Na Aba EQUAL moda inclusiva: Sessão blusa apresenta 4 modelos de blusas, 2 com a frase “sou anti capacitista”, 1 azul e 1 rosa. Sessão Vestidos; 1 preto e 1 preto e branco. Sessão capa de chuva; 1 capa amarela, tamanho único G. Cores amarelo, Pink, Azul Claro e Laranja. Preços: 120 a 245.

Outra marca apresentada pela matéria é a *Adaptwear*. No site, a empresa se apresenta como a marca número 1 em moda inclusiva no Brasil. Na opção Loja, a marca apresenta - observação do dia 05 de julho de 2022 - 19 peças de roupas que possuem preços que variam de 102 a 210 reais, as cores disponíveis são azuis, branco, preto e cinza. A marca possui um vestido azul com estampa de flores, a única peça com estampa. Uma informação importante é que, enquanto a Reserva investe em modelos jovens e diversos para compor o layout do seu site, a *Adaptwear* preferiu usar duas pessoas brancas e idosas na sua apresentação. O site ainda apresenta a opção “sobre”, a qual dá detalhes sobre a história e motivação da empresa e o perfil que ela atende. A princípio, a marca diz ter se sensibilizado com a falta de opções de roupas para pessoas com necessidades especiais - termo antigo, antes usado para designar pessoas com deficiência - em seguida a marca deixa claro o seu público-alvo, pessoas idosas e adultos com deficiência, mas que sobretudo procura atender as necessidades dos cuidadores.

Ninguém gosta de ser subestimado, mas infelizmente, isso acaba acontecendo com frequência com os mais velhos. Às vezes com a melhor das intenções, os próprios filhos tentam impor limites aos pais quando estes, na verdade, ainda estão longe da necessidade de serem tutelados. Há dois conceitos em gerontologia que são da maior importância para todos que se relacionam com pessoas idosas: independência e autonomia. Independência é a capacidade de realizar atividades cotidianas sem auxílio: vestir-se, tomar banho etc. Autonomia refere-se à capacidade de gerir a própria vida e tomar decisões. Significa viver de acordo com seus desejos e suas próprias regras. O cuidador faz para o idoso apenas o que ele mesmo não consegue realizar sozinho e o incentiva para as atividades adequadas à sua capacidade atual, mas também está junto quando a limitação é grande, preservando a dignidade do assistido. Os cuidadores são treinados para cuidar de idosos como eles precisam, promovendo sua independência e auxiliando-os na realização das atividades pré-estabelecidas. Eles sabem que é preciso preservar as funções existentes e estimular as deficitárias. Os cuidadores estão propensos a lesionar suas costas ao cuidar de adultos com deficiência. Isso é mais frequente neles do que em trabalhadores de qualquer outro setor. Esta estatística os colocam 9 vezes mais vulneráveis do que qualquer outro profissional médio. Muitas dessas lesões ocorrem em decorrência de peso extenuante e repetitivo. Para nós, a limitação de mobilidade jamais vai ser um fator limitante para se ter opções de vestuário. É notório o fardo que os cuidadores carregam quando do ato de vestir pessoas com mobilidade limitada. Esta é uma causa que nós da AdaptWear abraçamos e isso nos move para empreender soluções que visam devolver a independência aos nossos usuários e mais segurança para os seus cuidadores.<sup>16</sup> ( Adaptwear, 2023)

Na observação do dia 11 de abril de 2023, a opção loja continua apresentando 19 peças de roupas adaptadas. Preços 102, 60 a 210 reais. Agora além do vestido azul com

---

<sup>16</sup> O site não apresenta uma data específica em que foi criado e nem mesmo uma data na qual o texto foi escrito, nesse caso, utilizaremos a data de acesso - 08 de abril de 2023.

estampa floral, a marca ainda oferece uma blusa com estampa floral. Todas as outras peças são cinza, creme, branco e azul. Contudo, é estranho pensar que marcas e linhas que foram construídas para suprir a necessidade deixada por indústrias tradicionais cobrem tão caro por suas peças e entreguem poucas opções.

Em nenhum dos sites de roupa inclusiva, havia roupas para pessoas com nanismo, por exemplo, e nem mesmo modelos com essa condição. Essa questão, já havia aparecido em uma das falas da Kika de Castro, quando ela diz que uma de suas modelos, a qual também é empresária, não encontra roupa social para ir a reuniões. Então, além de não atender a estilos diferentes, as marcas inclusivas também atendem a um padrão de condição: pessoas cadeirantes. Isso dentro do observado. Além disso, um dos interlocutores também contou que por ter os membros inferiores "atrofiados", não consegue encontrar calças, shorts na sessão de roupa adulta, assim como uma outra interlocutora que possui uma condição em que os membros "atrofiam", e dessa forma não consegue encontrar roupa social que se adapte ao seu corpo.

Em *A representação do eu na vida cotidiana*, Goffman (1985) apresenta sua teoria sobre a atuação do indivíduo em sociedade. Para o autor, a interação se dá tal como em uma peça de teatro, no qual há atores, espectadores, cenário e, claro, o espetáculo. Essa teoria da interação social se dá a partir da interpretação de papéis já designados a serem interpretados socialmente. Esses papéis funcionam como garantias e até defesas para o convívio social. O indivíduo - ou melhor, o ator que é responsável pela representação - necessita que os outros indivíduos confirmem a sua atuação para que essa seja validada, por isso usa uma série de recursos para reafirmar e convencer seus observadores. Os atores podem ser também observantes dependendo da posição em que estão naquele contexto, ou melhor, no cenário no qual a representação acontece. Para o autor, "quando o indivíduo se apresenta para os outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo" (1985, p. 41).

Durante a entrevista, quando perguntei aos interlocutores como eles achavam que as pessoas as enxergavam, algumas palavras como choque, repulsa, infantilização, pena, descartável apareceram. Marcele, por exemplo, acredita que as pessoas as enxergam pela ótica da infantilização.

O corpo da pessoa com deficiência em geral, ele é infantilizado, né? Eu sinto mais a infantilização na minha vida, no meu corpo do que a objetificação, porque é mais para o lado sexual da coisa. Eu vejo as pessoas me olhando como se eu fosse criança. (Marcele, 2022)

Ruan diz que as pessoas levam um choque ao entrar em contato com ele, porém após a primeira impressão pode variar de horror, afastamento, curiosidade e reconhecimento - de um corpo diferente do que eles encontram no dia a dia.

Eu acho, que a reação é choque. Eu acho que as pessoas ficam em choque quando elas veem meu corpo, porque elas não estão acostumadas porque não é um corpo que existe por aí, não é um corpo que está em lugar nenhum, então é um corpo que choca, você ver a primeira vez e fica chocado mesmo que elas não demonstrem. Mas eu tenho certeza que a primeira reação é de todo mundo que me segue, que me ver na rua é tomar um susto, e ficar “vixe, tem alguma coisa estranha ali, tem alguma coisa diferente”. E aí, depois o processo que essa pessoa vai ter na cabeça, aí esse é o ponto que é complicado porque aí, cada um vai para um lado. Tem gente que acha horrível, e quer se afastar, tem gente que já olha e pensa “tá bom é um corpo diferente do meu mas tudo bem”, tem gente que vem perguntar e não entende é tão conflitante na cabeça dela [conexão trava] “preciso de uma resposta para explicar esse corpo que eu nunca vi na minha vida” e são as pessoas que geralmente perguntam, enfim... Mas eu sinto que o primeiro sentimento é o choque, é um susto assim. (Ruan, 2021)

A Ana acredita que as pessoas enxergam o seu corpo como um corpo diferente, porém, por trabalhar como influenciadora digital, e estar lidando com a exposição do seu corpo, também recebe muitas mensagens positivas sobre a sua aparência. No entanto, por ter consciência das questões culturais acerca do corpo da pessoa com deficiência, confessa que tem dúvidas se esses elogios são realmente verdadeiros.

É como um corpo diferente, como um corpo que não é padrão, como um corpo incapaz de muitas coisas, mas, porque eu não sei o quanto que a pessoas me falam, tipo, linda maravilhosa essas coisas, o quanto do que isso que elas falam é real, o quanto elas realmente acham isso, o quanto realmente elas aplicam isso na vidas delas. Tipo, elas realmente acham pessoas com deficiência bonitas, ou elas só estão falando isso porque na internet é descolado? Então, eu não sei, mas acho que no geral as opiniões sobre o meu e as visões sobre o meu corpo, enfim, elas são essas, de um corpo diferente, de um corpo de alguma forma disforme, de um corpo incapaz de muitas coisa, mas isso não significa que seja realidade. E o que elas falam de ser bonita, enfim, eu não sei o quanto isso é real, porque essas coisas que eu falei antes elas são culturais, estruturais, é claro que isso existe mas acha um corpo de uma mulher com deficiência bonito de fato, por mais que eu ouça muito isso, eu não sei o quanto isso é aplicável na vida real, enfim. (Ana, 2021)

Carlos diz que as pessoas o enxergam como diferente, algumas ficam curiosas sobre a sua condição, mas isso nunca foi um incômodo para ele.

Claro, que muitas vezes as pessoas, principalmente por conta de ser cadeirante, né? tem essa questão, antigamente era muito mais hoje, já é mais tranquilo, tem os olhares das pessoas e tudo mais, isso nunca me incomodou na verdade, a gente não sabe exatamente o que as pessoas estão pensando mas sabe que elas acham diferente, muitas vezes vem conversar contigo, muitas vezes vem fazer algumas

perguntas e tudo mais, mas isso nunca foi problema pra mim, essa questão de relação com outras pessoas por conta da minha deficiência, sabe? (Carlos, 2022)

Para Mauricio, algumas pessoas o enxergam com repulsa, pena, preconceito, mas ele diz que esse olhar também depende da situação e do seu posicionamento.

Eu acho que, oh depende também da situação, de onde eu tô e de como eu me coloco na situação, tô percebendo mais hoje em dia. Porque eu acho que eu aprendi também a me colocar nesse lugar de coitado às vezes, sabe? e isso vicia, de ficar muito preso nisso, porque é muito mais fácil. E aí, tem situações que eu fico mais quietinho na minha, olho sou apenas um deficientzinho que é para ninguém mexer comigo mesmo, e aí tem vezes que eu tenho que me impor, hoje dia me imponho mais assim, de colocar as minhas opiniões e minhas vontades assim, sabe? em qualquer ambiente de trabalho, na universidade, isso eu aprendi no início da universidade e ao longo do tempo aos tramos e barrancos, com muito sofrimento, muito estresse mas eu fui aprendendo a dizer não para as coisas que eu queria dizer não, aprender a dizer sim para o que eu queria dizer e saber aproveitar as oportunidades ... [conexão falhou]vai abrindo um mundo na cabeça da gente de coisas que eu não havia percebido. então esses olhares vai muito de como eu me porto, acho também no ambiente hoje em dia. Mas tem olhar de preconceito, tem olhar curiosidade, tem gente que não consegue disfarçar, né? Assim, o incômodo é muito claro, assim depende do ambiente, sei lá. tem lugares mais, mas em lugares assim tipo shopping [ pergunto se a palavra é movimentado, ele diz:] é, nesses lugares que as pessoas estão mais arrumados, mas não sei o que, as pessoas não estão acostumados a ver, né? também tem isso aqui no Brasil, por não ter acessibilidade a gente não sai de casa praticamente, então a gente não é visto. Eu me sinto assim na verdade, eu estou falando a gente, mas é eu. então quando a gente vai passando na rua, o olhar da pessoa vai direto naquilo porque ela não está acostumado a ver, é fora do padrão, é fora da linha que ela está acostumada a ver, só que quando a pessoa reage a isso é o que me incomoda [latidos de cachorro tornou o áudio difícil de entender] e a repulsa, a pena, automaticamente isso ai eu não gosto. (Mauricio, 2021)

Maria acredita que as pessoas a enxerga “como um corpo descartável, principalmente os homens, homens padrões, brancos, hetero, cis normativos [rimos]” (2021). Já Ricardo diz que “esse é o tipo de pergunta de como eu não faço ideia de como responder, porque eu nunca me questioneei sobre isso” (2022).

Segundo Le Breton, “as interações sociais são regidas por múltiplas regras de etiqueta de uso do corpo, que determina limites a ameaças passíveis de surgir a partir do que não se conhece, dão origem a referências que asseguram o desenvolvimento da troca” (LE BRETON, 2007, p. 74). Para o autor, o corpo deve transitar despercebido, os atores devem servir de espelho um para o outro, fundir-se aos códigos, não causar temor ou surpreender. Mas o corpo que não pode cumprir as expectativas sociais, que transgride ou rompe com as condutas previstas, acaba criando desconforto e angústia nos outros.

Um ator com deficiência observável rompe a regulação fluida da comunicação. O corpo com uma deficiência nos lembra apenas pelo poder da presença, a fragilidade

humana e a precariedade característica da vida e “cria uma desordem na segurança ontológica que garante a ordem simbólica” (LE BRETON, 2007, p. 74). A lesão quebra as normas da aparência humana, saudável, normal e, quanto mais visível é a deficiência, mais suscetível de causar terror ou espanto. Para o autor, a pessoa com uma deficiência visível, mesmo sem fazer esforço, chama a atenção, desperta curiosidade, apenas pelo poder da própria presença.

Dessa forma, se a presença de pessoas com deficiência causa tanta comoção, logo se entende que não se espera que eles circulem socialmente, que frequentem os mesmos lugares que as pessoas sem deficiência. Me arrisco a dizer que a questão não é apenas o corpo da pessoa com deficiência, a questão mesmo é o corpo com deficiência frequentando lugares que não são para eles. Uma pessoa com deficiência em um hospital não causa tanto espanto quanto uma pessoa com deficiência frequentando uma praia - atrapalhando a estética do lugar - ou uma mulher com nanismo numa reunião empresarial, em uma balada, ou na universidade. E não é estranho que as pessoas, ao se depararem com pessoas com deficiência, façam comentários, lancem olhares, tenham comportamentos como se as expulsassem desses lugares. Não causa surpresa que Mauricio, um dos nossos interlocutores (como já citei acima), busque representações, personagens em novelas que “vivam” vidas reais, que tenham profissões, já que não representar pessoas com deficiência em cenários da vida real é reproduzir que essas pessoas não circulam ou poderiam circular socialmente, causando sempre uma surpresa no encontro. Goffman diz que "permanecer no próprio quarto distante do lugar onde a festa se realiza, ou longe do local onde o profissional atende ao cliente, é permanecer longe do lugar onde a realidade está acontecendo. O mundo, na verdade, é uma reunião" (1985, p. 41). Embora muitas pessoas façam uso do estilo básico, na maioria das vezes associamos as roupas básicas como roupas de casa, de hospital, que são lugares que não precisam de uma maior produção, além disso, são os ambientes onde imaginamos que iremos encontrar pessoas com deficiência. Não acreditamos então que eles sejam de fato membros da sociedade. É preciso ressaltar que o problema não é a produção de roupas básicas, o problema é só produzir roupas básicas, sendo que pessoas com deficiência são diversas, com gostos diversos como qualquer outro indivíduo.

Por outro lado, os cuidadores são membros, são úteis pois desempenham um papel, são lembrados quando essas roupas são pensadas. A roupa básica é uma roupa de

fácil manuseio, dessa forma, facilitaria o trabalho de vestir e despir, diferente de roupas com outros designs. Dessa forma, faz sentido o que é afirmado pela Kika de Castro.

### 3. CORPO E ROUPA: Uma revisão

A aparência corporal, segundo Le Breton, "responde a uma ação do ator relacionada com o modo de se apresentar e de se representar" (2007 p.77). Dessa forma se leva em consideração a maneira como se veste, seu penteado, como molda ou cuida do corpo, como ajeita o rosto... isso é, a forma como ele se apresenta em sociedade, levando em conta as condições sociais, através do comportamento e estilo de presença. De acordo com Le Breton, o primeiro aspecto que constitui a aparência diz respeito "às modalidades simbólicas de organização sob a égide do pertencimento social e cultural" (2007 p. 77); o segundo tem relação com o aspecto físico do indivíduo. Para Svendsen, "o ego é constituído em grande parte por meio da apresentação do corpo" (2010, p. 52).

Como podemos conferir logo no começo do parágrafo, o vestir, e em consequência a roupa, tem muita importância na composição da nossa aparência. Para Svendsen, buscamos a "identidade no corpo, e as roupas são uma continuação imediata dele. É também por isso que elas são tão importantes para nós: são as coisas mais próximas de nosso corpo" (2010, p. 53). De acordo com o autor, "nossa percepção do corpo humano é influenciada numa medida assombrosa pelas modas prevalentes na época" (2010, p. 53).

Um ótimo exemplo da importância da aparência e mais particularmente da importância que o vestuário possui para a vida social do indivíduo pode ser percebido no estudo de Veblen (2018), publicado originalmente em 1899, sobre o que ele chama de classe ociosa ou, dependendo da tradução, classe do lazer, isto é, as classes altas norte americana do século XIX que não precisam exercer nenhum tipo de trabalho para se manter, ou que não possuem nenhuma ocupação relacionada à produção. O autor analisou, não apenas como essa classe se comporta socialmente, mas também discutiu a influência desta para as classes menos favorecidas, que precisavam produzir para sobreviver. Segundo o autor, por estar mais aparente a indumentária fornece informações a respeito do

nosso estatuto pecuniário a todos os observadores, à primeira vista. Também é um facto que a despesa admitida para exibição está presente de modo óbvio, e é, talvez, mais universalmente praticada na questão do vestuário do que em qualquer outra linha de consumo. (VEBLEN, 2018, p. 82).

Para Veblen (2018), esse investimento feito em vestuário por todas as classes tem a ver mais com uma boa apresentação do indivíduo do que com a preocupação com a proteção corporal. Podemos observar em Stallybrass (2008), por sua vez, como a roupa recebe um outro significado quando ele toma como exemplo o casaco de Marx. E Marx usou o casaco como um de seus exemplos privilegiados na famosa obra *O Capital*. Segundo Stallybrass, Marx apresenta o casaco “não como um objeto que é fabricado e vestido” (2008, p. 39) ou na sua função de proteger e aquecer, mas aparece como uma mercadoria de troca dentro, é claro, do sistema capitalista. A isso Stallybrass relaciona a experiência da relação de Marx com o seu casaco:

O casaco que Marx vestia entrava e saía da casa de penhores. Ele tinha usos bem específicos: conservar Marx aquecido no inverno; distingui-lo como um cidadão decente que pudesse entrar no salão de leitura do Museu Britânico. Mas o casaco, qualquer casaco, visto como um valor de troca, é esvaziado de qualquer função útil. (STALLYBRASS, 2008, p. 41)

Para Veblen (2018), o vestuário está entre os bens de consumo que levam os indivíduos a se privarem de terem uma vida mais cômoda e de bens básicos para esbanjar em seu consumo. A necessidade do vestuário não é apenas uma questão coercitiva, referente a cumprir padrões impostos sobre a própria indumentária e apresentação, mas acaba sendo também "uma necessidade ‘elevada’ ou espiritual" (p. 82). O vestuário das classes de maior prestígio no século XIX, para Veblen (2018), além de demonstrar direta e grosseiramente o consumo dissipador, também é responsável, quando caro, por aparentar que o indivíduo não realiza nenhum tipo de trabalho, que ele consome, mas não produz. Essas eram características importantes para a apresentação em sociedade, de acordo com o autor, mesmo para as classes que produziam. Assim como afirma:

O vestuário elegante serve o seu propósito de elegância não apenas por ser caro, mas também por ser a insígnia do lazer. Não mostra apenas que quem o usa pode despende uma importância relativamente avultada, mas põe em evidência que a pessoa consome sem produzir. (VEBLEN, 2018, p. 83)

Dessa forma as roupas devem passar uma impressão agradável e isso se dará pela limpeza e ótimo estado das peças. Mas embora a existência desses requisitos (o indivíduo não pode aparentar que tem contato com o trabalho, precisa se manter limpo e apresenta perfeição quando diz respeito a qualidade de sua roupa), quando olhamos para

a perspectiva de gênero dentro dessa questão, é possível ver uma enorme discrepância entre o feminino e o masculino. No vestuário da mulher das camadas mais abastadas, não só se deve estar mais evidente que ela não participa de nenhuma etapa da produção como também a roupa deve impedi-la de realizar qualquer que seja o trabalho útil. O vestuário direcionado ao corpo feminino, a exemplo da saia, do espartilho, não apenas limita os movimentos, como reflete um padrão antigo que designava que a mulher respeitável não trabalhava. Dessa forma o vestuário é um disciplinador, não apenas isso, mas é também um objeto de expressão. Ou seja, o indivíduo pode expressar a partir da sua roupa valores da sociedade onde vive. Segundo Stallybrass, “as roupas são apenas, e meramente, elas próprias, com um valor material específico” (2008, p.18). Mas é preciso salientar que Stallybrass (2008) não nega o poder de expressão da roupa, pelo contrário, para ele a roupa é uma memória material. Isso porque na visão do autor as experiências vividas pelo indivíduo ficam de certa forma marcadas no objeto e acionam lembranças.

Veblen ainda diz que o " vestuário não deve apenas ser conspicuamente caro e incômodo, deve também estar atualizado" (2018, p. 84). Essa última afirmação nos faz lembrar do princípio da moda, já constituída no século XIX, que é a constante mudança. Para Svendsen, “a moda só se configura quando a mudança é buscada por si mesma, e ocorre de maneira relativamente frequente” (2010, p. 15). Esse princípio não só diz respeito ao vestuário, mas também ao corpo. Svendsen diz que, “o corpo tornou-se um objeto de moda especialmente privilegiado. Ele parece ser algo plástico que pode mudar constantemente para se adequar a novas normas à medida que elas emergem.” (2010, p. 53)

Ao pensar nas roupas como modas passageiras, nós expressamos apenas uma meia-verdade. Os corpos vêm e vão: as roupas que receberam esses corpos sobrevivem. Elas circulam através de lojas de roupas usadas, de brechós e de bazares de caridade. Ou são passadas de pai para filho, de irmã para irmã, de irmão para irmão, de amante para amante, de amigo para amigo. (STALLYBRASS, 2008, p. 10, 11)

Para Stallybrass (2008), o que muda são os corpos que usam as roupas; elas permanecem. Segundo o autor, ao passo em que as roupas vão mudando de pessoa para pessoa, ela prende os indivíduos "em uma rede de obrigações" (2008, p.13). Essas redes são possíveis por conta de dois aspectos da roupa: o atributo de poder ser transformada pelo indivíduo ou pelo fabricante e a durabilidade. Stallybrass (2008) encontra para explicar essa rede criada a partir da roupa, a sua relação com a morte. De acordo com

ele, a roupa funciona como uma espécie de memória, “quando a pessoa está ausente ou morre, a roupa absorve sua presença ausente” (2008, p. 14). As roupas podem guardar memórias, na verdade Stallybrass (2008) diz que elas são memórias.

Miller (1954), por sua vez, para explicar que o vestuário não é algo superficial, analisa como é a relação com esse objeto na sociedade de Trindade, juntamente a outras. O autor nos conta que em Trindade a roupa ocupa lugar importante para a vida social dos indivíduos, me arriscaria a dizer que esse objeto se localiza como uma necessidade básica. Segundo o autor, mesmo vivendo em lugares que não possuíam nem energia ou mesmo água, as mulheres poderiam ter "de uma dúzia a vinte pares de sapatos" (Miller, 1954, p. 34). A questão do vestuário é tão importante que

eles mendigavam, pediam emprestado, faziam ou roubavam roupas. E não somente roupas, havia também os penteados, os acessórios e o modo como ostentavam pomposamente seus trecos, andando de maneira sexy, mostrando charme e sedução. Os movimentos se baseavam na autoconfiança exagerada e em forte erotismo, com passadas largas, exuberantes, ou apresentações à maneira de dança. No linguajar local, devia haver algo quente nas roupas e algo quente nas performances. (MILLER, 1954, p. 1954)

De acordo com Miller, o interesse dos trinitários pela roupa não está atribuído a uma ideia de moda, nem estavam seguindo uma tendência coletivamente. O interesse diz respeito ao "estilo, a construção individual de uma estética baseada não apenas no que você está vestindo, mas em como você o veste" (1954, p.25). O que é afirmado por Stallybrass (2008) sobre a roupa e a sua transitoriedade das redes de obrigações, sua capacidade de ser modificada (e assim ganha contornos da individualidade do indivíduo) e a sua durabilidade não é uma ideia distante da que Miller (1954) nos apresenta sobre o olhar dos trinitários sobre a roupa:

O estilo de Trinidad, por sua vez, tem dois componentes: individualismo e transitoriedade. Os indivíduos devem recombinar os elementos a seu modo. A fonte desses elementos não tem importância. Eles podem ser copiados de novelas ou de desfiles de moda que apareçam na televisão, podem ser enviados por parentes no estrangeiro ou comprados numa viagem ao exterior. Simplesmente podem recombinar produtos locais. Os vários elementos, porém, devem funcionar juntos, ser adequados à pessoa que manuseia bem, idealmente para só uma ocasião. Não importa quanto custaram, nem se as roupas usadas na passarela pertenciam à pessoa ou foram emprestadas para a circunstância. Não se trata de acumulação, mas de transitoriedade. (MILLER, 1954, p. 25, 26)

Stallybrass enfatiza que as roupas possuem vida própria, isso porque “elas são presenças materiais e, ao mesmo tempo, servem de código para outras presenças

materiais e imateriais” (STALLYBRASS, 2008, p. 29). Nesse trânsito, no qual as roupas circulam de indivíduo para indivíduo, “as identidades são transferidas de uma mãe para uma filha, de um aristocrata para um ator, de um mestre para um aprendiz” (STALLYBRASS, 2008, p. 30). Segundo Svendsen, “as roupas reescrevem o corpo, dão-lhe uma forma e uma expressão diferente” (2010, p. 54). E isso não diz respeito apenas ao corpo vestido; o corpo despido também é afetado pela roupa ou pela falta dela;

Isto se aplica não só ao corpo vestido, mas também ao despido – ou, mais precisamente, o corpo despido está sempre também vestido. Nossa percepção do corpo humano é sempre dependente das modas dominantes na época, e nossa percepção das modas é por sua vez dependente de como são representadas visualmente em pinturas, fotografias e outros meios. Durante muitos séculos, isto se aplicou em particular aos poucos que tinham recursos para comprar obras de arte ou ser convidados para os lugares onde elas podiam ser encontradas. Nos séculos XIX e XX, porém, graças às novas técnicas de reprodução, as pinturas se tornaram acessíveis a todos. A percepção humana nunca representa de maneira neutra; ela interpreta, e a interpretação depende dos hábitos perceptuais das pessoas: o que *vemos* quando olhamos para alguma coisa depende do que vimos antes. O revestimento visual do corpo nu com roupas invisíveis que o moldam não se aplica apenas a representações artísticas, mas também à experiência real. (SVENDSEN, 2010, p. 54)

Na nossa sociedade a falta de roupas ou a nudez, melhor dizendo, caminha pela linha tênue da decência e da indecência. Rodrigues diz que esses conceitos são construídos socialmente e que, embora eles existam em todas as sociedades, nem sempre a decência diz respeito a "primordialmente com a indumentária e com a cobertura dos órgãos sexuais" (1975, p. 73). Como exemplo para essa afirmação, Rodrigues fala do que é considerado decente e indecente em algumas sociedades:

O pudor, para os muçulmanos, como sabemos, está no rosto, não existindo em relação às pernas e as às coxas, o que permite com que as mulheres levantem as saias, sem qualquer pejo, para se coçarem nas vias públicas; para as chinesas, o pudor está mais nos pés, que são cuidadosamente ocultos, enquanto os japoneses não tem tabus contra nudez, não havendo separação de sexo no banho; algumas seitas Indus recusam exibir, descobertas, as cabeças; em muitas regiões do Brasil, mulher casada de cabelos soltos seria considerado "sem vergonhice". O pudor pode estar na barba, no parto, no ato de comer, nas palavras, etc. (RODRIGUES, 1975, p.73)

Para Svendsen, “a nudez só diz alguma coisa quando em diálogo com roupas” (2010, p. 54). Para o autor, nenhum corpo está totalmente “nu”, já que se tratando de definições sociais, ele estará sempre coberto. Dessa forma, quanto maior for a quantidade de significados “atribuído ao vestuário, mais significado terá sua ausência

visível. Removendo todas as roupas, não encontramos um corpo ‘natural’, mas um corpo moldado pela moda: o corpo não é mais ‘natural’ que as roupas que veste” (2010, p. 55).

Segundo Rodrigues, o corpo é o lugar no qual "o ponto de convergência de fenômenos singulares que põem em relação íntima a natureza orgânica e a natureza social do homem onde a Cultura e a Natureza dialogam onde o grupo e o indivíduo se interpenetram" (1975, p. 47). A pressão feita pela sociedade sobre o indivíduo atua sobre o próprio corpo de tal maneira que faz "do psíquico, do físico e do coletivo um amálgama único que somente a abstração pode separar" (RODRIGUES, 1975, p. 47).

Um exemplo importante utilizado por Rodrigues é em referência ao sexo:

Todas essas intervenções da comunidade sobre o sexo são maneiras de ela tentar controlar - agindo sobre o órgão - uma função cujo exercício deve responder pela própria continuidade da existência do grupo humano. Não tem, portanto, importância maior que a sociológica. Nesse ponto, a reprodução da espécie e a persistência das tradições sociais se encontram, e o sexo se transforma em um bom objeto para materializar os sentimentos da comunidade acerca de sua sobrevivência. (RODRIGUES, 1975, p. 64)

De acordo com Foucault (1988), a partir do séc. 16, quando entramos para a era vitoriana, o discurso sobre o sexo que não possuía tantas restrições, passeava pela boca das pessoas, inclusive das crianças. No entanto, a partir desse momento de transição, o discurso passa agora para dentro de casa com a única intenção de ser um instrumento para a reprodução. O discurso sobre a sexualidade ainda vigorava, porém agora ele era supervisionado. A elite da era vitoriana dizia “não fale de sexo e nem faça sexo sem que a intenção seja para a reprodução”, mas, por contradição, tudo que era feito em quatro paredes precisava ser confessado ao padre com riqueza de detalhes, contando as posições, as emoções vividas e os pensamentos durante o ato. As roupas eram objetos essenciais para a manutenção desse controle, já que o sexo, como já foi dito, não só era realizado no quarto dos pais e fiscalizado pela igreja, como também era praticado com roupas para separar o desejo da prática. É possível notar como as transformações sociais, a partir do exemplo acima, também promovem transformações referentes ao controle do corpo, e isso acontece também por meio dos discursos.

Segundo Goellner (2013), a linguagem também é um dos construtores do corpo, isso porque “ela própria cria o existente e, com relação ao corpo, a linguagem tem o poder de nomeá-lo classificá-lo, defini-lhe normalidades e anormalidades, instituir, por

exemplo, o que é considerado um corpo belo, jovem e saudável” (GOELLNER, 2013, p. 30, 31). Perguntados sobre a sua relação e os incômodos que sentem ou que já sentiram sobre o próprio corpo, os interlocutores relataram que hoje possuem uma melhor relação com o próprio corpo, no entanto nem sempre foi assim, sobretudo na adolescência. A Marcele (2022) diz se aceitar, e que sua relação com seu corpo é tranquila, mas na adolescência, mas especificamente com 14 anos, experienciou incômodos com o próprio corpo. Já a relação de Maurício com o próprio corpo, devido ao amadurecimento hoje em dia, segundo ele se dá de uma forma melhor, do que antes, embora ainda enfrente crises e receba muitas influências de corpos perfeitos nas redes sociais - o que para ele tem influência sobre a nossa autoestima;

hoje em dia melhor do que já foi no passado, aprendi com a vida, com o amadurecimento, graças a Deus [conexão trava] mas assim, hoje dia ainda tem umas crises. a gente sofre muita pressão da sociedade, todo mundo sofre [conexão trava] principalmente hoje com rede social, a gente ver muita foto e todo mundo perfeito então se deixar seduzir por essas coisas, a gente fica meio perdido meio assim, mas é isso, esses altos e baixos a minha relação com o meu corpo, depende do momento assim, de como está o meu psicológico e o que está a minha vida no momento.(...) já, já sim, já muito [incomodo com o próprio corpo]. Até hoje assim, ainda tem momentos que a gente se pega, né? eu me pego assim no personagem, poderia ser assim, ser assado seria mais fácil porque é complicado, como você tá falando do campo da moda, então é complicado assim às vezes, tipo uma peça de roupa que não tinha o tamanho. Eu tenho lesão nas pernas, né? nos membros inferiores, então eles não são tão desenvolvidos normalmente, assim, então ... normalmente é a palavra errada, não são desenvolvidos plenamente, então são mais finos, são menores, então eu uso um tamanho de roupa em cima e um tamanho de roupa diferente embaixo, tênis também, calçados sabe essas coisas, sandálias, tudo é meio adaptado. então às vezes incomoda dependendo da situação. (Mauricio, 2022)

Ruan diz que hoje mantém uma relação mais tranquila com o próprio corpo, diferente do que viveu no passado, passado esse em que não conseguia rua e que também queria ser aceito.

Então, hoje em dia ela é mais tranquila, ela já foi muito pesada assim, muito pior de eu nem conseguir sair na rua direito por vergonha e tal mas hoje em dia já é uma coisa muito tranquila, eu entendi que é natural o meu corpo, que ele é parte de mim e que até agora não tem como eu trocar e ir para outro então, é aquela coisa, né? o que não tem remédio, remediado está, então não tem o que fazer, então hoje em dia eu tenho convivido bem melhor com isso. pra mim já não é tanto uma questão, já consigo sair, ir para a praia sem camisa, eu fico pelado na internet o tempo todo [rir] então, hoje em dia está bem tranquilo. (...)já me incomodou bastante, [incômodo com o próprio corpo] teve uma época que sim, mas assim essa época foi mais na puberdade, na primeira adolescência, que é uma época difícil para todo mundo e para a gente com deficiência é muito pior porque a gente quer ser aceito sendo que a gente é completamente diferente e enfim. é uma merda, e aí foi péssimo, um momento muito difícil e muito complicado, porque eu era único, então eu não tinha referencial, não sabia, não conhecia outras pessoas com deficiência, que eu pudesse olhar e ter um modelo, todo mundo era muito diferente de mim, então teve essa época, sim de crise, teve por conta das lesões. (Ruan, 2021)

Ricardo diz que já experienciou alguns incômodos com o corpo, no entanto não associa esse incômodo a lesão, diz que sempre se sentiu feio, mas também diz que na adolescência teve dificuldades de aceitar o próprio corpo.

Eu sou bem normal com o meu corpo, eu já tive problemas no passado, é aquela parada que todo adolescente passa que é não aceitar o próprio corpo, ainda mais quando se é deficiente físico. Na adolescência não foi fácil, mas atualmente eu estou tranquilo com o meu corpo. (...) já muito, [incômodo com o próprio corpo] na verdade não é bem por conta da minha lesão, eu que sempre me achei feio mas tirando isso, um pouco no passado mas agora nem tanto. (Ricardo, 2022)

A relação de Ana com o próprio corpo, já foi de incômodos e ainda é, porém de forma menor do que no passado.

No geral, acho que ela tem sido bem promissora, assim. Eu tenho respeitado e aceitado meu corpo ao longo dos anos e acho que isso é a parte fundamental de um processo de compreensão da minha deficiência, e do que ela traria para a minha vida. Óbvio que ainda tem, tenho questão, não é tipo “ai nossa, acho que estou bem resolvida e é isso” mas eu tenho lidado muito bem com meu corpo, sim. (...) já bastante [incômodo com o próprio corpo], mas é porque assim, a osteogênese imperfeita ela é uma fragilidade ócio, basicamente, só que ela acarretou algumas outras questões no meu corpo, como por exemplo uma escoliose grave e tal, grave, não de médio a grave. minha escoliose é principal coisa que sempre me incomodou, me incomoda um pouco ainda, tenho lidado muito melhor, mas é uma das principais questões que mais me incomodam e o fato de ser muito baixa, porque sendo muito baixa, eu sou mais infantilizada ainda, então eu tenho 1,27 de altura, eu sei que isso não é muito baixo, né? Tem pessoas mais baixas que eu mas assim, no contexto social que eu vivo eu sou bem baixa e isso infantiliza ainda mais as minhas experiências e as minhas vivências, então essas duas questões são as principais. Não são a estatura e sim por causa da patologia mas a escoliose foi uma decorrência, né? É isso. (Ana, 2021)

Maria relata que atualmente, mantém uma relação ótima com o próprio corpo e que se aceita, mas que nem sempre foi assim;

sim, já escondi a minha mão e os pés quando tirava fotos, eu cortava as fotos quando mostrava as mãos, eu escondia um pouco. Porque as minhas mãos elas são atrofiadas, as mãos e os pés. Então, como o padrão da sociedade não é uma pessoa com deformidade, eu achava que eu era anormal, que eu estava errada, então eu escondia quando era algo muito exposto eu tinha uma certa vergonha, um certo receio. (Maria, 2021)

Rodrigues (1975) se refere ao corpo como uma massa de modelagem dado as transformações que são modeladas para expressar os repertórios de cada cultura. Goellner (2013) diz que o corpo é produzido culturalmente, dessa forma é temporário

mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura, bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que ele produz e reproduz. (GOELLNER, 2013, p. 30, 31)

Para Berger e Berger (1973), as experiências do indivíduo começam no momento do nascimento. A partir daí se dá o processo de interiorização de padrões estabelecidos pela sociedade. Os comandos e proibições internalizadas é o que os autores chamam de consciência. Esses padrões definem suas interações sociais como por exemplo a sensação de fome, o horário da realização das necessidades fisiológicas, entre outros.

Goellner (2013) reafirma o que é dito por Berger e Berger, quando explica como a cultura opera na produção do corpo. Para o autor o processo acontece na dualidade indivíduo e coletivo, para ele “nem a cultura é um ente abstrato a nos governar nem somos meros receptáculos a sucumbir às diferentes ações que sobre nós operam (GOELLNER, 2013, pág.41). Dessa forma, podemos afirmar que o indivíduo age de diferentes formas, não apenas de uma forma conformada e conformista diante de imposições culturais, pelo contrário, ainda para o autor, “a cultura é um campo político como o corpo, ele próprio é uma unidade biopolítica” (GOELLNER, 2013, pág.41).

De acordo com Esteban (2013), o corpo é regulado através da promoção, disciplina e autocontrole, mas também através de alto níveis de consumo, fatores esses contraditórios.

Consumo e controle exercidos especificamente em relação a quatro grandes áreas<sup>17</sup>: alimentação, exercício físico e esporte, cuidados estéticos e sexualidade. Como apontou Susan Bordo (1990), por um lado, prevalece a necessidade do controle sobre si mesmo, a sublimação das emoções, desejos e impulsos, e somos valorizados como parte da sociedade na medida em que podemos produzir. Mas ao mesmo tempo que cultivamos uma espécie de moral do eu muito centrada no trabalho e na produção, somos encorajados a entregar-nos à satisfação constante e imediata; o consumo é promovido sem medida, referindo-se à alimentação, estética, exercício físico e sexualidade. (ESTEBAN, 2013, pág 72 Tradução livre.)

Para Svendsen, a maioria dessas pessoas é afetada por esse poder disciplinador e ele age “por meio da televisão, dos jornais, das revistas e da mídia, que nos propõem um ideal para o eu físico que estará sempre fora do alcance de quase todos. O corpo se torna

---

<sup>17</sup> Consumo y control que se ejercen específicamente en relación a cuatro grandes áreas: alimentación, ejercicio físico y deporte, cuidado estético y sexualidad. Como ha señalado Susan Bordo (1990), por una parte se prima la necesidad del control sobre uno/a mismo/a, la sublimación de las emociones, los deseos y los impulsos, y se nos valora como parte de la sociedad en la medida que podemos producir. Pero al mismo tiempo que cultivamos una especie de moral del yo muy centrada en el trabajo y la producción, se nos incita a recrearnos en las satisfacciones constantes e inmediatas se potencia el consumo sin medida, referido a la alimentación, a la estética, al ejercicio físico y a la sexualidad. (ESTEBAN, 2013, p. 72)

algo que estará sempre aquém do objetivo” (2011, p. 58). No entanto, essa concepção mudará de forma constante e cada vez ficará mais difícil de se enquadrar ao padrão proposto, já que os padrões mudam.

Esteban (2013) toma como exemplo a pesquisa de Garner e outros, a qual analisou as modelos da Playboy dos anos 1959 a 1978 tendo como objetivo revelar as transformações dos padrões durante esses anos. Na análise, foi levado em conta as medidas das modelos, idade, altura e peso. O que a análise revelou é que “o percentual médio de peso de acordo com a altura e a idade diminuíram significativamente nesse período, além disso, suas medidas também mudaram significativamente: os do busto e quadris diminuíram enquanto a cintura se alargou.”<sup>18</sup>(2013, pág.112, tradução livre). Dessa forma, para a autora, o corpo ideal referente a mulher passou a ser um pouco mais magra e a partir desse dado as mulheres passaram a serem, pela pressão social, levadas a seguirem dietas a fim de se enquadrarem.

Como o corpo sem deficiência, o corpo da pessoa com deficiência também é produzido, não apenas no que diz respeito ao seu conceito, mas em relação às características sociais e culturais que promovem a sua existência. Segundo Wendell, existem muitas questões sociais que colaboram para essa ou essas condições, como por exemplo o ritmo de vida, excesso de trabalho que é exigido do indivíduo, além do mais

violência de invasões, guerras, guerras civis e terrorismo, que causam deficiências não apenas por ferimentos diretos a combatentes e não combatentes, mas também através da propagação de doenças e privações de necessidades básicas que resultam do caos que criam. Além disso, embora com mais frequência ouvir falar deles quando causam morte, crimes violentos como tiroteios, facadas, espancamentos e estupros causam deficiências, de modo que o sucesso de uma sociedade ou falha em proteger seus cidadãos de crimes lesivos tem um efeito em suas taxas de incapacidade. A disponibilidade e distribuição de recursos básicos como água, alimentos, roupas e abrigo têm grandes efeitos sobre a deficiência, uma vez que muitas deficiências danos físicos resultam diretamente da desnutrição e indiretamente de doenças que atacam e causam danos mais duradouros aos desnutridos e aos enfraquecido pela exposição. Doenças incapacitantes também são contraídas por água contaminada quando não há água limpa disponível. Aqui também costumamos aprender mais sobre as mortes causadas pela falta de recursos básicos do que as deficiências (muitas vezes ao longo da vida) dos sobreviventes (WENDELL, pág. 36 ,1996 TRADUÇÃO LIVRE)<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> “el porcentaje promedio del peso de acuerdo con la altura y la edad había disminuido significativamente en ese período, además de que sus medidas también cambiaron significativamente: disminuyeron las del busto y caderas mientras que la cintura se alargó.” (ESTEBAN, 2013, p. 112)

<sup>19</sup> the violence of invasions, wars, civil wars, and terrorism, which cause disabilities not only through direct injuries to combatants and noncombatants, but also through the spread of disease and the deprivations of basic needs that result from the chaos they create. In addition, although we more often hear about them when they cause death, violent crimes such as shootings, knifings, beatings, and rape all cause disabilities, so that a society’s success or failure in protecting its citizens from injurious crimes has

Retornando a Berger e Berger (1973), um exemplo contrastante a esse processo de identificação é a questão das pessoas com deficiência. Por conta dos padrões de etiqueta do corpo, de linguagens estabelecidas, de estilo de vida definidos que contempla e normaliza só um tipo de corpo, de experiência cognitiva, e etc... quem não cumpre os requisitos estabelecidos acaba criando estranhezas na interação social.

Respondendo a pergunta, *“você já deixou de fazer algo por conta da sua aparência?”* alguns interlocutores contaram que nunca deixaram de fazer algo por conta da própria aparência, como a Ana por exemplo.

Por conta da minha aparência acho que não, eu nunca permiti que isso acontecesse . tipo, “ai não tô me sentindo bonita hoje, sei lá” e tipo deixar de ir em algum lugar, eu sou muito certinha com as coisas, então por exemplo, se eu combinei alguma coisa com você, eu vou cumprir essa coisa, não importa o que esteja acontecendo, eu vou cumprir. então eu nunca deixei de fazer algumas coisas ou cumprir algum compromisso por minha aparência em si. (Ana, 2021)

Porém, por outro lado, outros interlocutores já deixaram de sair de casa e interagir em aplicativos de relacionamento interrompendo sua interação social por conta da sua aparência.

Já deixei de sair, e de conhecer pessoas em aplicativo de relacionamento. eu ficava pensando qual foto eu ia usar que ia parecer mais normal, normal entre aspas, então eu ficava assim “por eu não tenho fotos que me aparente ser normal, então não vou usar o aplicativo”. (Maria, 2021)

já, várias. [ele rir] eu odiava ir a lugares públicos com muita gente, tipo restaurante, tipo... porque eu sentia que todo mundo me olhava, assim, eu sentia que todo mundo para prestar atenção em mim e aquilo me incomodava porque eu não... na minha cabeça eu não tinha o porque, né? o porquê de chamar tanta atenção assim e era bem, bem ruim e então eu evitava sair (Ruan, 2021)

Como já havíamos afirmado anteriormente, para Le Breton (2007) a pessoa com deficiência quebra a fluidez das regras de etiqueta de uso do corpo, essas que são responsáveis por reger as interações sociais. Isso porque, ao circular socialmente, é quase impossível que uma pessoa com deficiência física passe despercebida, e dessa forma o apagamento preciso nessa situação acaba não acontecendo. Ainda segundo o

---

a significant effect on its rates of disability. The availability and distribution of basic resources such as water, food, clothing, and shelter have major effects on disability, since much disabling physical damage results directly from malnutrition and indirectly from diseases that attack and do more lasting harm to the malnourished and those weakened by exposure. Disabling diseases are also contracted from contaminated water when clean water is not available. Here too, we usually learn more about the deaths caused by lack of basic resources than the (often lifelong) disabilities of survivors. (WENDELL, p. 36 ,1996)

autor, "o corpo deve passar despercebido, fundir-se nos códigos e cada ator deve poder encontrar no outro, como num espelho, as próprias atitudes e a imagem que não surpreende nem atemoriza" (2007, p. 74), garantindo assim um movimento de troca entre os atores, coisa que não acontece entre uma pessoa com deficiência e outra sem deficiência.

De acordo com Maia (2011) ao citar Sorretino, na cultura ocidental foi atribuído ao corpo da pessoa com deficiência valores ambivalentes, no entanto o que hoje vigora é visto como um corpo digno de piedade e emoção social. Segundo a autora, com os avanços tecnológicos e científicos do sistema capitalista os corpos com deficiência foram colocados num lugar de inutilidade, já que não poderiam vender sua força de trabalho assim como era realizado pelas pessoas sem deficiência. No entanto, ao mesmo tempo em que o sistema capitalista aumentou ainda mais o abismo entre pessoas com deficiência e pessoas sem deficiência, houve em contraponto um ganho, referente ao corpo lesionado. Segundo Maia (2011), no que diz respeito ao aparelho de reabilitação e instrumentos que facilitaram e facilitam a locomoção e mobilidade dessa categoria, esse foi um ótimo momento.

Dentro desse mesmo sistema, as pessoas com deficiências recebem tratamentos diferentes ao que diz respeito ao seu gênero. Por exemplo, o que entendemos sobre a sexualidade da pessoa com deficiência física também está atrelada à visão que temos do corpo dessa categoria. Maia (2011) trouxe como exemplo a pesquisa de Paula (1993), a qual realizou entrevistas com pessoas com deficiência física e identificou que a vivência dessa categoria é múltipla, isso quando se refere a questão de gênero. De acordo com os dados da pesquisa, as vivências corporais dos homens com deficiência são atravessadas por "situações radicais de privação ou reprodução de padrões de masculinidade; mesmo diante de um desempenho sexual insatisfatório, a condição do masculino não era questionada" (2011, p. 69). Enquanto em relação ao feminino, a experiência da mulher com deficiência, como mulher, acaba sendo questionada por não está dentro do padrão de feminilidade, padrão esse, que segundo a autora, está atrelada a um ideal de corpo perfeito. Isso acontece mesmo que a mulher com deficiência não apresente nenhuma questão em relação a sua atividade sexual.

Um momento<sup>20</sup> muito interessante do texto escrito por Molly McCully Brown, exemplifica a relação de uma mulher com deficiência com a sua sexualidade. Não apenas isso, mas como ela associa as roupas que usava, a forma como se apresentava ao fato de ter um corpo desejável. Como as roupas que estavam dispostas para o seu corpo não refletiam o que ela queria parecer: alguém desejável.

Durante esses anos tive que usar calças de pára-quedas – feitas especialmente por um alfaiate que pedia regularmente à minha mãe para lembrá-la do que havia de errado comigo – e tênis gigantes para acomodar os suspensórios. Além de tudo isso, eu tinha os problemas habituais de adolescente. Eu não tinha aprendido que você realmente não deveria escovar cabelos cacheados, ou que se você tem quadris e passa a maior parte do tempo sentado ou curvado, jeans de cintura baixa são uma péssima ideia. Não só eu estava longe de me parecer com o tipo de garota que eu poderia imaginar que alguém achasse desejável, eu estava tão ocupada com a dor e em ser uma paciente, perpetuamente paralisada entre desmontada e montada, que levaria anos para realmente olhar para mim e perceber que eu também era uma pessoa. Uma mulher. Que havia uma outra maneira que eu poderia querer ser tocada. (BROWN, 2021, tradução livre)

Dessa forma, para Wendell (1996), é impossível dizer que a experiência da pessoa com deficiência, ou com múltiplas deficiências, é única. É impossível não levar em conta as questões raciais, de gênero, classe social que também marcam a trajetória e, principalmente, o corpo dessa categoria tão diversa.

No tópico a seguir, discutiremos como o objeto que possui aqui um lugar central na investigação, aparece como um anunciador da transformação interna das personagens de obras cinematográficas, personagens esses que são pessoas com deficiência. A partir delas fica claro que o objeto pode significar mais em nossa vida do que simplesmente a sua função inicial descreve.

---

<sup>20</sup> During those years I had to wear parachute pants – specially made by a tailor who regularly asked my mother to remind her what was wrong with me – and giant sneakers to accommodate the braces. Besides all that, I had the usual adolescent problems. I hadn't learned that you really just shouldn't brush curly hair, or that if you have hips and spend most of your time sitting or bent over, low-rise jeans are a terrible idea. Not only was I far from resembling the kind of girl I could imagine anyone finding desirable, I was so occupied with pain and with being a patient, perpetually hamstrung between taken-apart and put-back-together, that it would take me years to really look at myself and realise I was also a person. A woman. That there was a whole other way I could want to be touched. (BROWN, 2021)

### 3.1. Indumentária e pessoa com deficiência a partir do cinema<sup>21</sup>

Observando as obras cinematográficas, notei que havia uma similaridade entre elas, embora fossem produções de países e anos diferentes: apresentavam o mesmo padrão de busca por autonomia, pela descoberta da sexualidade, mas uma semelhança interessante foi a relação que os protagonistas, todos pessoas com deficiência, mantinham com a roupa e como essa questão estava transpassada por estereótipos ligados ao corpo. Tais estereótipos atravessam principalmente a sexualidade dos protagonistas, negando a possibilidade de serem vistos como sexys, atraentes e colocando-os em um lugar de infantilidade.

Em *Mucize* (2015), uma história baseada em fatos reais, fica evidente como Aziz, o protagonista, tem sua trajetória misturada à trajetória das crianças de seu grupo. Logo nas primeiras cenas fica demarcado o lugar que ele ocupa naquela comunidade a partir de como as crianças o recebem quando entram em contato com ele. Cada criança, e isso acontece várias vezes durante o filme, carrega uma espécie de varinha e agride o Aziz. Quando não estão com essas varinhas, as crianças o cercam e caçoam dele. Ninguém na sua comunidade tenta barrar o comportamento das crianças; a impressão que fica das cenas é que, embora o Aziz possua todos os traços de um homem adulto, naquele lugar e naquele momento ele é só mais uma criança. A outra evidência de que há uma infantilização do protagonista é que embora ele apresente o desejo pelo casamento, assim como todos os homens de seu grupo, sua vontade não é levada em consideração. Isso fica ainda mais visível toda vez que o seu pai escolhe o próximo homem que irá se casar - o olhar e gesto de seu pai, apesar de amoroso, é o olhar de quem ainda vê o filho adulto como uma criança, como alguém que é incapaz de ter um relacionamento. Aziz é excluído de alguns lugares onde os homens do seu grupo e também de sua faixa etária estão, como por exemplo das reuniões nas quais são tomadas decisões importantes sobre o futuro da comunidade, excluído assim como é

---

<sup>21</sup> Esta seção do capítulo tem por base as reflexões por mim desenvolvidas no artigo “Indumentária, um objeto anunciador: a roupa como um construtor de uma nova identidade para pessoas com deficiência” (2021), que aparecem aqui revisadas.

feito com as crianças. Mas aqui nos interessa a questão do vestuário; já pontuei as evidências de que o protagonista é visto por seu grupo e sua família como uma criança. Dessa forma, quando aparecem, suas roupas, as quais estão quase sempre em mau estado, se assemelham mais com as que são usadas pelas crianças (meninos) do que com as dos homens de sua idade.

Em *37 Seconds* (2020), a relação que Yuma Takada mantém com as roupas está evidente, pois é colocada como uma questão. Na abertura do filme a protagonista aparece maquiada, com um batom vermelho que recebe um zoom, anunciando uma suposta relação com a vaidade e com a feminilidade. No entanto, no decorrer da obra a relação que a protagonista mantém com seu corpo é bem diferente. Yuma é uma mulher com deficiência, mais especificamente com paralisia cerebral, que vive com sua mãe. Esta não permite que a filha experiencie a vida adulta, mantendo com ela uma relação de superproteção. A mãe trata a filha como uma criança a ponto de decidir o que ela pode ou não usar. Uma das cenas mais marcantes do filme e que ilustra essa relação que as duas mantêm foi o momento em que a filha queria ser vestida com um vestido de cores vivas e a mãe diz “não, tem muito safado por aí”, recusou o pedido e a vestiu com um boné preto, uma camisa de botões e mangas longas branca e uma calça verde, tirando da filha qualquer chance de se expressar a partir da roupa. Yuma nunca viveu uma relação sexual, mas produz gibis adultos e dessa forma vai em busca de experiências sexuais a fim de aprimorar o seu trabalho. No entanto, o que era pra ser uma busca por aprimoramento acaba sendo um período de descobertas e autonomia. A partir disso é possível ver a sua relação com a indumentária mudar. Se sob a superproteção de sua mãe ela era obrigada a usar roupas que não diziam nada sobre ela, a partir do momento em que conquista autonomia ela pode se expressar por meio das roupas da forma que ela acreditava ser ou desejava ser.

Em *Special* (2021), Ryan, um homem com deficiência e gay, não apresenta uma relação com a roupa tão explícita quanto a de Yuma; no entanto, ao prestar bastante atenção na trajetória do personagem, é possível perceber como ao longo das duas temporadas da série o protagonista muda não só a respeito da roupa, mas enquanto pessoa. Ryan passa por um processo de aceitação e autoconhecimento enquanto vive experiências que, devido à superproteção da mãe e a sua auto-rejeição, não havia vivido. No entanto, nesse período não só ele se descobriu como também a sua mãe, uma vez que ela passa pelo mesmo processo que o filho em relação à roupa. Ela, que dividia seu tempo entre cuidar da mãe, do filho, da casa e do trabalho, não tinha tempo para olhar

para si. Quando o filho resolveu sair de casa e ganhou autonomia, ela passou a ter um olhar mais atento para si, isso inclui um contato mais próximo com a vaidade e com seus desejos.

Em relação à *Margarita de Canudinho* (2014), o processo de mudança no vestuário é pontual, já que a transformação da protagonista só fica mais visível na última cena do filme. No entanto, o que ficou evidente é que, enquanto as garotas da idade de Laila, a protagonista, se vestiam conforme a faixa etária, ela ainda usava roupas que remetiam à infância. Uma prova forte desse anúncio do infantil fica muito evidente nos prendedores de cabelo coloridos que Laila usa no cabelo, e as roupas acompanham esse objeto.

As obras cinematográficas aqui apresentadas, por meio da análise semiótica de imagens em movimento, se encontram presentes no catálogo de produções audiovisuais da Netflix. *Special* (2021) é uma produção americana, autobiográfica que conta a história de Ryan, um homem gay com paralisia cerebral. *Mucize* (2015) é uma produção turca baseada na história real de Aziz. O protagonista possui uma condição física que não fica clara durante o filme. *37 Seconds* (2020), por sua vez, é uma produção japonesa sobre uma mulher com paralisia cerebral e *Margarita de Canudinho* (2014) é uma produção indiana. A distinta origem das produções, associada ao similar tratamento quanto à questão dos estereótipos envolvidos e relação com a indumentária, ajuda a perceber que o problema de pesquisa aqui tratado extrapola, em muito, nossas fronteiras nacionais.

Pessoas com deficiência são constantemente, por conta do estigma, associadas a estereótipos de infantilidade - são vistos como assexuados, vistos como não atraentes, isso por conta do contexto histórico e cultural. Pessoas com deficiência têm sua sexualidade negada e associada à imaturidade e a infantilidade porque, segundo Maia e Ribeiro (2010 *apud* Kaufman; Silverberg; Odette 2003), se uma pessoa depende de outra para realizar necessidades básicas do dia a dia, logo ela será vista como criança e isso independe da “idade avançada, aspectos cognitivos íntegros, sentimentos de desejo sexual” (MAIA, RIBEIRO, 2010, p. 165). Porém, para os autores, mesmo na infância, essa negação não poderia existir porque no sentido libidinal a sexualidade existe desde o nascimento. Outra questão que deve ser levada em conta a respeito da sexualidade é que comumente

As funções e desejos eróticos estarão potencialmente preservados e não deveriam ser negados quando há algum tipo de limitação ou deficiência. Em nenhuma situação há alguém que não seja sexuado, a dessexualização do indivíduo é social e não fisiológica. (MAIA, RIBEIRO, 2010, p. 165)

Maia e Ribeiro apresentam alguns fatores ao longo do texto os quais podem sustentar os estereótipos de que "pessoas com deficiência são pouco atraentes, indesejáveis, e incapazes de conquistar um parceiro amoroso e de manter um vínculo estável de relacionamento amoroso". (2010, p. 167). O padrão de beleza é um desses fatores. Aparentemente buscamos modelos de desempenho e estéticos para nos relacionar, no entanto isso não impedirá que uma pessoa com deficiência se relacione, já que não cumprir as normas estéticas não é algo exclusivo dessa categoria.

Maia (2009a) lembra que, embora haja um pressuposto social do que se é desejável amar e de quais seriam os estereótipos físicos que contam significativamente nos processos de conquista, não se pode delimitar a possibilidade de enamoramento a tais padrões rígidos. Muitas vezes, o amor se estabelece no cotidiano das relações interpessoais a partir de motivações diversas e, assim, são as características psicológicas individuais do sujeito que consolidam uma relação de cumplicidade amorosa e não as características exteriores, como, por exemplo, a cor da pele, o tipo de cabelo, a massa corporal ou também o corpo perfeito. (MAIA, RIBEIRO, 2010, p. 168)

Outro fator é o uso de aparelhos ou a realização de procedimentos referentes à deficiência. Para os autores, isso pode tornar a relação menos erótica ou até mesmo degradante para algumas pessoas, principalmente no momento da intimidade, mas não impede que essa pessoa tenha uma interação sexual ou amorosa. O núcleo familiar; A família pode tanto incentivar como reproduzir crenças sobre a sexualidade e poder de atração da pessoa com deficiência. E dessa forma pode ajudar dando total apoio ou prejudicar usando de superproteção, isolando ou negando que essa pessoa possa viver experiências nesse sentido. O problema é que, com base na nossa socialização, tendemos a interiorizar essas afirmações e tomá-las como verdade e, dessa forma, mesmo vivendo a experiência de ser uma pessoa com deficiência, reproduzimos, muitas vezes, estes estereótipos até o momento em que as experiências possam nos mostrar o contrário, o que não necessariamente vai ocorrer, pois se trataria de algo não planejado, como um lance de sorte. No contato com pessoas com deficiência, podemos, a partir do nosso aparato cultural e experiências anteriores, associá-las ou não a estereótipos presentes na imagem estigmatizada que esse grupo possui. Por não conseguirmos explicar a existência das pessoas com deficiência, pelo mal-estar que provocam,

“fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida” (GOFFMAN, 2008, p. 15). Essas noções que são internalizadas refletem não apenas no olhar do outro sobre a identidade da pessoa com deficiência, mas também operam sobre sua autoimagem. Mesmo com as pessoas que adquirem uma deficiência durante a vida, mesmo com o prolongar-se dessa vivência, elas podem continuar reproduzindo noções estigmatizadas sobre sua nova condição. Por exemplo,

se toda a sociedade alimenta um estigma de que alguém com deficiência é merecedor de piedade, a própria pessoa com deficiência é tentada a incorporar esse preconceito em si mesmo, o que aumenta seus sentimentos de desvalia. (MAIA, RIBEIRO, 2010, p. 165)

A falta de informação, ou as informações deturpadas sobre a sua condição, pode também resultar em um processo doloroso, pois “uma estigmatização repentina pode ser o resultado não da confusão do indivíduo sobre a sua identidade, mas do fato de ele conhecer suficientemente a sua nova situação” (GOFFMAN, 2008, p. 143). Goffman (2008) afirma que o processo de socialização da pessoa estigmatizada possui algumas fases, uma delas é quando o indivíduo adquire, aprende e incorpora uma noção sobre "crenças da sociedade mais ampla em relação à identidade e uma ideia geral do que significa possuir um estigma particular" (GOFFMAN, 2008, p. 41). Outra fase se dá quando ele entende que porta um estigma particular e diferente de antes, percebe o que isso significa de forma detalhada. A junção dessas duas fases primárias da carreira moral é responsável por formar modelos que se fazem importantíssimos para o estabelecimento de "bases para um desenvolvimento posterior, e fornecendo meios de distinguir entre as carreiras morais disponíveis para os estigmatizados" (GOFFMAN, 2008, p. 41, 42). O autor fala de 4 (quatro) modelos. O primeiro modelo diz respeito a pessoas que são socializadas dentro de uma situação de desvantagem porque nascem com um atributo profundamente depreciativo. Dessa forma aprendem e incorporam padrões daqueles que não são estigmatizados. No segundo modelo, o indivíduo é protegido da sociedade externa ficando com relações restritas aos familiares e aos vizinhos, impedindo-o de entrar em contato com as informações sobre sua identidade estigmatizada. O terceiro modelo se refere às pessoas que adquiriram uma identidade estigmatizada durante uma fase avançada da vida. Eles ouviram tudo sobre o que significa ter uma identidade estigmatizada durante a vida e, quando a adquire, se auto

censuram. O quarto modelo concerne aos que “são socializados numa comunidade diferente, dentro ou fora das fronteiras geográficas da sociedade normal, e que devem, portanto, aprender uma segunda maneira de ser, ou melhor, aquela que as pessoas à sua volta consideram real e válida” (GOFFMAN, 2008, p. 44, 45).

Alison Kafer (2012) conta, em seu artigo “Mulheres Deficientes e a Comunidade de Devotees.”, que em uma clínica de reabilitação para pessoas amputadas, os pacientes eram induzidos a cobrirem suas lesões com próteses e roupas longas para não causar mal estar. DeVries, uma paciente que se recusou a cumprir a “sugestão” dada pela equipe médica, foi acusada de ser desajustada. Obviamente que a “sugestão” era uma forma de invisibilizar aquela mulher, mas o que chama mais atenção no relato de Kafer (2012) é que não só a equipe médica se recusava a aceitar uma mulher que não tinha vergonha de expor aquilo que eles achavam vergonhoso, como também as outras pessoas amputadas reproduziam aquele discurso estereotipado e de repressão contra aquela que era semelhante a eles. Mais uma vez, a roupa demarca o lugar de quem “eu acredito ser”; nesse caso, pela reação da equipe médica e das outras pacientes também amputadas, a paciente, a qual desviava do que estava estabelecido, certamente deveria ter vergonha do seu corpo, cobri-lo, escondê-lo, tornar a lesão invisível ao olhar do outro.

A paciente, que parecia não ter vergonha da sua condição, não se importava de usar roupas decotadas e de não fazer uso de próteses, enquanto os outros que assumiam o discurso de que havia algo de errado com o corpo deles coagiam qualquer manifestação contrária ao que eles acreditavam, ou melhor imaginavam que deveriam ser. Interessante perceber como a relação que essas pessoas mantêm com a roupa, atribuir vergonha ou não ao seu corpo e querer cobrir ou mostrar, vai de encontro com o que elas acreditam ser, o que refuta a lógica implantada pela ontologia da profundidade. Segundo Miller (2013), a ontologia da profundidade é a ideia de que aquilo que nós realmente somos está situado dentro de nós. Assim tudo que é real se encontra dentro, no nosso interior, e o que é exterior, em contraposição, é falso (ou pode ser falseado) e superficial. Desta forma um filósofo, por exemplo, que veste roupas simples é um homem profundo, enquanto se vestir “roupa de marca” é superficial. No entanto, para Miller (2013), o que se encontra dentro de nós é o que temos de biológico e não certezas filosóficas, não há motivação alguma que certifique que o nosso verdadeiro “eu” se encontra na profundidade do nosso ser. Primeiro, enxergar a indumentária ou qualquer outro objeto como algo superficial não é uma ideia universal. Para o autor, na verdade,

ela é uma concepção ocidental e moderna que expressa a repulsa ao materialismo, já que acreditamos que uma sociedade de consumo sofre uma perda de profundidade.

Nas análises das obras cinematográficas é possível ver como essa relação entre pessoa com deficiência e roupa está atrelada na construção da narrativa dos personagens. Por exemplo, com o processo de aceitação de Ryan, protagonista de *Special*, uma das obras aqui analisadas, acontece algo semelhante. Quando ele vai encontrar um pretendente o qual ele não conhecia, já que era um encontro armado pela chefe dele, ao chegar no local ele se depara com uma outra pessoa com deficiência, o que gerou uma grande decepção para Ryan. Ele não queria se relacionar com uma outra pessoa com deficiência, porque encontrar alguém semelhante a ele o colocou cara a cara com o que ele representa na sociedade. Em um diálogo entre ele e a chefe, esta diz: “Você tem que escrever sobre isso, sobre o quanto você odeia ser deficiente e como o encontro com um surdo forçou você a se olhar no espelho”.

Ou, por exemplo, em uma das cenas em que Laila, a protagonista de *Margarita de canudinho*, conta a Khanum, sua namorada, que havia lhe traído e a companheira rapidamente a questiona “transar com o Jared lhe deu atestado de normalidade?” e ela responde “Jared pode me ver”. A namorada de Laila, era também uma pessoa com deficiência, era uma mulher com deficiência visual. Mesmo namorando e sendo objeto de desejo da sua companheira, Laila buscou por Jared, um homem sem deficiência. Não foi a primeira vez que Laila havia desistido de um relacionamento com uma pessoa com deficiência para ficar com uma pessoa sem deficiência. Talvez a afirmação de Khanum esteja certa, e ela estava mesmo buscando uma aprovação de normalidade, sendo que, naquele momento, ela estava se relacionando com o modelo ideal para um relacionamento, já que se acredita que pessoas com deficiência não são capazes de serem atraentes ou de manterem um relacionamento estável. As dificuldades em um relacionamento, segundo Maia e Ribeiro (2010), não são exclusividade das pessoas com deficiência, mas essa associação só existe por conta do

preconceito de que pessoas com deficiências não poderiam ser desejáveis aos demais e que se relacionar amorosamente com um deficiente seria algo deplorável e digno de piedade. Assim, se sentir desejada por uma pessoa sem deficiência, poderia ser um meio de subverter sua própria crença. (MAIA, RIBEIRO, 2010, p. 168)

No final do filme, a protagonista informa que vai a um encontro, a forma de se vestir muda e ao chegar no restaurante ela pede uma margarita com um canudinho e se olha no espelho que está de frente para a sua mesa. O encontro era dela com ela mesma. A

mudança de roupa não se deu por conta do encontro, ela já havia tido outro antes, mas dessa vez o que tinha mudado foi a forma como ela se via, a forma como ela se pensava. Aziz passa por uma transformação em sua indumentária no momento do seu casamento, já que, além de ser uma cerimônia na qual a vestimenta está definida, nesse momento também ele é, pela primeira vez, visto e tratado como homem, porque criança não casa. No entanto, depois de alguns dias após a cerimônia, a mãe de Aziz pergunta se Mizgin, a esposa do filho, havia dado banho nele. A nora responde sim e, constrangida, completa que também o vestiu. A mãe de Aziz, emocionada, diz que Mizgin foi enviada por Deus e que, se algo acontecer a ela própria, não teria mais que se preocupar; a esposa responde que cuidará de Aziz não apenas como marido, mas também como pai e filho. O outro momento em que ele se veste de acordo com a idade é quando ele volta depois de anos para a aldeia, após ter fugido por conta do tratamento que o grupo deu a ele e à sua esposa após o casamento. Ele voltou reabilitado da patologia que o classificava como uma pessoa com deficiência. Nesse caso, é como se agora, curado, ele comesse a ser visto e a se vestir como um homem adulto. Ou seja, o que foi aprendido durante a socialização faz com que até mesmo as pessoas com deficiência reproduzam esses estereótipos, o que faz com que isso tenha impacto na maneira como veem o outro, mas também sobre sua autoimagem. Dessa forma, a partir do momento em que se acredita que seu corpo não pode ser sensual ou que não deve chamar atenção na interação social - apesar de que ter uma deficiência visível por si própria já é, segundo Le Breton, é “um poderoso atrativo de olhares e de comentários, um operador de discursos e de emoções.” (2007, p. 75) -, a pessoa com deficiência irá vestir-se como tal, ou será vestida de acordo com esse discurso que carrega. Se a identidade, segundo Woodward (2000), ganha sentido a partir do sistema de símbolos e da linguagem a qual é representada, e como já vimos anteriormente na roupa, expressa o que nós pensamos ser, certamente ela pode ser um aliado. Não dá obviamente para mudar o que as pessoas pensam de corpos com deficiência usando apenas como instrumento a roupa, mas dá obviamente para funcionar como um “ponto de apoio para nos afastarmos de uma realidade insuportável” (STALLYBRASS, 2008, p. 33). Um exemplo disso é que Ryan, no decorrer da série, muda o estilo de se vestir e parece se aproximar muito do que é vestido pelo seu novo círculo de amigos, em maioria homens gays sem deficiência. Podemos pensar também, por exemplo, em Yuma, protagonista de *37 seconds*, que, durante uma viagem de metrô, olhava com um olhar tristonho para as meninas de sua idade vestidas e adornadas com as tendências do momento e ela tendo que usar roupas

que a apagavam socialmente por conta da superproteção da mãe. Mas a protagonista, ao primeiro respiro longe da mãe, fez questão de usar roupas as quais desejava porque estava disposta a viver todas as experiências da quais foi privada. É como se usar aquelas roupas baseadas nas tendências do círculo social, como no caso de Ryan, e do grupo de garotas desconhecidas do metrô avistado por Yuma, desse a possibilidade de que essas pessoas construíssem um novo estilo, diferente do que era imposto. Antes vestidas de acordo com estereótipos ligados ao infantil, ao não atraente, não sexy e depois das experiências, depois que passam a construir uma nova ideia de si, a conviver com outros grupos, a ganhar mais autonomia ou com a recuperação do corpo, a roupa muda. A roupa está expressando uma ruptura, seu valor é simbólico. Nós atribuímos a ela um significado que pode ser alegria, tristeza, humilhação, o que depende da complexa relação entre nossos desejos, o contexto de uso e seus resultados, o que tem impacto afetivo que pode ser transportado à roupa usada enquanto memória material. A roupa, portanto, se torna gatilho dessas lembranças e emoções. Essa questão não é exatamente sobre o objeto através do qual a pessoa irá se expressar, a questão não é a roupa em si e sim sobre a percepção que a pessoa construiu sobre o que ela é ou deseja ser ou transparecer, em sua relação com as experiências vividas.

E me lembro de Jen White me falando sobre um par de sapatos que seus pais compraram para ela ir à escola. Sapatos práticos, bons, mas com os quais você tinha vergonha de ser visto. É difícil avaliar seriamente, de forma suficiente, a agonia desses momentos, a raiva, o sofrimento, o desespero. Uma identidade demasiadamente visível está lá, nos seus pés, fazendo troça de você, humilhando você. Pois você foi fabricado, produzido por um outro, colocado na libré de uma dependência abjeta, e é o êxtase da libertação dessa libré que Annete captura de forma tão elegante em suas memórias do "primeiro vestido que foi ganho por meus próprios esforços". "Um sentimento de alegria", ela relembra. (STALLYBRASS, 2008, p. 33)

Segundo Jean Baudrillard (1995), vivemos hoje rodeados por objetos e nos afastamos da convivência dos outros indivíduos. No entanto, isso só pode acontecer por conta das primeiras fases do capitalismo de consumo, no qual, segundo Lipovetsky (2007), os bens passaram a ser acessados pelas massas. De acordo com este autor, foi na fase I do capitalismo de consumo, com a democratização dos bens de consumo, que a aquisição de um objeto ficou muito mais fácil para as massas, embora existisse uma limitação nos lares populares, a qual impedia que esses aparatos tecnológicos fossem utilizados. Dessa forma, a fase 1 do capitalismo de consumo também criou o consumidor moderno e, claro, o marketing. De acordo Lipovetsky (2007), com a fase I

rompe-se com a relação mercantilista e transforma-se o cliente dessa antiga fase em consumidor moderno e de marcas com o auxílio da publicidade. “A fase I inventou o consumo sedução, o consumo-distração de que somos herdeiros fiéis.” (LIPOVETSKY, 2007, p. 31).

A segunda fase, de acordo com Lipovetsky (2007), é marcada pela criação dos supermercados e hipermercados, superando a ideia de magazine que foi um dos grandes marcos da fase I. Essa nova fase é guiada pela quantidade, pela abundância. Para o autor,

A fase II é aquela em que se esboçam com grande rapidez as antigas resistências culturais às frivolidades da vida material mercantil. Toda a máquina econômica se consagra a isso através da renovação dos produtos, da mudança dos modelos e dos estilos, da moda, do crédito, da sedução publicitária. O crédito é encorajado a fim de comprar as maravilhas da terra de abundância, de realizar desejos sem demora. (LIPOVETSKY, 2007, p. 35).

Sobre a terceira fase, que é a que mais nos interessa, Lipovetsky diz que “o que define a fase III não é a homogeneização social, é o menor poder diretivo dos modelos de classe, a liberdade de ação dos atores em relação às normas coletivas e aos habitus, a individualização das escolhas consumidoras.” (2007, p. 117).

De acordo com Featherstone, estamos passando de uma sociedade em que as escolhas de roupas, bens de consumo, atividades de lazer, disposições corporais expressavam "estilo de vida fixos de grupos específicos" (1995, p. 119) para uma sociedade sem grupos de status fixos. Ainda segundo o autor, estilo de vida para a cultura de consumo significa: individualidade, auto expressão e consciência de si estilizada.

O corpo, as roupas, entretenimento de lazer, as preferências de comida, bebida, a casa, opção de férias, etc. de uma pessoa são vistos como indicadores da individualidade, do gosto e o senso de estilo do proprietário/consumidor. (FEATHERSTONE, 1995, p. 119).

Para Featherstone, o consumo na sociedade contemporânea não deve ser visto apenas “como consumo de valores de uso, de utilidades materiais, mas primordialmente como o consumo de signos” (1995, p. 122). Dessa forma o consumo de objetos ajuda a revelar aquilo que o indivíduo é, acredita ser ou deseja ser, mesmo que a partir de um grupo.

De acordo Lipovetsky, na terceira fase do capitalismo de consumo o indivíduo está “livre da obrigação de moldar-se por um estilo de vida pré-formado e específico, o

turboconsumidor se apresenta como esse comprador móvel que não tem mais nenhuma conta a prestar a quem quer que seja.” (2007, p. 116). Nessa fase a qual é possível para o sujeito se expressar por meio do consumo, os personagens de pessoas com deficiência analisados se afastam daquilo que lhe era imposto e puderam, a partir do momento em que se afastaram do núcleo familiar e das crenças sobre a sua própria identidade, expressar a partir de um objeto, nesse caso a roupa, aquilo que eles acreditam ser.

No decorrer da análise, foi possível perceber que todos os protagonistas, explicitamente ou não, apresentam uma relação com a indumentária e que, portanto, essa questão pode estar longe de ser banal para muitas pessoas com deficiência. Podemos observar a recorrente associação ao infantil, sinalizando assim o estereótipo de que o corpo de uma pessoa com deficiência não é ou não pode ser sexy ou atraente.

A partir do momento em que começam a viver novas experiências as quais antes lhe eram negadas, as personagens começam a mudar sua concepção e começam a se expressar da forma que acreditam que são, que desejariam ser ou que gostariam de transparecer. Começam a acreditar que têm direito à autonomia e à vaidade, como foram os casos de Ryan e Yuma. É quando ocorre um processo de ruptura nas experiências, como o afastamento do processo de superproteção familiar e o angario de autonomia sobre sua própria trajetória, ou mesmo quando a reabilitação do corpo acontece que sua relação consigo, com os outros e com a roupa muda. A roupa de fato anuncia o lugar em que essa pessoa pensa estar, diferente do que é apontado pelo que Miller (2013) chama de ontologia da profundidade. Mas é importante apontar que não é uma mudança de vestimenta, é uma mudança na percepção desse indivíduo que se revelará por meio desse objeto, mas o objeto poderia ser qualquer outro que provocasse nele um sentimento de pertença e até mesmo de humanidade. No entanto, o lugar da roupa em nossa aparência, a torna objeto de destaque.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A imagem da modelo de corpo assustadoramente magro, com uma postura de altivez, carregando peças de roupas, as quais na maioria das vezes se diferenciam do que estamos acostumados a ver no dia a dia permeia a nossa mente quando pensamos em desfiles de moda. É o corpo cabide, modelado para apresentar o objeto de moda. Ferreira diz que “O termo ‘corpo cabide’ levanta uma reflexão sobre o corpo/objeto que se apresenta apenas como suporte para algo externo, corpo que reproduz um padrão, sem levantar questões sobre suas implicações sócio-políticas” (Ferreira, 2009, p. 5).

Na edição N53 do SPFW – São Paulo Fashion Week, pudemos presenciar corpos que não costumamos ver em lugares que vendem, além do vestuário, uma ideia de corpo. A maioria dos corpos, obviamente, eram de modelos com corpos padrão, brancos, mas algumas marcas trouxeram corpos que desviavam dessa lógica para a passarela, corpos gordos, negros, curvilíneos e corpos com deficiência. Isso é um reflexo dos tempos atuais, nos quais se reivindicam que os indivíduos, que foram por muito tempo invisibilizados e estigmatizados, sejam vistos e pensados. E não há jeito melhor de provocar uma reflexão sobre a existência desses indivíduos do que colocar um corpo abjeto para desfilarem em um ambiente em que se vigora o corpo padrão. O resultado disso foi a mobilização em sites e páginas das redes sociais, os quais trouxeram a reflexão sobre a importância de pensar a representatividade na moda. A atenção que teoricamente é dada à roupa, foi dada diretamente à presença desses corpos. E aí pode surgir uma indagação: mas se o papel dos modelos é apresentar a roupa, que vantagem um modelo com um corpo desviante traria para as marcas que o contratariam? É aí que está a questão.

Pensar que, no desfile, corpos cabides concentram a atenção somente nas roupas é uma falácia. Em uma rápida olhada em uma plataforma de pesquisa, é possível achar sites questionando o culto à magreza extrema apresentada por alguns modelos. Além disso, as modelos são padrões de referência principalmente para as mulheres, obviamente porque não é só a roupa que é vendida.

A atenção que hoje é dada ao corpo com deficiência e não a roupa em si, fala mais sobre o universo da moda e da estrutura social, do que propriamente da apresentação desse corpo. Porque, se estivéssemos acostumados a ver corpos com deficiência em uma passarela, não haveria tal comoção. A comoção só denuncia uma coisa, a falta de representatividade.

Não incluir modelos com deficiência, ou postergar essa inclusão é também postergar a construção de uma autoimagem positiva e de uma imagem social diferente da que está dada. E postergar a construção de uma imagem social mais positiva impede, por exemplo, que a indústria do vestuário pense em pessoas com deficiência de forma plural e produzam de acordo como tal. Acreditar, por exemplo, que o único estilo possível para uma pessoa com deficiência é o básico, só reforça que aquilo que é produzido para pessoas com deficiência é baseado em estereótipos, já que acreditamos que essa categoria não poderia estar trabalhando, estudando, se divertindo, exercendo práticas sociais básicas; além disso, muitas vezes desejamos que essas pessoas não estejam nesses lugares. Pensar, por exemplo, que essa categoria enfeia os locais ou não pensar em projetos que tornem as cidades, os estabelecimentos, as instituições mais acessíveis é uma forma de expurgar essas pessoas dos ambientes sociais. O ambiente da pessoa com deficiência é a casa, é o hospital onde toram escondidos por muito tempo, pois aqueles que nos lembram a nossa fragilidade humana, aqueles que não seguem as etiquetas do corpo e nem se adequam às regras sociais imprescindíveis para a convivência devem se tornar invisíveis aos nossos olhos.

Os lugares estão demarcados para as pessoas com deficiência, e com o campo da moda não é diferente. Olhando por exemplo para todas as questões que se instalam quando o assunto é acesso a roupa, isso fica ainda mais evidente. As roupas que são confeccionadas pela indústria são roupas que visam atender apenas um formato de corpo, não leva em consideração que há uma diversidade existente. A moda inclusiva vem em contraponto para suprir as necessidades que não são atendidas pela indústria, porém, de acordo com dados levantados nessa pesquisa, a teoria não corresponde à prática.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), cerca de 17,3 milhões de pessoas no Brasil têm algum tipo de deficiência. Isso equivale a 8,4% da população que não se enxerga nos produtos de moda que consome. Essa pesquisa

teve como objetivo principal analisar como pessoas com deficiência se relacionam com a roupa e qual a importância desse objeto para a auto expressão, auto imagem e imagem social dessa categoria.

O trabalho teve início com uma autoetnografia, a qual teve como base a minha vivência, de uma pessoa que convive com a distonia cervical há 17 anos, e que passou e ainda passa por um processo de estereotipização. No processo em que mudava a minha percepção sobre a minha existência, a roupa também ganhava um outro sentido. A roupa que antes tinha como sentido o de me esconder, de me tornar invisível passou a ser instrumento de construção de um indivíduo mais consciente da sua identidade. Essa relação, que passa sobretudo por uma autoimagem distorcida e uma imagem social cercada pelo constrangimento, designou por muito tempo o que esse corpo, que era auto-intitulado como sujo, vergonhoso, impuro... poderia vestir e onde poderia ir.

De acordo com a literatura e com os relatos dos interlocutores, distribuídos nos capítulos 2 e 3, a representatividade das pessoas com deficiência ainda é uma questão a ser pensada mesmo com os avanços significativos ocorridos nos últimos anos. Quando falamos, por exemplo, na atuação de modelos com deficiência, uma proposta nova para o campo da moda, podemos perceber algumas questões importantes que ainda dificultam a ascensão desses corpos nesses espaços. Na análise das falas dos interlocutores, é possível notar que, embora a maioria tenha conhecimento da existência dos modelos, ainda há uma dificuldade em recordar a participação dos modelos em campanhas publicitárias, o que mostra que essas participações não são tão expressivas assim. Essa questão não se afirma a partir das falas, mas pesquisas realizadas acerca do tema, as quais mostram que essa participação está acontecendo, mas de forma lenta. Alguns fatores que impedem a inclusão plena são: a padronização de corpos com deficiência, a baixa remuneração e a ideia de que contratar um modelo com deficiência é um ato de caridade, as poucas oportunidades ofertadas, falta de capacitação necessária.

No entanto, a falta de representatividade ocasionada pela falta de referências em lugares centrais como na moda pode ser um fator negativo para a imagem social e principalmente para a autoimagem da pessoa com deficiência. Para os interlocutores, a existência de modelos com deficiência teria impacto positivo, já que trariam uma nova percepção para eles enquanto indivíduos que fazem parte dessa categoria, para as

pessoas que viram a se tornar uma pessoa com deficiência ao longo da vida; além disso, isso poderia trazer uma certa segurança sobre a própria identidade. No entanto, embora a representatividade no campo da moda ocorra a passos lentos, pessoas com deficiência se movimentam para apressar essa inclusão, isso porque se movimentam com campanhas e atuação diária nas redes sociais. Essa atitude de resistência frente às crenças sobre seus corpos, produz muito mais efeitos do que eles imaginam. Ao fazer uso de suas agências para chamar atenção para suas questões e suas necessidades enquanto pessoas com deficiência, os influenciadores se tornam também a referência que procuram, prova disso é o resultado da pergunta “você tem alguma referência de beleza que seja uma pessoa com deficiência?”, e a maioria das respostas indicaram influenciadores digitais.

Uma questão, inclusive, que é levantada pelos influenciadores digitais é a relação que eles mantêm com a roupa. A relação passa pelo constrangimento social ao auxílio enquanto indivíduo com deficiência. No entanto, para muitos o constrangimento social em detrimento da roupa nem chega a ser de fato uma questão, porque até para que isso possa acontecer eles precisam ter acesso a roupa. Há uma lacuna muito grande a ser preenchida no que se refere aos desejos de imagem da pessoa com deficiência que possui pouca ou nenhuma autonomia quando o assunto é roupa; fatores como a falta de conforto, falta de peça, calçados que não se adaptam aos aparelhos, valores das peças, falta de publicidade, peças que provocam machucados e dor, podendo incluir falta de acessibilidade nas lojas, ideia de que pessoas com deficiência não consomem.

A moda inclusiva, que teoricamente iria sanar essas questões, apresenta algumas falhas na execução do papel que se propõe a cumprir. Preço alto, falta de comunicação entre a indústria e os consumidores, falta de diversidade e, claro, há uma reprodução de estereótipos acerca da condição dos seus consumidores são fatores que impedem. Mas a produção também enfrenta a falta de aviamentos, por exemplo, o que torna a questão da roupa inclusiva mais difícil.

Concluimos então que a forma que a pessoa com deficiência se relaciona com a roupa, por diversas vezes é de constrangimento como pude mostrar por meio do meu e de outros relatos presentes nesse trabalho, mas é também uma relação de falta. A relação de falta, nesse caso, diz respeito às lacunas apresentadas pela indústria convencional e pela indústria especializada que não atendem as necessidades desse

público. No caso da indústria especializada, além de não pensar de uma forma mais ampla no público que procura atender, quando o assunto é estilo - isso é, com base nos dados analisados - também apresenta outros fatores que não permite o acesso dessa categoria às roupas produzidas. Quando nos perguntamos qual a importância da roupa para as pessoas com deficiência, isso é, para sua autoexpressão, autoimagem e imagem social, vemos que de fato ela ocupa um lugar essencial para esses indivíduos. No entanto, o que vemos é que pela falta de representatividade e falta de opções de peças no mercado, a relação está comprometida. Se não há roupa que garanta a realização do desejo de imagem, peças que atendam os diversos estilos dessas pessoas, não há de fato uma autoexpressão. A auto imagem dessa categoria também está comprometida, já que a roupa também pode ser um instrumento de construção do indivíduo. No caso da imagem social, a roupa tem importância essencial nos ambientes em que não esperamos encontrar pessoas com deficiência; mas por reproduzir estereótipos acerca do corpo dessa categoria, as indústrias convencional e especializada não produzem peças que garantiriam a circulação de forma digna dessas pessoas em ambientes de trabalho, entretenimento, lazer, entre outros.

Esse trabalho não objetivou findar o assunto, pelo contrário, durante a elaboração da pesquisa surgiram várias questões e um fato, o de que ainda há muito o que investigar. A pesquisa mostrou que alguns corpos com deficiência são mais tolerados do que outros, mas porque isso acontece? Se pessoas com deficiência física vivem experiências tão parecidas no que diz respeito a estereótipos, porque parecemos ter tão pouca tolerância à corpos “desfigurados”? Por que parece que não queremos atender as necessidades do público com deficiências não naturalizadas no social? Não produzir roupas para pessoas com deficiência é também uma forma de não entrar em contato com essa categoria? Seria isso um projeto de exclusão - já que não pensamos na acessibilidade? O que a experiência religiosa tem haver com a forma que pessoas com deficiência constroem sua autoimagem? E como a imagem social da pessoa com deficiência é construída a partir dessa perspectiva? A escolha religiosa das pessoas com deficiência impacta na sua auto expressão? Várias dessas questões permanecem sem respostas. No entanto, irei abordá-las em um outro momento.

# REFERÊNCIAS

**37 SECONDS**. Direção: Hikari. Produção. HikariShin Yamaguchi. Japão:Netflix, 2019. 1h 55min. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=37&jbv=81062369>  
Acesso em 27 de outubro de 2021

ASSIMOS, Bruno Medeiros; PINTO, Marcelo de Rezende; LEITE, Ramon Silva; ANDRADE, Matheus Lemos de. O Consumo Conspícuo e Suas Relações com Consciência de Marca, com Consumo de Status e com Autoexpressão. **BBR, Braz. Bus. Rev.** 16 (4), 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bbr/a/wzvxrrvhwPVj8zc5TdkPwHy/?lang=pt> acesso: 03 de maio de 2023.

AULER, Daniela. Contemporâneo: a moda inclusiva. **dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda**, [S. l.], v. 7, n. 16, p. 8–12, 2014. DOI: 10.26563/dobras.v7i16.21. Disponível em: <https://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/view/21> Acesso em: 2 maio. 2023.

AMARAL, Rita e COELHO, Antonio Carlos V. Nem Santos nem demônios. Imagem social e auto-imagem dos deficientes físicos em São Paulo. In: **Urbanitas Revista Digital de Antropologia Urbana**, ano I, vol. 1, n.0. 2003.

BAUDRILLARD, Jean. **Sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BERGER, Peter & BERGER, Brigitte. “Socialização: como ser um membro da sociedade”. In: FORACCI, Marialice M. & SOUZA MARTINS, José (org.). **Sociologia e sociedade: leituras de introdução à sociologia**. São Paulo/Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, pp. 200-214. 1973

BERGAMO, Alexandre. O campo da moda. **Rev. Antropol.** vol.41 n.2 São Paulo 1998. disponível em:<https://doi.org/10.1590/S0034-77011998000200005>. 09 de outubro de 2020

BISOL, Cláudia Alquati, Pegorini, Nicole Naji e Valentini, Carla Beatris. PENSAR A DEFICIÊNCIA A PARTIR DOS MODELOS MÉDICO, SOCIAL E PÓS-SOCIAL. **Cad. Pes.**, São Luís, v. 24, n. 1, jan./abr. 2017 disponível em: <http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/6804>

BLANES, Simone. Inclusão fashion: Brasil avança na moda para pessoas com deficiências. VEJA, 2022. Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/comportamento/inclusao-fashion-brasil-avanca-na-moda-para-pessoas-com-deficiencias/> acesso: 24 de março de 2023.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

BRASIL. LEI Nº 13.146 DE 06 DE JULHO DE 2015. Institui a lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência (estatuto da pessoa com deficiência). Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm) acesso em: 23 de janeiro de 2023.

BRILHANTE, Mariana Luísa Schaeffer; FILHO, José Alfredo Beirão; ROSA, Lucas da.

Moda Inclusiva: identificação de aviamentos de vestuário. IX ENSUS – Encontro de Sustentabilidade em Projeto, Florianópolis, UFSC, 2021. Disponível em : <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/228905/VOLUME%20II%20--305-314.pdf?sequence=1> acesso em 28 de março de 2023.

BROWN, Molly McCully. 'I am a woman who wants': on disability and desire. The Guardian. 2021 Disponível em: <https://www.theguardian.com/news/2021/mar/03/i-am-a-woman-who-wants-on-disability-and-desire> acessado em: 20 de maio de 2022

CARDOSO, Ruth C. L. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CASTANHA, Ana. Abraçando a diversidade na publicidade - # 93 moda em rodas. Bossa 9 Oficial, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=NIRKpi5pb\\_g&t=696s](https://www.youtube.com/watch?v=NIRKpi5pb_g&t=696s) acesso: 3 de janeiro de 2022.

CASTRO, Kika. Moda em rodas #018 – Por uma beleza isenta de rótulos. Bossa 9 Oficial, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZW-A-q5nb4w> acesso: 3 de janeiro de 2022.

CASTRO, Kika. Moda Inclusiva - Brasil das Gerais - parte 1. Brasil das gerais, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UkBkhi6ZtVE> acesso: 3 de janeiro de 2022.

CONCEIÇÃO, Vanessa Dos Santos; NERY, Maria Salete de Souza. Indumentária, um objeto anunciador: a roupa como um construtor de uma nova identidade para pessoas com deficiência. **Anais do V Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79347>>. Acesso em: 01/07/2022 22:23

CONCEIÇÃO, Vanessa Dos Santos; NERY, Maria Salete de Souza. Pessoas com deficiência, roupa e autoestima: Quando a (falta de) representatividade toca os afetos.

**Cadernos de Gênero e Diversidade**, [S. l.], v. 8, n. 4, p. 108–133, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/51957>. Acesso em: 29 abr. 2023.

COLOGNESE, Antônio Sílvio. MÉLO, José Luiz Bica de. A TÉCNICA DE ENTREVISTA NA PESQUISA SOCIAL. IN **Cadernos de sociologia**. Porto Alegre, v. 9 pag. 143-159, 1998. disponível em: [http://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/necio\\_turra/PESQUISA%20EM%20GEOGRAFIA/A%20t%E9cnica%20da%20entrevista%20na%20pesquisa%20social.pdf](http://docs.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PESQUISA%20EM%20GEOGRAFIA/A%20t%E9cnica%20da%20entrevista%20na%20pesquisa%20social.pdf) acessado em: 12 de outubro de 2020

COURTINE, Jean-Jacques. Corpo anormal: História e antropologia culturais da deformidade. In: COURBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org.). **História do Corpo: 3: As mutações do olhar. O século XX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008. p. 253-340

CRESPO, Ana Maria Morales. Mulheres Deficientes sem Limites para o Amor. Bengala legal, 2001. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/psicologia-e-sexualidade> acesso em 13 de outubro de 2022.

CUERVO, Vitória. A importância da moda inclusiva. TEDxLaçador. 2018 disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7sirUhh-1C0> acessado: 01 de abril de 2023

DINIZ, Débora. **O que é deficiência?** São Paulo: Brasiliense, 2007.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**: Ensaio sobre a noção de poluição e tabu. USP, 1976. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861113/mod\\_resource/content/1/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1861113/mod_resource/content/1/pureza-e-perigo-mary-douglas.pdf) acesso: 14 de janeiro de 2023

ECO, Umberto. **História da feiúra**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ENANO, Virginia López. “Nós, pessoas com deficiência, temos mais dificuldade para sair do armário. Somos tratados de maneira pior”. EL PAÍS, 2020. disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedade/2020-07-04/nos-pessoas-com-deficiencia-temos-mais-dificuldade-para-sair-do-armario-somos-tratados-de-maneira-pior.html> acesso em: 20 de novembro de 2021.

ESTADÃO. Diversidade na comunicação de marcas em rede social. 2023 disponível em: [https://www.estadao.com.br/blogs/blog/wp-content/uploads/sites/189/2021/09/2021-diversidadenacomunicacaodemarcasemredessociais1\\_110920211319.pdf](https://www.estadao.com.br/blogs/blog/wp-content/uploads/sites/189/2021/09/2021-diversidadenacomunicacaodemarcasemredessociais1_110920211319.pdf) acesso: 03 de abril de 2023

ESTEBAN, Mari Luz. **Antropología del cuerpo**: Género, itinerarios corporales, identidad y cambio. Barcelona, España, Edicions Bellaterra. 2013

FARIA, M. D.; CASOTTI, L. M. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em

telenovelas brasileiras. **O&S, Salvador**, v. 21, n. 70, p. 387-404, jul./set. 2014.  
Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-92302014000300003> acessado em: 12 de outubro de 2020

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995

FERREIRA, Amanda Alves. Moda e Corpo. É a combinação que começa a significar. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Rio de Janeiro, 2009.  
Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2009/resumos/R14-0879-1.pdf> acesso em: 24 de março de 2023.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FRANÇA, Tiago Henrique. Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. **Lutas Sociais**, São Paulo, vol.17 n.31, p.59-73, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/tiago-henrique-franca.pdf>

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GAVÉRIO, Marco Antônio. Resenha de Feminist, Queer, Crip. Alison Kafer. **Revista Florestan Fernandes**. Ano 3, n. 1. P. 165 -173 Disponível em: <http://www.revistaflorestan.ufscar.br/index.php/Florestan/article/view/170> 12 de outubro de 2020.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre (org). **Corpo, Gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1988

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes. 1985.

HALL, Stuart. O papel da representação. In: \_\_\_\_\_. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

Instituto de Estudos Avançados da USP. Mercado e Moda Plural: Escassez e Oportunidades .Youtube. 23 de set. de 2020. disponível

em:<https://www.youtube.com/watch?v=WbGaxWpk7LU&t=3751s>. Acessado em: 07 de julho de 2022

KAFER, Allison. Mulheres Deficientes e a Comunidade de Devotees. **Bengala Legal**, 27 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.bengalalegal.com/devotee-eua>. Acesso em: 12 de maio de 2020

KIRCHOF, Edgar Roberto; BONIN, Iara Tatiana. Representações do feio na literatura infantil contemporânea. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1069-1088, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/j7rTgsrd86nYjfKBFvrVKdw/?lang=pt&format=pdf> acesso: 24 de janeiro de 2022.

KELLNER, D. **A Cultura da Mídia**. Bauru: EDUSC, 2001.

LAFERTÉ, Gilles. Imagem social ou luta política e cultural pelo controle do mercado. Revista Mana, Scielo, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/mana/a/crdsL5JfR9FhnCxgVtxC9wq/?lang=pt#:~:text=A%20imagem%20social%20n%C3%A3o%20tem,dos%20territ%C3%B3rios%20e%20dos%20grupos>. acesso: 03 de maio de 2023.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LORENSONI, Muryllo Rhafael; ZAMBOM, Renata Carvalho Oliveira; ROCHA, Naiara. O corpo na moda. **Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual** Goiânia-GO: UFG, FAV, 2012. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-44\\_O\\_corpo\\_na\\_moda.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/2012-44_O_corpo_na_moda.pdf) acesso: 12 de março de 2022

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva. CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p.45-61, jan./abr. 2010 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/ffFYWJh6bDCH3JnPHm7tScP/?format=pdf&lang=pt> acesso em: 19 de maio de 2021

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. **Inclusão e Sexualidade**: na voz das pessoas com deficiência física. Curitiba: Juruá, 2011.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.16, n.2, p.159-176, 2010. disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/kYLkXPZsQVxZ85S95S3fQMz/?lang=pt> acesso em: 24 de novembro de 2021.

MARMILICZ, Bárbara, REIS, Lídia Veronica dos, NOVAES, Luana, VIZIOLI, Thalita, A indústria da moda nos moldes da inclusão. 2022. Disponível em:

<https://www.ufsm.br/midias/experimental/agencia-da-hora/2022/05/27/a-industria-da-moda-nos-moldes-da-inclusao> acessado: 27 de março de 2023

**MARGARITA DE CANUDINHO.** Direção: Shonali Bose, Nilesh Maniyar Produção: Índia: Netflix, 2014. 1h 40min Disponível em: <https://www.netflix.com/title/80018695> Acesso em: 28 de outubro de 2021.

MARTINS, Fernanda Cristina Castelo de Lima; TEIXEIRA, Maria Fabíola Fonsêca Mourão; FILGUEIRAS, Araguacy Paixão Almeida Filgueiras. PRÁTICAS INCLUSIVAS: Seminário moda inclusiva Fortaleza - relato de experiência. **Revista ensino de arte, moda e design.** v.3, n 2, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/ensinarmode/article/download/14572/10075/52207> Acesso em: 24 de janeiro de 2023

MATTOS, Camila Domiciano. O Processo de Luto Diante da Deficiência Física Adquirida: Análise de um Relato de Caso. 2005. Disponível em: <https://psicologado.com.br/atuacao/psicologia-clinica/o-processo-de-luto-diante-da-deficiencia-fisica-adquirida-analise-de-um-relato-de-caso> acesso em: 24 de abril de 2019

MESQUITA, Cristiane. **Moda contemporânea:** quatro ou cinco conexões possíveis. 1.ed. São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, 2010.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. 2016. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3265.pdf](http://www.scielo.br/pdf/csc/v21n10/1413-8123-csc-21-10-3265.pdf) acessado em: 03 de maio de 2020

MILLER, Daniel. Porque a indumentária não é superficial in. **Trecos, troços e coisas:** estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento.** 11ª ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

**MUCISE.** Direção: Mahsun Kirmizigui: Produção: Murat Tokat. Turquia: Netflix, 2015. 2h 16 min. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=mucise&jbv=80134420> Acesso em: 24 de outubro de 2021.

Nietzsche, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1985.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo.** 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Ed. UNESP, 2000

OLIVEIRA, Michelle Rodrigues de. MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida. O insustentável peso da autoimagem: (re)apresentações na sociedade do espetáculo. **Ciênc. Saúde Colet.** 26 (07), 2021. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/csc/a/JJ44yNWrlNvgVKknD3RPQkk/?lang=pt#:~:text=A%20a%20imagem%20pode%20ser%20compreendida,eventos%20vividos%20e%20Fou%20percebidos>. acesso: 03 de maio de 2023.

PICCOLO, Gustavo Martins. Contribuições Antropológicas aos Estudos da Deficiência. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Bauru, v.28, e0099, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/QmSnVJXYkHDvBNpbH6ZwZNn/?format=pdf&lang=pt> acesso em: 05 de maio de 2023.

Portal Geledés. Jovem com distrofia muscular assina contrato com grande agência de modelos. 2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/jovem-com-distrofia-muscular-assina-contrato-com-grande-agencia-de-modelos/> Acessado em: 25 de setembro de 2020

REDAÇÃO MARIE CLAIRE. Lilian Aragão reclama de público de aeroporto: "Parece rodoviária". MARIE CLAIRE. 2019. disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Celebridades/noticia/2019/05/lilian-aragao-reclama-de-publico-de-aeroporto-parece-rodoviaria.html> acesso: 12 de dezembro de 2022

RIOS, Clarice; PEREIRA, Éverton Luís; MEINERZ, Nádia. Apresentação. In: Apresentação: Perspectivas antropológicas sobre deficiência no Brasil. **Anuário Antropológico [Online]**, v.44 n.1 | 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/3475> acesso: 03 de maio de 2023.

RODRIGUES, José Carlos. **O Tabu do Corpo**. Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda. 1975.

ROSE, Diana. Análise Semiótica de Imagens em movimento. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SÃO PAULO, Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Moda inclusiva: perguntas e respostas para entender o tema. Cartilha Digital, 2012. Disponível em: [https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/MODA\\_INCLUSIVA\\_DIGITAL\\_CARTILHA\\_FINAL.pdf](https://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/MODA_INCLUSIVA_DIGITAL_CARTILHA_FINAL.pdf)

SHIMADA, Bárbara. MODA INCLUSIVA: Marcas brasileiras de roupas adaptadas para PCD. Steal The Look. 2021. disponível em: <https://stealthelook.com.br/moda-inclusiva-marcas-brasileiras-de-roupas-adaptadas-para-pcd/>

SILVA, Otto Marques da. **A EPOPÉIA IGNORADA: A Pessoa deficiente na história do mundo de ontem e de hoje**. Editada pelo CEDAS 1987

SILVA, Luciene M. da. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. 2006. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782006000300004&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300004&lng=pt&tlng=pt) acesso em: 17 de maio de 2019.

**SPECIAL.** Criação: Ryan O'Connell. Interpretes: Ryan O'Connell, Jessica Hecht, Punam Patel, Marla Mindelle, Augustus Prew, Patrick Fabian. Roteiro: Ryan O'Connell. Estados Unidos: Netflix, 2021. 2 temporadas, 12–34 minutos. Disponível em: <https://www.netflix.com/search?q=special&jbv=80987458> . Acesso em: 21 de outubro de 2021

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx:** roupas, memória, dor. 3. ed , Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2008.

SVENDSEN, Lars. **Moda:** Uma filosofia. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010

TEDx Talks. Beleza e deficiência não são opostas | Kica de Castro | TEDxSaoPauloSalon. (9m:14s) 2017. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=MrvjdAEdEQc> . acesso 16 de junho de 2019.

TONTI, Lucianne. How do you get dressed in the morning? Four very different approaches to putting on clothes. The Guardian, 2022. disponível em: <https://www.theguardian.com/lifeandstyle/2022/jun/14/how-do-you-get-dressed-in-the-morning-four-very-different-approaches-to-putting-on-clothes#comment-156981820> acesso em: 29 de março de 2023

**Uma advogada extraordinária.** Produção: Yoo In-shik, Moon Ji-Hoo Interpretes: Park Eun-bin, Kang Tae-oh, Kang Ki-Young. Roteiro: Moon Ji-won. Coreia do Sul: Netflix, 2022. 1 temporada, 71 min. Disponível em: [https://www.netflix.com/watch/81566020?trackId=14277281&tctx=-97%2C-97%2C%2C%2C%2C%2C%2C%2CVideo%3A81518991%2CdetailsPagePlayButton](https://www.netflix.com/watch/81566020?trackId=14277281&tctx=-97%2C-97%2C%2C%2C%2C%2C%2C%2C%2CVideo%3A81518991%2CdetailsPagePlayButton) acesso em: 20 de março de 2023

UOL. Guedes: Fies levou até para filho de porteiro para universidade, diz jornal. Uol, 2021. disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2021/04/29/guedes-fies-levou-ate-para-filho-de-porteiro-para-universidade-diz-jornal.htm?cmpid=copiaecola> acesso: 12 de dezembro de 2022.

VALÉRIO, Drika. MODA INCLUSIVA: Tudo que você precisa saber sobre moda inclusiva. Aria moda inclusiva. 2019. disponível em: <https://ariamodainclusiva.com.br/uploads/602/ebook-moda-inclusiva-drika-valerio.pdf> acesso em 23 de março de 2023. cessado: 01 de abril de 2023

VEBLEN, Thorstein. A teoria da classe do lazer: um estudo econômico das instituições. Actual editora, 2018. Disponível em: <https://doceru.com/doc/nvc8n01> acesso: 27 de maio de 2022

VENTURA, Luiz Alexandre Souza. “Pessoas com deficiência deixam a praia feia”. Estadão, 2019. disponível em: <https://www.estadao.com.br/brasil/vencer-limites/pessoas-com-deficiencia-deixam-a-praia-feia/> acesso: 23 de janeiro de 2019.

WENDELL, Susan. **The rejected body**: feminist philosophical reflections on disability. New York, London. Routledge, Taylor & Francis Group, 1996.

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza**. Como as Imagens de Beleza são usadas contra as Mulheres. Rio de Janeiro. Ed. Rocco, 1992.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In T. T. Silva (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes. 2007.

## **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

1. Idade
2. Gênero
3. Nome da lesão
4. Como é a sua relação com o seu corpo?
5. Por conta das suas lesões sua aparência já te incomodou?
6. Você já deixou de fazer algo por conta da sua aparência?
7. Você se sente bonito? E atraente?
8. Como é a sua relação com a moda ?
9. Como é a sua relação com a exposição do seu corpo?
10. Como você acha que as pessoas enxergam o seu corpo?
11. Como é a sua relação com as marcas? (De roupas, acessórios...)
12. Você já consumiu alguma marca motivado pela presença de uma pessoa com deficiência na campanha publicitária? Se sim, qual?
13. Você já divulgou alguma campanha publicitária por ter a presença de uma pessoa com deficiência na campanha?
14. Você consegue se recordar de alguma campanha de alguma marca que tenha tido a pessoa com deficiência como modelo?
15. Você tem alguma referência de beleza que seja uma pessoa com deficiência?
16. O quão importante você acha que poderia ter sido crescer com uma referência de beleza? (que tivesse o corpo parecido com o seu)
17. O quão importante você acha que a existência de modelos com deficiência pode ser benéfico para a sua autoestima?
18. Você sabia da existência das modelos com deficiência? se sim, o que você acha?